



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Dayse Gonçalves Fontenelle

Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal

Antinéia Silveira Miranda: movimentos de transformação

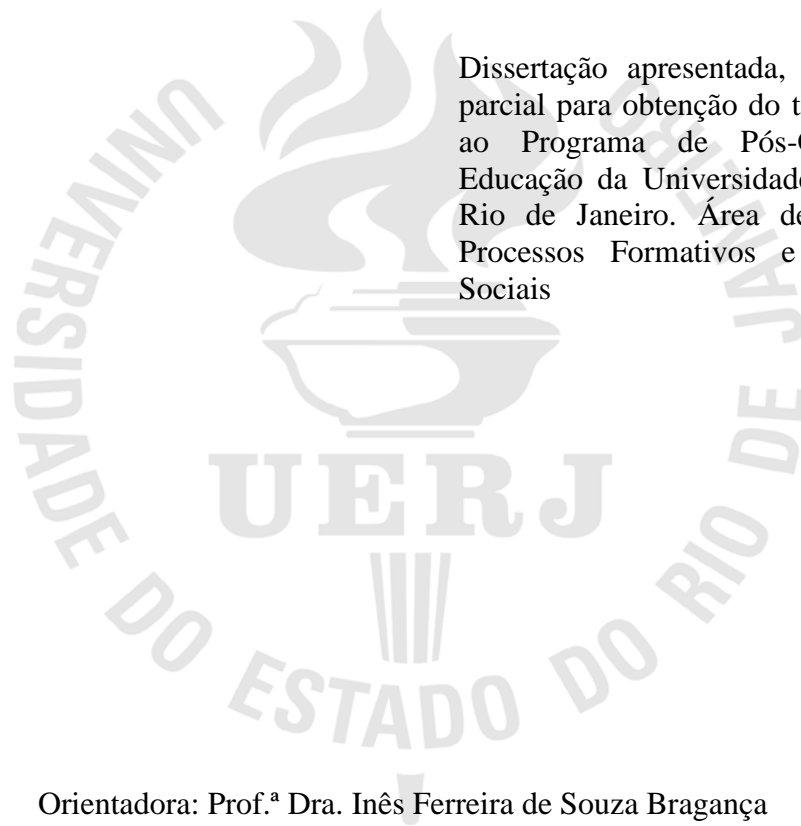
São Gonçalo

2018

Dayse Gonçalves Fontenelle

**Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal Antinéia
Silveira Miranda: movimentos de transformação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração. Processos Formativos e Desigualdades Sociais



Orientadora: Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F683 Fontenelle, Dayse Gonçalves.
Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda: movimentos de transformação / Dayse Gonçalves Fontenelle. – 2018.
103f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Professores – Formação – Teses. 2. Professores – Narrativas pessoais – Teses. 3. Horário de trabalho – Teses. I. Bragança, Inês Ferreira de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 371.13

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Dayse Gonçalves Fontenelle

**Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal Antinéia
Silveira Miranda: movimentos de transformação**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração. Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em: 11 de maio de 2018.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Anelice Astrid Ribetto
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^o Dr. Ricardo Manuel das Neves Vieira
Instituto Politécnico de Leiria

Prof.^a Dra. Alexandra Garcia
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

São Gonçalo

2018

DEDICATÓRIA

A minha família, meu marido e a minha filha muito amados, pai e irmã presentes e sempre na
torcida pelo meu sucesso.

Aos meus alunos, que muito me inspiram e me fazem querer ser melhor a cada dia.

Aos meus parceiros de profissão, que me ensinam diariamente com suas práticas.

E a todos os professores que tive ao longo da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Muito tenho a agradecer...

Agradeço ao meu marido por ser tudo de bom em uma só pessoa... agradeço aqui pelo companheirismo, pela troca, pela paciência, pelo incentivo, pelo ombro, pela ajuda técnica, por financiar meus projetos profissionais. Um companheiro de vida e de projetos de vida. Meu grande amor!

Agradeço a minha filha por me impulsionar a ser um ser humano melhor todos os dias através de seus questionamentos e de nossas conversas.

Agradeço ao meu pai por ter optado por manter sua família unida, por ser um exemplo de caráter e retidão, e, por me dado um bem muito precioso: educação. A minha irmã pela presença e o companheirismo. A ambos agradeço por perdoarem as ausências e, por sempre acreditarem na importância do que faço.

Agradeço aos meus parceiros de profissão, aprendi e aprendo, diariamente, com eles. Trocando experiências e refletindo sobre nossas práticas, vamos amadurecendo e qualificando o nosso trabalho. Gostaria de agradecer aqui em especial a Carla Cristina Martins da Conceição Vasconcellos, uma grande amiga e parceira de profissão, que me conduziu pela mão como a uma filha até a sala de aula em meu retorno aos estudos. Não estaria aqui sem o seu incentivo e cuidado. Agradeço também a Maria Cristina Rezende de Campos e Marizeth Faria Santos, amigas que o trabalho uniu e o cotidiano não separou. Obrigada pelas leituras indicadas. Obrigada pela revisão acurada e pelo incentivo constante.

Agradeço também as diretoras da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, Tatiana Esteves, Luciana Laureano e Kelly Perrou, que me incentivaram, participaram, apoiaram de forma incondicional a realização deste e de outros sonhos...Sem a ajuda de vocês o trabalho seria incompleto.

Agradeço ainda, a todos os professores que tive, pela contribuição inestimável a minha formação. Em especial, agradeço a professora Inês Bragança, por sua dedicação e delicadeza, que me fizeram acreditar que a academia é também o lugar do professor do ensino fundamental/médio. Obrigada pelo respeito e pela dedicação incansável à docência.

Gosto de ser gente, porque inacabado sei que posso ir mais além.

Paulo Freire

RESUMO

FONTENELLE, Dayse Gonçalves. *Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda: movimentos de transformação*. 2018.103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

O trabalho desenvolvido busca compreender e contextualizar, por meio das narrativas dos professores e diretores lotados desde o início do processo de municipalização da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, de que maneira foi construído o projeto de jornada ampliada da primeira escola de 3º e 4º ciclos da Rede Municipal de Educação de Niterói, bem como, as ações propostas pelo grupo envolvido em todo o processo, visando à formação integral dos professores/as e dos/as alunos/as de modo a dar novo significado às práticas sociais e pedagógicas constituintes do universo escolar. O objetivo proposto se desdobrou nas seguintes questões de estudo: Quais as mediações políticas possibilitaram a implantação da jornada ampliada na escola pesquisada? Como se relacionam as histórias de vida dos /as professores/as com as memórias e histórias da escola? De que modo a prática docente na escola, em seu dinamismo, contribuiu para a sua *(trans)formação*? Ao tecer um panorama da pesquisa são reconhecidas as fragilidades, as limitações e os caminhos que ainda não foram trilhados. A pesquisa toma como referencial teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica e foi desenvolvida por meio de *entrevistas conversas* com duas professoras regentes (uma delas é a autora do trabalho) e as duas diretoras da escola no momento da municipalização. O foco da pesquisa está direcionado às experiências de vida e formação dos sujeitos, entrelaçadas às memórias e histórias da escola.

Palavras-chave: Rede Municipal de Niterói. Narrativas de formação. Jornada ampliada.

ABSTRACT

FONTENELLE, Dayse Gonçalves. *Narratives on the implementation of the extended hours at Antinéia Silveira Miranda Municipal School: transformation movements*. 2018. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

This paper intends to understand and contextualize through the narratives of the teachers and principals involved since the beginning of the municipalization process of Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda (a municipal school), in what way was the project of extended hours for the first middle school of the Municipal Education Network of Niterói developed, as well as the actions proposed by the group involved in all of the process aiming for the formation of teachers and students, in order to grant a new meaning to the social and pedagogical practices that constitute the school universe. The proposed objective unfolds in the following study questions: What political mediations made possible the implementation of the extended hours in the researched school? How does the life story of teachers relate to the memories and stories of the school? How did the teaching practice, in its dynamism, contributed to the school's *(trans)formation*? By weaving a panorama of research, the fragilities, limitations and paths that have not yet been traced are recognized. The research takes as theoretical-methodological reference the (auto)biographical approach and will be developed through interview like conversations with two teachers (one of them being the author) and two principals from the school in the moment of the municipalization. The research focus on the life experiences and the formation of the subjects intertwined with the memories and stories of the school.

Keywords: Municipal Network of Niterói. Formation Narratives. Extended hours

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mosaico de fotos do acervo pessoal da autora	12
Figura 2 –	Imagem da Carteira de Identidade da autora	17
Figura 3 –	Imagem do arquivo pessoal da autora	19
Figura 4 –	Imagens da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda	30
Figura 5 –	Imagens do Park Guell, Barcelona	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB	Associação Atlética do Banco do Brasil
CEC	Conselho Escola Comunidade
CEPMA	Colégio Estadual Professor Manuel de Abreu
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CLIN	Companhia de Limpeza de Niterói
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
EMASM	Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda
FME	Fundação Municipal de Educação
ICHF	Instituto de Ciências Humanas e Filosóficas
IEPIC	Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

	PRIMEIRO CACO: ROTAS POSSÍVEIS	13
1	SEGUNDO CACO: UM POUCO DO QUE FUI E ESTOU SENDO	17
2	TERCEIRO CACO: COMEÇANDO A CORTAR OS CACOS	25
3	QUARTO CACO: CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA	30
4	QUINTO CACO: ENTENDENDO A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA	35
4.1	Pensando a Educação Integral	40
5	SEXTO CACO: REUNINDO ALGUNS CACOS	43
6	SÉTIMO CACO: CONSTRUINDO CACOS	49
6.1	Lúcia	50
6.2	Thaís	52
6.3	Denise	53
6.4	Primeiro Momento: quebrando o gelo em cacos	57
6.5	Segundo Momento: cacos do cotidiano	62
6.6	Terceiro Momento: cacos escondidos embaixo do tapete	70
	OITAVO CACO: CONSIDERANDO TODAS AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	75
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXO A – Roteiro de entrevista-conversa	82
	ANEXO B – Objetivos do projeto	85
	ANEXO C – Contrato de trabalho pedagógico – acadêmico	86
	ANEXO D – Termo de consentimento e livre e esclarecido	87
	ANEXO E – Ata da reunião entre a Superintendência de Planejamento e Integração das Redes e a Secretaria Municipal de Educação de Niterói	88

ANEXO F – Diário Oficial de Municipalização da Escola	90
ANEXO G – Diário Oficial de Nomeação da Direção Geral e Adjunta	91
ANEXO H – Diário Oficial de Nomeação da Direção Adjunta	92
ANEXO I – Tabela horizontal das entrevistas	93

Figura 1 - Mosaico de fotos do acervo pessoal da autora



PRIMEIRO CACO: ROTAS POSSÍVEIS...

Mesmo que a rota da
minha vida me conduza
a uma estrela , nem por
isso fui dispensado de
percorrer os caminhos
do mundo.
(José Saramago)

Cara(o) leitora(o),

É a minha intenção, por meio deste trabalho apresentar com as narrativas das participantes envolvidas nessa pesquisa, uma das possíveis versões, do que foi vivido por elas ao longo do processo de municipalização da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, esta que é a primeira escola de 3º e 4º ciclos da Rede Municipal de Niterói com horário integral. É para mim um grande desafio construir, junto aos demais participantes desse processo, o entendimento das mediações sociais, políticas e históricas que levaram ao processo de municipalização e a forma como tal processo foi conduzido e levado a termo. Também me proponho, entender os caminhos percorridos que levaram à adoção do horário integral e em que medida as experiências vividas por elas são formadoras e (trans)formadoras de suas práticas.

Ao longo do texto usarei o pronome pessoal no feminino para falar das narradoras, afinal as participantes são em sua totalidade do sexo feminino, não cabendo portanto, em acordo com o meu entendimento, generalizar usando o sexo masculino. Também uso ao longo do texto, as(os) professoras(es) como forma de demarcar a predominância do gênero feminino nessa área da educação.

Este trabalho representa o meu esforço de *percorrer o mundo* daquelas(es) professoras(es) e diretoras(es) lotadas na unidade escolar desde o início do processo de municipalização da E. M.A.S.M. Buscar entender como foram *conduzidos* até a escola, como viveram a construção do projeto de jornada ampliada, como a formação inicial e continuada influenciou e colaborou com sua práticas cotidianas, como se relacionam com os alunos e

professoras(as) da escola e ainda, quais influências sofreram até chegarem a escola. Através desses elementos da narrativa procuro encontrar o significado que atribuem à escola.

Mas, antes de iniciar a narrativa sobre o trabalho gostaria de alertar a todas(os) a respeito de alguns detalhes muito importantes. Ao dar início a essa leitura, cuidado com os muitos cacos que encontrará nesse caminho. Digo isso para que entendam que os cacos não se tratam apenas de uma metáfora, mas também da forma assumida no texto aqui desenvolvido. É isso mesmo! A apresentação dessa pesquisa foi “quebrada” em vários cacos. Quebrei cacos de vários tipos: cacos pessoais, cacos de acontecimentos, cacos de contextos, cacos de histórias narradas, cacos de conceitos, cacos teóricos... os cacos apresentados buscam compor o cenário, o contexto da municipalização da E.M.A.S.M.

O cenário composto através dos cacos aqui reunidos seria incompleto e pouco expressivo sem a presença dos alunos, dos funcionários e das(os) professoras(es). Escolhi trazê-los para o interior do estudo, tornando-os aparentes em todo o texto por meio do recurso da marca d'água. A composição da imagem por trás do texto foi resultado da reunião das inúmeras fotografias acumuladas por mim e pela escola ao longo do tempo. Fiz a seleção das fotos tendo como critério visibilizar atividades desenvolvidas pelo grupo de professores, funcionários e alunos. Dispus as imagens selecionadas em pequenos cacos que preencheram uma folha tamanho A4 e depois imprimi. Usando a folha impressa com as fotos recortei as letras iniciais do nome da escola e as coleí em outra folha A4. A colagem foi fotocopiada e transformada em imagem. Foi um trabalho artesanal que buscou, por meio do recurso estético, apresentar o que de fato compõe a escola: os alunos, os funcionários e os professores. As imagens traduzem um pouco dos fazeres, das dinâmicas, dos movimentos, dos acontecimentos vividos por um grupo... As imagens não são nítidas para que o grupo ganhe destaque.

Dadas às necessárias explicações, vamos percorrer aos cacos...

O primeiro é uma espécie de mapa para a leitura do trabalho desenvolvido.

No segundo caco me esforço para delinear uma narrativa de si, apresentando uma discussão sobre identidade e a sua incompletude. Situo esse debate no campo da permanente construção, tendo em vista que estamos em constante relação com o outro, com o ambiente e conosco. Outro conceito usado que permeia a construção de si é o da experiência que toca e transforma e que pode ser reconstruído por meio da narrativa, na busca dar sentido ao que foi vivido. (DELORY-MOMBERGER, 2000; HALL, 2015; VIEIRA, 2000; PINEAU, 2010; (LARROSA, 2016). Nesse sentido, faço uma espécie de declaração de propósito ao selecionar

acontecimentos vividos por mim, numa tentativa de apresentar um pouco do que fui e o que estou sendo (VIEIRA, 2000).

O terceiro caco apresenta as contradições do sistema escolar que por um lado assume a função social de replicar o modelo social vigente, por outro é espaço de incorporação cultural, de reafirmação de direitos e onde se operam elementos emancipatórios. Outra contradição tratada diz respeito à ampliação do tempo na escola que aparece nesse contexto como um uma forma de qualificar do tempo, mas também como maneira de ocupar o tempo. A escola surge também como campo de pesquisa e espaço onde se operam projetos externos a ela, mas é também o espaço da autonomia, das táticas criadas para dar espaço a criatividade dos praticantes; além de ser local onde a(o) professora(o) é o centro de sua própria formação. (NÓVOA, 1992; CONTRERAS, 2002; MASSECHELEN:SIMONS, 2017; SEMET, 2010; GATTI, 2010; CERTEAU, 2014).

Dito isso, passo então a expressar quais são os objetivos da pesquisa, a metodologia usada para chegar ao objetivo, assim como identifico os sujeitos da pesquisa e os possíveis desdobramentos.

No quarto caco apresento um pouco da história do bairro e revelo a dificuldade encontrada em localizar documentos sobre a fundação da escola antes de sua municipalização. Diante da dificuldade aponto a opção por tratar mais detidamente o processo de municipalização por meio das narrativas tecidas nas *entrevistasconversa*. (CECITEC, 1996; NUNES, 2010).

O quinto caco reúne o conceito de Ferraço (2013) de produzir saberes “com” a escola e não “sobre” ela, com Nóvoa (1992), que entende o professor como um produtor de conhecimento embasado na sua prática real. O conhecimento que é construído através da narrativa, usa como material a memória individual e do grupo que vai sendo, seletivamente, organizada de maneira pessoal para tornar o autor, dono de seu processo formativo e reflexivo, para que possa tornar essa experiência, formadora e transformadora do seu fazer. A experiência acontece com o contato com o outro e essa proximidade é capaz de nos deslocar e nos tornar mestiços, manifestando através do encontro, a interculturalidade. (VIEIRA, 2009; POLLAK, 1992; DELORY-MOMBERGER, 2006; JOSSO, 2010). Em um desdobramento da reflexão sobre o fazer na escola, inicio um breve relato sobre a educação integral. Nele apresento o contexto do surgimento do debate sobre a escola em tempo integral e as propostas para a educação integral dos anos 1930, também me proponho a debater os conceitos de aluno ou escola em tempo integral. (CAVALIERI, 2009; GALLO, 2002; CHAVES, 2002).

No sexto caco afirmo que as narrativas trazem à tona a memória e assumo que essas narrativas são consideradas um potente dispositivo formador e transformador além de possibilitar a aproximação às práticas da cultura da localidade e visibilizar as práticas gestadas, pelos envolvidos no processo, no interior da escola. (GARCIA/OLIVEIRA, 2014; POLLAK, 1992; DELORY-MOMBERGER, 2006; VIEIRA, 2009).

O sétimo caco foi dedicado ao estudo das narrativas tomando como suporte o conceito de compreensão cênica. Iniciei este caco apresentando as professoras, mas vale destacar que todas escreveram as suas respectivas apresentações. Assim sendo, dividi o estudo em três grandes momentos: quebrando o gelo em cacos (o encontro), cacos do cotidiano (cenas do cotidiano) e cacos escondidos embaixo do tapete (cenas implícitas). (MARINAS, 2001).

O oitavo caco corresponde ao panorama desenvolvido pelo estudo, o reconhecimento das fragilidades e os caminhos que não foram percorridos. Questionamentos ainda existem, mas isso exige mais conversas, mais pesquisas, mais cacos a serem encontrados...

1 SEGUNDO CACO: UM POUCO DO QUE FUI E ESTOU SENDO...

Figura 2 - Imagem da Carteira de Identidade da autora



À primeira vista, estou oficialmente definida. Tenho um nome e um sobrenome; um número de identificação oficial; a definição do meu estado civil e minha filiação. Sou de fato essa pessoa, mas será que sou só isso? Somos definidos e identificados, apenas, por nossos documentos oficiais? Será essa identificação o bastante?

Segundo Hall (2015), o sujeito na modernidade não é dotado de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Sua identidade se transforma continuamente sempre que interage social e culturalmente. Assume identidades diversas, por vezes contraditórias, quando empurrado em direções diferentes e que o deslocam, e isso acontece em várias ocasiões ao longo da vida.

A identidade é assim, um processo inacabado e que se projeta para trás no passado, no presente cotidiano e nos projetos que fazemos de futuro, que ganham contornos subjetivos, pessoais e complexos (VIEIRA, 2000). O ser humano, esse todo identitário, constrói-se a si mesmo quando interage com outros (heteroformação), com o meio ambiente (ecoformação) e consigo (autoformação) (PINEAU, 2010), sendo, portanto, essas interações referências para sua construção e transformação.

Diante de tão forte argumento, veio-me uma questão: quem estou sendo?

Assim, percebendo a minha incompletude e as mais variadas influências, interferências e transferências produzidas em mim e por mim, considero este questionamento, inspirado no autor Ricardo Vieira, em sua obra *Identidades pessoais* (2009), fundamental para

a compreensão de alguns lampejos da minha trajetória. Sou hoje resultado de incontáveis encontros e desencontros que, reunidos, vão compondo a pessoa que estou sendo. É importante ressaltar que, em nenhum momento da minha trajetória de vida, considero que exista a hipótese de estar completamente formada, preparada, concluída. A busca por conhecimento, por melhores caminhos, por aprimorar o meu fazer fizeram com que planos e projetos fossem inúmeras vezes refeitos ou recomeçados. Nem sempre o resultado final foi o idealizado inicialmente. É bem verdade que algumas vezes superou expectativas e, em outras, trouxe muitas frustrações. Com base nesse movimento de muitas idas e vindas, um vocabulário composto por palavras como “construindo”, “reconstruindo”, “trocando”, “aprendendo”, “persistindo” foi norteando minhas experiências e me trouxe até aqui.

Considero importante pontuar que entendo por experiência tudo aquilo que nos passa, o que nos acontece e, conseqüentemente, nos toca. E para que a experiência aconteça é necessário um gesto de interrupção para olhar, pensar, escutar de forma demorada, lenta e paciente. O sujeito que vive a experiência - e que está aberto a ela - é formado e transformado. Ele produz um saber, o saber da experiência, que não pode estar apartado do indivíduo concreto, singular (LARROSA, 2016).

Vale ainda lembrar que narrar as experiências vividas não é reconstituir o curso factual e objetivo do que foi vivido e, sim, um ato de passagem, pelo qual aquele que narra a sua história de vida retoma em acordo com as associações que faz com o espaço e o tempo de sua existência. O sujeito que narra sua história de vida, buscando significar e dar sentido à sua trajetória, seleciona ínfimas partículas do que viveu e reconstrói a história de si mesmo. É, portanto, uma enunciação instável e transitória, que se reconstrói e não acaba em si mesma. A sua importância está na noção de conveniência que a história toma no momento da enunciação (DELORY-MOMBERGER, 2000).

Por acreditar que o saber da experiência ganha um sentido particular em cada um de nós, seres dotados de personalidade, caráter e sensibilidade singulares (LARROSA, 2016), falar a respeito de como nos formamos profissionalmente implica uma reflexão sobre a maneira como nos constituímos seres humanos no seio de nossas famílias. Somos profissionais, mas como tais não estamos apartados das nossas experiências de e na vida fora de nosso ambiente de trabalho.

Cresci em uma família de tradições portuguesas, que gravitava em torno de uma mulher que a vida tornou muito forte e especialista em se reconstruir, recomeçar, persistir: minha tia Alzira. Ela veio de Portugal para o Brasil de navio com a minha avó aos 11 anos.

Nunca havia visto o pai. A viagem tinha o objetivo de reunir a família, tendo em vista que o meu avô veio para o Brasil anos antes em busca de oportunidades. Sempre gostei de ouvir suas histórias a respeito da sua vida em Portugal, sobre a sua chegada ao Brasil, sobre a infância do meu pai, seu casamento, os filhos... tantas histórias... tantas impressões... tantos sentimentos...

Figura 3 - Arquivo pessoal da autora



Muitas histórias eram narradas à mesa do almoço de domingo, quando a família se reunia na casa da tia Alzira para encontros prazerosos, demorados e animados. Nessas ocasiões, e também nos lanches vespertinos, muitas histórias eram lembradas, algumas vezes com a ajuda de primos e tios que, em visita, traziam consigo suas memórias, notícias e novas histórias de além-mar.

Juntando a tradição de ouvir/contar histórias do passado da família ao fascínio exercido pelos excelentes professores da disciplina de História, Lélío e Gilberto, que tive no Ensino Fundamental e Médio, cheguei à opção por cursar História. Era um momento especial da História do país, tempos de abertura política, quando o conhecimento da História ganhou enorme projeção e um charme peculiarmente transgressor. Mas também é verdade que alguns professores e o meu pai, principalmente, tentaram me convencer a optar por outro curso. Diziam que eu passaria facilmente para qualquer outra faculdade e, fazendo História, seria somente professora. Mas eu estava decidida. Era o curso de História a minha escolha.

Assim, em 1987, iniciei o Curso de Graduação de Licenciatura em História, na Universidade Federal Fluminense (UFF). A entrada na universidade no primeiro vestibular foi uma grande vitória pessoal. Lembro-me de entrar no prédio do Instituto de Ciências Humanas

e Filosofia (ICHF) de cabeça erguida e sorriso de vencedora no rosto. A cabeça estava tumultuada de expectativas, mas tinha a convicção do rumo e muita disposição.

Logo no primeiro semestre da licenciatura, tomei outra decisão que causou polêmica: fazer o Curso Normal oferecido no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC). Tomei essa decisão diante da percepção de que a graduação estava mais voltada para o bacharelado, ou seja, para formar pesquisadores, por isso eu estaria longe de uma formação capaz de dar conta da realidade da sala de aula. Sentia necessidade de me preparar para a docência, de adquirir prática, aproximando-me da realidade da escola. Na Universidade, só tomaria contato com a prática no último ano do curso, o que, em minha opinião, não era o bastante.

As disciplinas do curso normal e os estágios foram um mergulho na realidade da escola pública. Fiz estágios no próprio IEPIC e no Colégio Estadual Professor Manuel de Abreu (CEPMA). Estar envolvida no cotidiano escolar, viver a escola em seu dinamismo me empolgou bastante. Durante os estágios realizados ao longo do Curso Normal, tive a oportunidade de conviver com professores muito competentes e envolvidos com suas turmas (professora Alba e professora Jane são inesquecíveis), e outros nem tanto. Considero ter sido fundamental possuir esta formação para atuar como professora regente em escolas públicas. Durante dois anos, o Curso Normal e a Graduação em História foram cursados concomitantemente. Pela manhã e à tarde, estava no IEPIC e, à noite, cursava História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Situações diferentes, mas que estavam em perfeita sintonia para mim.

Ao final do Curso Normal, continuei minha trajetória, exclusivamente, como aluna do Curso de História na UFF. Foi então o momento de experimentar a prática de pesquisadora. Participei e fui aprovada em processo seletivo para atuar como Bolsista de Iniciação Científica, do projeto da Professora Doutora Rachel Soihet. O tema da pesquisa era sobre Cultura Popular¹. Trabalhei como Bolsista do CNPq durante dois anos, nos quais pesquisei em várias instituições², elaborei relatórios sobre o trabalho desenvolvido, analisei e classifiquei o material coletado. Viver esse momento de trabalho em contato com materiais tão ricos, muitas vezes nunca tocados por um pesquisador, e que traziam à tona narrativas capazes de traduzir uma época, suas tradições e contradições, trouxe-me um sentimento de

¹A pesquisa da qual participei foi publicada com o título: A subversão pelo Riso: Estudos sobre o Carnaval Carioca da Belle Époque ao Tempo de Vargas.

² Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Casa de Rui Barbosa, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

contentamento, regozijo. E, por conta desse trabalho como bolsista/pesquisadora e pelo contato com muitas fontes que me inspiraram, construí o projeto de pesquisa para a conclusão da disciplina Introdução ao Estudo da História IV, cursada nos últimos períodos da faculdade. Na verdade, em meio aos documentos pesquisados em arquivos diversos e bibliotecas, encontrei muito interesse pela pesquisa acadêmica. Era encantador encontrar fontes capazes de dialogar com a pesquisa.

No final da Graduação, concorri com o projeto de pesquisa, desenvolvido na referida disciplina, a uma vaga no mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em 1992, ingressei no mestrado da UNICAMP e, sob a orientação do Professor Doutor Sidney Chalhoub, comecei a desenvolver a pesquisa. Contudo, em virtude de problemas particulares, não houve meios de concluir o mestrado. Após o cumprimento dos créditos necessários, engraidei e tive algumas complicações de saúde que me obrigaram a longos períodos de repouso. A distância entre Niterói e Campinas também não facilitou muito. É preciso ressaltar que me refiro a uma época onde computadores começavam a entrar nos lares brasileiros e o acesso à internet discada era difícil e muito caro. Por isso, mesmo possuindo muito material para a elaboração da dissertação, não consegui cumprir os prazos e decidi abandonar esse projeto.

Mas a vida segue seu fluxo e nos conduz por caminhos não planejados. Assim, o retorno à docência tornou-se claro. Entre 1997 e o primeiro semestre de 1998, comecei a trabalhar no Colégio Dom Helder Câmara, ministrando aulas de História para o 6º, 7º, 8º e 9º anos de escolaridade. Foi um período de muita aprendizagem, pesquisas e descobertas. Encontrei, naquela escola, uma organização bastante tradicional. As aulas, as atividades e as avaliações eram supervisionadas por uma pedagoga e com ela aprendi muito, mas principalmente a defender métodos de ensino e critérios avaliativos. As turmas eram pequenas e muito receptivas. Muitos trabalhos criativos foram realizados. Foi um período em que descobri grande prazer em construir saberes a partir dos interesses dos alunos.

Mas o melhor estava por vir. Ainda em 1997, fui aprovada no concurso público da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro e, logo no ano seguinte, em 1998, ingressei também, por aprovação em concurso público, na Rede Municipal de Educação do Município de Niterói. Atuo como professora regente da Rede Estadual há 20 anos e, na Rede Municipal de Niterói, há 19 anos. Iniciei minha carreira na rede pública de ensino em duas unidades escolares localizadas no mesmo bairro, Ilha da Conceição, no Município de Niterói. Durante muitos anos, fui a professora de História de quase todas as crianças daquele bairro.

Acompanhei a trajetória escolar de muitos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Conheci de perto a história de vida de muitos deles. Convivi, também, com muitos professores que contribuíram imensamente para a minha formação. Preciso registrar aqui a importância de duas profissionais que me acolheram, participaram e influenciaram essa formação. Profissionais e seres humanos do mais alto nível. Encontrei-as na Escola Estadual na qual trabalho ainda nos dias de hoje. Refiro-me à professora Georgia Nívia, atualmente coordenadora pedagógica, e à sua mãe, professora Lândia, já aposentada. Essas duas professoras me ensinaram muito, principalmente a observar o aluno como um ser carregado de histórias que influenciam seu comportamento e sua forma de aprender, e a disciplina necessária para organizar materiais, diários, avaliações. Convivi com muitos professores experientes e outros nem tanto. De cada um, guardo um pouco das vivências. Com o passar do tempo, não era mais aquela profissional do final da década de 90; fui atravessada por tantas histórias de alunos, de pais, de professores, que, paulatinamente, fui desconstruindo mitos e reconstruindo saberes de forma contínua. Tais saberes oportunizaram condições para lidar com a realidade.

Parecia que, àquela altura da vida, tudo já estava encaminhado, que continuaria trabalhando com os alunos até me aposentar, mas, em uma reunião para os professores de História da Rede Municipal de Niterói, fui convidada para integrar a equipe de Coordenação do 3º e 4º ciclos na Secretaria/Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME) como Coordenadora da Disciplina de História. A equipe era composta por professores representantes de todas as disciplinas e tinha por objetivo promover a Formação Continuada e a aproximação entre a escola e o órgão gestor. Durante o tempo em que integrei a Coordenação de 3º e 4º Ciclos, tive como foco oportunizar aos professores da Rede materiais pedagógicos, Formações Continuadas e Projetos que estivessem afinados com a realidade encontrada nas escolas. Promovi várias reuniões com os professores da disciplina de História da Rede, organizei Formações Continuadas, participei da elaboração e do monitoramento do Projeto de Reorientação da Aprendizagem, voltado ao reforço escolar, e do Projeto Quartas Intensivas, direcionado especificamente aos alunos do 9º ano de escolaridade³. Fiquei afastada vários meses da coordenação em 2013, por problemas de saúde. Demorei bastante

³ Reorientação da Aprendizagem – projeto que funcionou entre os anos de 2010 e 2011, ocorria no contraturno e oferecia reforço escolar nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências. Quartas Intensivas – proposta que funcionou entre os anos de 2010 e 2011, com ação direcionada aos alunos do 9º ano de escolaridade, na qual se trabalhava com questões baseadas nos descritores da Prova Brasil nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. As aulas aconteciam no horário do planejamento semanal coletivo dos professores regentes e, por essa razão, contava com a atuação de estagiários que participavam de formações periódicas realizadas pelas Coordenadoras das disciplinas envolvidas no projeto.

para me reestabelecer. Quando enfim voltei a atuar como coordenadora, o quadro político havia mudado tudo e determinado o fim de todos os projetos nos quais atuava. Diante de tamanho desapontamento, somado à fragilidade física, a permanência na Coordenação de 3º e 4º ciclos tornou-se impossível. Perceber que a vida ou a morte de projetos educacionais para as escolas públicas possuem limitadores políticos me fez entender que o chão da escola é onde tudo pode acontecer, mudar, refazer-se e consolidar-se.

Plenamente reestabelecida e com muita vontade de fazer o melhor trabalho possível, voltei para a sala de aula como professora regente da E. M. Antinéia Silveira Miranda, uma escola com horário ampliado⁴, municipalizada naquele ano. Nessa escola, localizada no Bairro do Caramujo, no Município de Niterói, foi iniciado um trabalho coletivo voltado à aprendizagem e à socialização dos atores do processo educativo. O foco era criar um ambiente acolhedor e favorável à aprendizagem. Para isso, foi preciso construir e reconstruir conceitos de conhecimento, de linguagem e de afetividade. Sem negligenciar a disciplina, a escola sempre priorizou a aproximação e o diálogo com alunos e professores como fundamentos para a construção dos saberes.

Apesar de estar muito satisfeita na escola e com o meu trabalho, em junho de 2014 integrei a equipe da Secretaria de Educação do Município de São Gonçalo, como Coordenadora do Segundo Segmento do Ensino Fundamental. Fui para a SEMED com o propósito de implementar Projetos de Reforço Escolar, de Correção de Fluxo e Preparatório para Concursos em Escolas de Ensino Médio⁵. Fiquei pouco tempo na secretaria de São Gonçalo, permaneci somente até ter cumprido os objetivos propostos. Novamente, as questões de cunho político atrapalharam o andamento dos projetos que foram sendo adaptados às questões orçamentárias.

Durante a minha experiência na FME ou mesmo na SEMED, permaneci como professora regente da rede estadual, ainda que afastada da sala de aula na minha matrícula do município. Por essa razão, não foi difícil voltar para a E. M. Antinéia Silveira Miranda como professora regente. A escola havia sido parcialmente reformada, os projetos iniciados em 2014 tiveram continuidade e o grupo formado tornou-se mais coeso, experiente e motivado. Reintegrá-lo foi um enorme prazer.

⁴ A E. M. Antinéia Silveira Miranda foi municipalizada em dezembro de 2013. Desde o início do funcionamento, o horário de atendimento é das 8 horas às 16 horas na maior parte da semana.

⁵ O programa de Correção de Fluxo era chamado de “A Hora da Virada”. O programa preparatório para provas da rede federal e estadual era chamado “De olho no Futuro”. O programa de reforço era chamado de “Matemática e Língua Portuguesa em dobro”.

Foi imensa a satisfação de retornar à escola e ser recebida de forma muito calorosa pelos alunos, professores e funcionários. A minha motivação tornou-se mais vigorosa em estar mais atenta às suas histórias de vida e à construção de saberes que fizessem sentido para eles.

Hoje, em 2018, continuo atuando na Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda. O trabalho desenvolvido pela equipe continua buscando atender o aluno em sua totalidade. Estamos juntos com eles desde o momento da entrada no ambiente escolar, durante as refeições e até o retorno às suas casas. Exercitamos continuamente o nosso olhar para ver cada aluno como um ser único e dotado de histórias. A história de vida de cada indivíduo contribui para o crescimento do grupo. O maior desafio é conciliar todos os elementos envolvidos na construção dessa história.

Narrar essas histórias tornou-se, então, uma necessidade. Era preciso registrar os nossos fazeres e, conseqüentemente, a (trans)formação dos/as professores/as, além de dar visibilidade ao projeto de uma escola com horário ampliado. Por tanto falar desse assunto, uma grande amiga e mestranda do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores, na época, Carla Cristina Martins da Conceição Vasconcellos, não só me apresentou o programa de pós-graduação, como me acompanhou no primeiro dia de aula como ouvinte da disciplina ministrada pela professora Inês Bragança. Foi um encontro muito potente. A cada leitura, discussão de texto e encontro com o grupo da disciplina, ficava mais fascinada com a possibilidade de tornar audível a voz da escola. Foi exatamente com esse objetivo que me submeti ao processo seletivo do mestrado (2016).

Dessa forma, grande parte do que “estou sendo” como professora é resultado de inúmeras construções e reconstruções. Os materiais dessa construção, reunidos em forma de cacos, foram as incontáveis trocas realizadas ao longo da minha trajetória com os alunos, com os pais, com os professores, diretores, pedagogos e formadores. Ganhei muito e acredito ter deixado um pouco da minha experiência para cada um deles, como se fossem reflexos. Em alguns momentos, confesso, fraquejei diante das dificuldades, das carências de recursos, da pouca valorização e das questões ligadas à política de governo que insistem em se misturar com o cotidiano da escola; diria que me cortei com os cacos oferecidos. Mas a persistência sempre me fez continuar, aparar arestas, recolocar pedaços em seus lugares, recomeçar e, quem sabe, fazendo melhor do que fiz até agora.

2 TERCEIRO CACO: COMEÇANDO A CORTAR OS CACOS...

*O vento espalha,
 espalha palavras, as leva para longe.
 Desprende e carrega folhas.
 Varre tudo.
 Sentimentos, mágoas, pensamentos...
 Varre para longe, longe...*

*O vento junta,
 junta nuvens, acumula tempestades.
 Aproxima, reúne, aglomera.
 Barcos... rebanhos... pessoas...
 Traz para perto, muito perto...*

*Leva, separa, varre...
 Mistura, embola, aproxima...*

*Finca os pés,
 mas balance com o vendaval.
 Bagunça...
 desloca, remove, transforma.
 (Fontenelle, Dayse. Ventania)*

A escola, como parte da sociedade, ao mesmo tempo se constitui e é constituída por essa. É, por isso mesmo, em sua natureza uma instituição complexa, local de tensões, enfrentamentos e esperanças.

Existem, por um lado, políticas públicas que impulsionam a expectativa de que a escola pública seja o lugar responsável por solucionar todos os problemas relativos à disciplinarização das camadas menos favorecidas da sociedade, formando cidadãos aptos para o trabalho e capazes de obedecer às regras do jogo social vigente ao final do processo

educativo. A escola, sem nenhuma reflexão, deveria exercer o papel de reproduzir a visão hegemônica; nesse contexto, educar para o trabalho e perpetuar os valores burgueses passa a fazer parte do ofício docente (CONTRERAS, 2002). Mas, por outro lado, espera-se que a escola que seja uma instituição capaz de incorporar as diferentes experiências culturais da população, valorizando esse espaço como um local onde todos têm direito a uma educação para a vida social e democrática (CAVALIERE, 2009).

Será a escola apenas um instrumento normatizador, governado por interesses de Estado? Faz-se necessário aprofundar o que entendemos por escola e, para tanto, é imprescindível olhá-la do ponto de vista educacional, ou seja, observá-la em termos de operações efetivas e reais realizadas por um arranjo particular de pessoas, tempo, espaço e matéria, considerando assim, que essas operações são emancipadoras. Nesse sentido, a escola não está orientada e nem domesticada por uma utopia política, nem ainda por uma ideia normativa, mas é em si mesma a materialização de uma crença utópica: cada um pode aprender tudo. Essa crença é um ponto de partida, pois traz o indivíduo para a posição de ser capaz e o expõe a algo que está fora de seu convívio familiar e social. É uma forma de levar a aprendizagem e a educação de volta à escola, e considera a aprendizagem escolar um estar-no-meio não direcionado por nenhuma finalidade nem por uma falta ou necessidade (MASSCHELEN; SIMONS, 2017).

Nesse contexto de expectativas, acrescento o debate sobre a ampliação da jornada escolar. Mas, com o intuito de aprofundar a discussão, é preciso tratar esse tema fundamental analisando o uso e a qualificação deste tempo ampliado e, para tanto, torna-se necessário repensar o modelo escolar que se baseia exclusivamente na transmissão de conteúdos, para chegarmos a uma perspectiva que incorpore novas oportunidades educativas. Isso implica repensar a proposta vigente, na qual a escola e o professor são os únicos espaço e agente educativos. Para alterar essa concepção, é necessário realizar a “articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos, e equipamentos públicos” (BRASIL, 2014).

Pensar na educação pública brasileira envolve muitas questões que nos inquietam e nos mobilizam. E com o intuito de dar uma conotação científica à discussão sobre o tema, o envolvimento de outras áreas de conhecimento, como a psicologia, a biologia, a neurociência, a economia e até mesmo a filosofia, torna-se um recurso e uma prática bastante comum. Frequentemente, o estudo da educação e da aprendizagem é transformado num campo de aplicação de complexas teorias que privilegiam o entendimento sobre política, ética e

sociedade, deixando à margem uma discussão aprofundada sobre educação e aprendizagem. (SIMONS;MASSECHELEIN, 2017)

O embasamento teórico e operacional que faz a mediação entre a função da escola e a forma como deve funcionar é muitas vezes procurado fora do ambiente escolar. Inúmeros são os estudos acadêmicos e rigorosamente científicos que utilizam o ambiente escolar como campo de pesquisa. E, após longo período de coleta de dados, um diagnóstico minucioso é elaborado e algumas direções são apontadas (SANTOS, 2010). Muitas políticas públicas são implementadas pelos governos, tomando como base estudos que, supostamente, desnudam o ambiente escolar em toda a sua complexidade ou, pelo menos, algumas facetas desse. Projetos e metodologias são criados e encaminhados para as escolas, a fim de que novos caminhos sejam percorridos e melhores resultados sejam alcançados (GATTI,2011).

A escola, então, torna-se o campo para a realização das estratégias que tornam possível capitalizar vantagens, expandir e solidificar posições do grupo dominante. O espaço escolar é estrategicamente controlado para assegurar a posição da classe dominante e garantir que o entendimento dessa classe como tal se perpetue. Por outro lado, na mesma escola onde projetos de poder são colocados em prática, emergem táticas autônomas, bem no campo de visão do “inimigo”, que opera no contragolpe. Não há, nessa ação tática, a visão de permanência ou ganho. É apenas a arte do fraco em sua ação possível (CERTEAU, 2014).

Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. (CERTEAU, 2014, p.95)

Segundo a autora Gurgel (2016), que inspira seus estudos em Walter Benjamin, no campo educativo predomina a perspectiva técnico-administrativa-empresarial e esta busca ordenar e racionalizar os sistemas de ensino. Separa-se o conhecimento em peças-disciplinas e o tempo necessário à reflexão é completamente esvaziado de sentido. Busca-se, com isso, planejar as trajetórias e regular os itinerários possíveis, não dando espaço aos desejos, às viagens, aos fluxos e contrafluxos imprescindíveis a uma forma de pensar criadora. A educação passa a ser entendida de forma reduzida à dimensão técnica.

Contrariando as expectativas hegemônicas, a pesquisa aqui desenvolvida busca ressignificar a escola como um espaço de produção de saberes. E, principalmente, o/a professor/a como um produtor de conhecimento sobre a sua prática. Para tanto, reiterar a centralidade do/a professor/a como sujeito de sua formação é essencial. Como nos afirma

Nóvoa (1992), “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”, por isso é fundamental encontrar um espaço dialógico entre as dimensões do pessoal e do profissional para que os professores possam se apropriar de seus processos de formação, dando a eles real sentido.

Devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do percurso da vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica (DOMINICÉ, 1990, p.149-150).

Partindo desse pressuposto, a pesquisa proposta buscará contextualizar o processo de constituição da primeira escola de 3º e 4º Ciclos funcionando com horário ampliado da Rede Municipal de Niterói, bem como a forma como esse processo implicou movimentos de *transformação* dos docentes envolvidos. Para compreender tal processo, serão consideradas as narrativas dos professores e diretores que atuam na escola desde o início de seu funcionamento.

Também são partes importantes da pesquisa as possíveis histórias da (trans)formação dos professores que estiveram presentes desde o início do funcionamento como escola Municipal para, assim, visibilizar de que forma foi construída a relação entre professores e alunos, entre os professores e os profissionais responsáveis pela direção da escola, entre a escola como um todo e os responsáveis pelos alunos. Apresentar o que aconteceu a cada um dos envolvidos durante a experiência da municipalização e da interação com todos os participantes no processo é uma forma de refletir sobre o ocorrido, elaborando sentidos, ou a ausência deles (LARROSA, 2016).

Portanto, pesquisar a Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, a primeira escola de 3º e 4º ciclos da Rede Municipal de Niterói, é de fundamental importância para entender as mediações sociais, políticas e históricas que levaram ao processo de municipalização e à forma como esse foi conduzido. Além disso, esse estudo permite entender os caminhos percorridos pelos envolvidos que levaram à adoção do horário ampliado e em que medida as experiências vividas por eles são formadoras e (trans)formadoras de suas práticas.

Desse modo, o trabalho tem como objetivo compreender e contextualizar, por meio das narrativas de duas professoras (Denise e Dayse) e diretoras (Thaís e Luciana) lotadas desde o início do processo de municipalização da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, de que maneira foi construído o projeto de jornada ampliada da primeira escola de

3º e 4º ciclos da rede Municipal de Educação de Niterói, bem como as ações propostas pelo grupo envolvido em todo o processo, visando à formação integral dos professores e dos alunos de modo a dar novo significado às práticas sociais e pedagógicas constituintes do universo escolar.

O objetivo geral se desdobra da seguinte forma: analisar as mediações políticas que possibilitaram a implantação da jornada ampliada na escola pesquisada; favorecer visibilidade aos sujeitos do processo de formação da escola por meio das narrativas de suas experiências de formação e compreender se, de alguma maneira, a sua prática na escola, em seu dinamismo, contribuiu para a sua (trans)formação.

A pesquisa toma como referencial teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica e será desenvolvida por meio de *entrevistas conversas* com foco nas experiências de vida e formação dos sujeitos entrelaçadas às memórias e histórias da escola.

Assim sendo, buscando destacar a importância da palavra dada nessa pesquisa, ao longo do texto, apresentarei as narrativas, tanto as transcrições das *entrevistas conversas*, como os fragmentos do diário de itinerância, utilizando a mesma grafia, tamanho e espaçamento que o restante da escrita. Ao assumir essa apresentação tive a intenção de sublinhar o protagonismo da narrativa nesse trabalho. Por isso, as imagens aparecem como forma de narrar as ideias desenvolvidas ao longo do texto escrito. Nem a fala das participantes, nem as imagens pretendem assumir um caráter meramente ilustrativo. Fala, imagem e texto se entrelaçam estabelecendo uma relação indissociável entre a forma e o conteúdo, em todo o texto, que se inscreve como uma pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica.

3 QUARTO CACO: CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA...

Figura 4 - Imagens da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para falar da escola, preciso antes apresentar um pouco da história sobre o bairro onde ela está inserida. O bairro Caramujo faz parte de uma região do município de Niterói denominada “mar de morros” pela sucessão de vales e colinas de baixa altitude e a escassez de áreas planas. Ao todo, o bairro abrange uma área de 2,77 km² e até o ano 2000 possuía 13.186 habitantes. A região recebeu esse nome por, na sua origem, possuir apenas uma via de acesso bastante sinuosa, ocasionando muitas voltas para que fosse possível chegar ao destino. Inicialmente, a região foi ocupada por sítios e fazendas que desenvolviam atividades agrícolas, mas por volta da segunda metade do século XX teve início o processo de loteamento das antigas propriedades, ocasionando o aumento de moradias familiares, inclusive nas encostas. A ocupação mais intensa da área se deu na década de 70, em acordo com uma política econômica excludente que favoreceu o surgimento de bairros periféricos com traços de favelização (CECITEC, 1996).

Hoje, o bairro possui muitas vias de acesso que possibilitam sua ligação com vários bairros de Niterói. Não são mais necessárias voltas circulares em uma única via para se chegar ao destino. E, talvez, por conta dessa farta comunicação, como outras localidades de grandes cidades, o bairro sofre com a presença do tráfico de drogas de forma intensa, o que altera a dinâmica e o cotidiano das pessoas que lá habitam.

No projeto inicial, pretendia apresentar um pouco da história da fundação da escola no momento de sua inauguração, mas não encontrei nenhum material documental referente a esse momento nos muitos papéis que foram deixados pela gestão do estado. Os documentos encontrados e pesquisados consistem em prestações de contas de vários anos, levantamentos

patrimoniais, mapas de merenda, atas de notas de Conselhos de Classe, livros de atas de Conselhos, manuais de uso de sistema de gestão... todo conteúdo localizado está voltado para atos da gestão de forma fria e distante. Não há pistas sobre a criação e a dinâmica adotada para o funcionamento cotidiano da escola. O que reforça o que nos diz Araújo e Caldeira (2012), quando analisam a reconstrução da memória de uma escola da rede municipal de São Gonçalo. A versão documentada do poder estatal é escrita com o objetivo de dar forma e de destacar o aspecto homogêneo da sua existência. A escola, entretanto, é muito mais do que documentos oficiais. Ela assume a sua materialidade e ganha vida por meio de ações que estão, na maior parte das vezes, guardadas na memória daqueles que participam de sua construção. Seguindo esse entendimento, os documentos pesquisados foram encontrados em grande desordem, além de se acharem em péssimo estado de conservação. Percebemos que este tipo de tratamento descuidado dado ao patrimônio documental da escola está presente em várias outras instituições de ensino e muitas vezes esse comportamento é justificado pela falta de espaço e profissionais que procedam à catalogação adequada (NUNES, 2010). Organizei todo o conteúdo que estava em caixas de papelão no almoxarifado da escola. É realmente lastimável que a memória das escolas, em forma de documentos, seja negligenciada e, ainda, que não exista um memorial sobre a história da escola e sua organização. Por conta da dificuldade descrita, limitar-me-ei a tratar da escola a partir do momento da municipalização.

A Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda localiza-se no Bairro Caramujo, no Município de Niterói. Foi municipalizada em janeiro de 2014⁶, tendo, inicialmente, uma gestão compartilhada com a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Três meses após a municipalização, a escola passou a ser gerida inteiramente pela equipe nomeada para esse fim, pela Secretaria Municipal de Educação (SME) e pela Fundação Municipal de Educação (FME).

O prédio, um antigo Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), estava completamente deteriorado. O pátio externo com mato alto, biblioteca e várias salas funcionando como depósito de sucata. Pouca iluminação... um lugar bastante triste. A relação entre a escola e a comunidade havia se esgarçado bastante e isso podia ser observado através do quantitativo de alunos que a escola possuía no momento da municipalização⁷.

Enquanto estava sob a gestão da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC), o CIEP possuía turmas de 1º ao 5º ano e funcionava das 8 horas às 14 horas. A escola foi

⁶ Anexo 5 – Ata de reunião entre a Superintendencia de Planejamento e Integração das redes e a Secretaria Municipal de Educação de Niterói e Anexo 7 – Diário Oficial de 9 de janeiro de 2014 (Municipalização)

⁷ A escola possuía aproximadamente 45 alunos quando foi municipalizada.

deixando de abrir novas turmas e, paulatinamente, mesmo as turmas existentes foram perdendo alunos; por conta do número reduzido de turmas, a escola foi perdendo professores e, conseqüentemente, verbas⁸. Segundo Maurício (2009), o projeto original do CIEP foi pouco a pouco descaracterizado, desagradando aos pais/responsáveis, o que resultou em um alto índice de evasão.

A pessoa designada para a direção pela SME/FME foi a pedagoga da Rede Municipal, Thaís Esteves⁹, que, imediatamente após a nomeação, deu início à montagem de uma equipe e de um projeto para o funcionamento da escola. Muitos componentes do grupo eram colegas de trabalho da FME, que foram atraídos pela possibilidade de fazer um trabalho mais dinâmico e diferenciado. E, para compor toda equipe, ainda foram necessários os contratos temporários, já que não existiam profissionais disponíveis na rede para todas as áreas de atuação.

Durante o processo de municipalização, ocorreram reuniões entre a SME/FME e SEEDUC, entre a FME/SME com representantes da comunidade do Caramujo para que fossem estabelecidas as bases para o funcionamento da escola. Entre outros pedidos, a comunidade solicitou às autoridades municipais presentes, a permanência da jornada ampliada.

[...] E aí a escola municipalizou e na época teve uma reunião com a SEEDUC, a que eu não fui e em que tinha ficado acordado que a direção geral seria a cargo da Fundação, a adjunta ficaria a mesma diretora. E aí depois disso teve uma reunião com a comunidade e com os pais aqui, que já vim. E, nesse momento, nessa reunião com os pais, que foi em dezembro, final de novembro de 2013, os pais... o professor Henrique, que era o presidente da FME... o professor Waldeck não tinha batido o martelo que eu seria diretora, mas eu vim como coordenadora de polo. E ali o professor Henrique foi muito posto na parede pela comunidade de se manter tudo que já acontecia aqui. E para os pais, as crianças saindo duas horas da tarde era horário integral, porque garantia a alimentação. Entendeu? E aí era manter o projeto do Gugu, que tinha; era manter o horário estendido para garantir refeição das crianças; era manter a diretora como diretora da escola; a comunidade usava esse espaço, então eles queriam continuar. Ele ficou balançado, mas, numa situação muito delicada, não negou nada para a comunidade. [...] (Thaís, diretora geral da E.M.A.S.M.).

⁸ O Estado do Rio de Janeiro, desde o início dos anos 2000, vem deixando de abrir turmas do Ensino Fundamental 1. Essa decisão fez com que as unidades escolares que possuíam turmas do Ensino Fundamental 1 perdessem progressivamente investimentos.

⁹ Thaís Ribeiro dos Santos Esteves é pedagoga da Rede Municipal de Niterói. Foi Coordenadora da Equipe de Articulação Pedagógica de 2006 até 2012 e atuou na Gestão escolar como coordenadora do polo 3, no ano de 2013.

As aulas tiveram o seu início em março, diferente das outras escolas da rede, para que houvesse tempo de preparar o espaço físico e de reunir todos os profissionais necessários para uma escola com grupos de referência de 5º, 6º e 7º anos de escolaridade.

Desde o primeiro momento, o Projeto CLIN Social¹⁰, que funciona na comunidade do Caramujo como uma compensação pelo fato de existir naquele bairro um aterro sanitário, esteve presente como parte integrante da grade de horários elaborada pela equipe técnica da escola. Era uma parceria que ocorria, inclusive, na utilização do espaço físico: a escola utilizava as salas do segundo andar do prédio e o projeto CLIN Social ocupava as salas do terceiro andar.

Uma das parcerias foi com o Projeto CLIN Social, que atendia algumas escolas da rede. E, por conta de política, eles ficaram sem espaço para trabalhar. Eles atendiam sempre em clube. Era uma atividade direcionada à escola no contraturno. Tinham atividades pedagógicas, mais outras esportivas. E aí, em 2014, quando viemos para cá (...), o terceiro andar estava ocioso (...). A Thaís ofereceu para eles (...) o espaço, a escola emprestou. A gente não usava mesmo. E eles ficaram aqui atendendo os alunos da José de Anchieta. Só que de manhã, eles atendiam pouquíssimas crianças (...). Aí, com o passar do tempo e tal, eles falaram “Poxa, a gente já está aqui. A gente poderia atender aos seus alunos, também”. E aí a gente montou um horário (...). (Lúcia – Diretora Adjunta).

A matriz de horários foi elaborada, intercalando aulas do Referencial Curricular da Rede Municipal com as aulas do projeto, perfazendo um total de 7 horas de permanência do aluno na escola, excetuando as quartas-feiras, de 10 horas às 12 horas, quando ocorria – e ainda ocorre – o horário de planejamento coletivo, com a presença da equipe técnica, dos professores da unidade escolar e dos professores do Projeto CLIN Social.

No início das aulas, em março/2014, tínhamos apenas 89 alunos, divididos em um grupo de referência do 5º ano, dois grupos de referência do 6º ano e um grupo de referência do 7º ano.

Os alunos do 5º ano eram de escolas dos arredores. Poucos fora da faixa etária adequada. Mas os alunos do 3º e 4º ciclos, a maior parte deles remanescentes da rede estadual, estavam fora da faixa etária considerada adequada ao ano escolaridade. Existia entre eles uma hostilidade exacerbada e uma mal disfarçada resistência à nova gestão da escola.

¹⁰ Este projeto atendia originalmente apenas à Escola Municipal José de Anchieta, também localizada no Caramujo, especificamente, na localidade Morro do Céu. Até 2014, o projeto funcionava na Associação Atlética do Banco do Brasil, mas, por problemas na renovação do contrato, o projeto passou a funcionar no segundo andar da E. M. Antínea Silveira Miranda, atendendo também à E.M. José de Anchieta.

Durante os horários de planejamento coletivo, o assunto principal era a agressividade no trato entre os alunos e a falta de conteúdo deles. Muitas conversas, desabafos e catarses aconteceram, mas pouco a pouco o grupo foi encontrando junto o rumo a ser adotado.

É preciso deixar claro que as interferências da SME/FME foram insignificantes. A preocupação com dados, gastos e controle sempre existiu. Mas talvez por não ter o grupo gestor da SME/FME definição clara da política educacional a ser imposta à rede, não impuseram modelos ou prescrições a serem aplicados com rigor. Coube à direção e aos professores encontrar, de forma criativa, o tom da organização e do funcionamento da escola para que ela se tornasse um espaço de jornada ampliada. Houve, portanto, liberdade de criação de uma proposta própria de atuação. O currículo foi paulatinamente sendo gestado pelos praticantes, entendendo a teoria e a prática como elementos indissociáveis e complementares (OLIVEIRA, 2012).

E o interessante é que é construído pela escola mesmo, não é só construído pela direção, pela pedagoga... não, pela escola. E cada vez que a gente vai para uma reunião de planejamento, um professor vem, "Ah, mas tem necessidade de reforço disso", então a gente não tem os alunos fugindo porque não é no contraturno. Então, com isso, você já amplia mais um tempo de aula para um grupo de alunos, entendeu? Aí os professores, "Ah, poxa, mas a gente poderia fazer uma atividade de competição assim, assim e assim", aí com isso a gente amplia mais o tempo com esse projeto... por exemplo, como agora, como no ano passado a professora... não sei se foi a professora de Ciências, foi no planejamento que surgiu... de montar uma caixinha de dúvidas sobre sexualidade. E dali surgiram fóruns de debate, esse ano a gente já vai colocar na grade uma disciplina de fórum de debate com dois tempos para cada turma, entendeu? E vai surgindo da vivência da escola. Cada um vem propondo uma coisa. (Thaís Esteves, Diretora Geral)

O contexto apresentado pelo cotidiano da escola serviu como *espaçotempo* de produção de políticas educacionais, pois os professores e diretores, em suas práticas, foram construindo, tecendo o currículo e se formando. Essas práticas formativas são potentes na ampliação do conhecimento e tornam os envolvidos praticantes, protagonistas dessa produção (FERRAÇO, 2013).

4 QUINTO CACO: ENTENDENDO A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA...

Uso a palavra para compor
meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das
águas.
Dou respeito às coisas
desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos
mísseis.
Tenho em mim um atraso de
nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz
por isso.
Meu quintal é maior do que o
mundo.
Sou um apanhador de
desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse
um formato
de canto.

Porque eu não sou da
informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor
meus silêncios.

(*BARROS, Manoel. Apanhador de desperdícios*)

A escola começou suas atividades em março de 2014, funcionando de forma diferenciada das outras escolas de 3º e 4º ciclos da Rede Municipal de Niterói. Logo às 8 horas, quando os alunos entravam na escola, todos os funcionários e professores aguardavam no pátio e tomavam o desjejum juntos no refeitório. Às 8 horas e 15 minutos, as turmas subiam para as salas em companhia dos professores. As aulas, com duração 45 minutos, eram intercaladas com as aulas do Projeto CLIN Social. Precisamente às 10 horas e 15 minutos, ocorria o recreio e, 20 minutos depois, o retorno às aulas. O horário do almoço contava com a presença dos professores, funcionários, alunos, equipe técnica e direção. Todos almoçavam juntos e, às 13 horas, ocorria o início do horário da tarde.

O grupo de referência do 5º ano permanecia na escola. Eles participavam de um projeto desenvolvido pelos professores de História, Geografia e Ciências, no qual aulas com temas nessas áreas de conhecimento eram desenvolvidas em acordo com a professora regente da turma.

Para as turmas de 3º ciclo, ao longo do turno, foram oferecidas aulas de reforço e alfabetização para aqueles alunos com enorme dificuldade de leitura e escrita. E ainda eram oferecidas escolinhas de esportes como *badminton*, futebol e vôlei.

Toda a organização da escola e as questões que surgiam no cotidiano foram acompanhadas e discutidas entre todos – professores, direção geral e adjunta da escola e pedagoga – nas reuniões de planejamento das quartas-feiras. Refletindo juntos, foram aparecendo saídas para as questões relacionadas à agressividade e ao baixo aproveitamento.

A comunidade esteve presente, seja em reuniões para apresentar a todos a nova gestão da escola, na entrada dos alunos e na saída, nas reuniões com os responsáveis e em todos os momentos em que foram solicitados contatos por qualquer uma das partes. A escola tornou-se acessível aos responsáveis e, por isso, muitos projetos internos surgiram das demandas trazidas por eles. Alguns responsáveis, mais presentes e participativos, tornaram-se membros

do Conselho Escola e Comunidade (CEC), um mecanismo oficial e obrigatório de fiscalização da gestão da escola.

No cotidiano, aprendemos a lidar com os alunos em cada momento de convívio coletivo. Os momentos de planejamento entre professores e equipe técnica serviram como espaço para profundas reflexões a respeito da prática e sobre a vida dos alunos e de cada um de nós. Professores, funcionários e equipe técnica tornaram-se responsáveis pelo seu fazer (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015). Ouvir tornou-se um verbo muito proferido entre todos. Ouvir as histórias contadas pelos responsáveis, ouvir as histórias de vida dos alunos, ouvir os anseios e as experiências dos funcionários e professores, todos ouvindo a todas as partes envolvidas. Dar importância e centralidade às narrativas e histórias dos sujeitos é uma forma de colocar os docentes em posição de decidir a respeito do currículo a ser adotado pela escola, entendendo o currículo como um dispositivo dinâmico e construído por profissionais que estão sujeitos a mudanças e transformações (GOODSON, 1995).

Assim, podemos afirmar que há bastante aproximação na concepção sobre a formação da identidade dos professores da E. M. Antinéia Silveira Miranda e aquela à qual se refere Antônio Nóvoa como os três AAA, ou seja, A de adesão a princípios e valores, à adoção de projetos que invistam nas potencialidades dos alunos; A de agir utilizando os métodos e técnicas que, combinados aos valores pessoais e profissionais, obtenham respostas satisfatórias; A de autoconsciência, que é a reflexão sobre o que é realizado (NÓVOA, 1992).

A escola se envolveu também em projetos externos, como o Transforma, do Comitê Olímpico Brasileiro. Através dessa iniciativa, os alunos da escola tiveram a oportunidade de participar de eventos teste, inaugurações de espaços esportivos e experimentações de modalidades esportivas. Essa era uma reivindicação dos alunos e dos responsáveis – conhecer outros ambientes e locais educativos ou mesmo de lazer. O currículo da escola foi, e continua sendo, inventado através de processos auto-organizativos espontâneos, que têm no coletivo da escola sua expressão máxima. São esses processos coletivos que revelam as energias e as utopias políticas da escola (FERRAÇO, 2007).

Pouco a pouco, os problemas de agressividade foram diminuindo. A proximidade entre os professores e os alunos foi aumentando. O aproveitamento foi melhorando e a presença dos alunos nas dependências da escola, inclusive fora do horário escolar, foi ficando cada vez mais frequente.

Em 2015, a escola continuou a funcionar em regime de jornada ampliada. O contrato do Projeto CLIN Social passou a ser oferecido no clube AABB e os alunos passaram a frequentar uma vez por semana as atividades oferecidas pelo projeto naquele espaço¹¹.

Já no ano seguinte, eles conseguiram voltar para o clube, para a AABB de São Francisco. (...) E aí eles iam, cada dia da semana uma turma (...). E aquilo era superbacana, porque além de eles irem para um lugar de elite, um outro espaço... porque muitos dos nossos alunos vão pouco ao Centro de Niterói (...) o que dirá da Zona Sul, aquelas casas lindas... então assim já começa a ampliar um pouquinho o horizonte deles. E estar em um espaço de elite, que é a AABB, que algumas vezes eles partilhavam aquele lugar com os alunos do Fórum Cultural, do Gay Lussac... tudo muito louco aquilo. As crianças ficavam... quanta subversão... (Lúcia Laureano, Diretora Adjunta)

Além desse, o Projeto Transforma/COB continuou com suas etapas e visitas aos equipamentos olímpicos e eventos teste e a escola recebeu, também, o Projeto Aprendiz¹², que trabalha musicalização com os alunos.

Os alunos encontraram a escola, em 2015, parcialmente reformada. O segundo andar havia passado por obras (pintura, troca de janelas, reforma do mobiliário, dos banheiros, da cozinha e do refeitório, montagem de salas ambiente de arte e ciências, climatização das salas, montagem de sala de leitura, informática e de recursos audiovisuais) que renovaram o ânimo de toda a comunidade escolar. Um trabalho de conscientização e preservação do espaço foi feito com os 111 alunos que passamos a ter.

A escola permaneceu com uma turma de 5º ano. O terceiro ciclo formou duas turmas de 6º ano e duas turmas de 7º ano. As turmas de 3º ciclo ficaram mais cheias (aproximadamente 25 alunos) e com muitos alunos novos; apesar disso, conseguimos manter a proximidade e não ocorreram casos graves de indisciplina.

Foram desenvolvidos vários projetos com as turmas: sobre a história de Niterói, sobre sexualidade e gravidez na adolescência, sobre doenças infectocontagiosas, sobre reciclagem e o lixo, sobre o surgimento das comunidades nos morros das cidades e o aumento da violência em algumas regiões, etc. Alguns projetos não foram concluídos por falta de tempo hábil. Está entre eles o projeto sobre religiosidade e identidade étnica e cultural. Todos os temas citados surgiram de demandas dos alunos e dos responsáveis.

¹¹ Os alunos da E.M. Antinéia Silveira Miranda são transportados por um ônibus do projeto até a AABB. Lá participam de atividades esportivas (vôlei, futebol, atletismo, jiu-jitsu, capoeira, etc), culturais (teatro, dança) e reforço escolar.

¹² O Projeto Aprendiz leva até a escola professores de música que ensinam aos alunos teoria musical, canto, coral e a tocar diversos instrumentos. Na E. M. Antinéia Silveira Miranda, os alunos aprenderam cavaquinho, violão e canto.

Todos os projetos desenvolvidos revelam uma busca por “umedecer” o currículo árido e sisudo dos textos oficiais, como entendimento de que os sujeitos das escolas são pessoas que estão no mundo, possuem uma rede de conhecimentos, práticas sociais e culturais, de sensações e emoções que os representam de forma integral. Esse currículo, criado pelos *praticantepensantes* da escola com atividades prazerosas, que envolvem a curiosidade, o desejo e o interesse de alunos e professores, é construído assumindo a perspectiva de melhorar a aprendizagem e também de tornar os envolvidos pessoas mais felizes. Professores e alunos tornam-se, assim, criadores, autores desse currículo escolar de forma autônoma, original, criativa e autêntica, superando a cisão entre os que pensam e os que executam o currículo. Constrói-se assim, cotidianamente, uma “obra de arte” que se renova de forma constante por meio dos *praticantepensantes* nas/das/com as escolas. (OLIVEIRA, 2012).

Nos anos de 2016 e 2017, a escola não contou com a parceria do projeto CLIN/SOCIAL. A direção do projeto ofereceu à escola um número de vagas reduzido, que deveria ser preenchido por um grupo restrito e constante de alunos. Não podendo oferecer a todos a oportunidade de participação, o grupo de professores foi consultado e foi decidido que não teríamos mais o projeto CLIN/SOCIAL como parte de nossas atividades. Sendo assim, a direção recorreu ao programa do governo federal Segundo Tempo e conseguiu tempos a mais de aula de arte para os alunos. Também foram oferecidas vagas para reforço escolar em Língua Portuguesa e Matemática e continuamos a oferecer o projeto de musicalização Aprendiz.

Não pretendo apresentar uma escola perfeita ou ideal, mas as dinâmicas de um cotidiano que aparentemente apenas passa, quando nada parece passar. O cotidiano que se mostra um campo prenhe de possíveis descobertas e repleto de tensões e resistências, quando observado com mais profundidade e atenção (PAIS, 1997). Um cotidiano que é espaço de reflexividade transformadora, orientada para o futuro, e um campo aberto às experiências. (PAIS, 2007).

Muito há para se fazer em 2018, 2019, 2020... Esse é um caminho a ser percorrido a cada dia, mas coletivamente; existe uma intenção, uma necessidade, uma busca de construir melhor e de forma mais significativa para todos os envolvidos. A escola tem ainda muito a construir, mas o que se observa é o emergir, dia a dia, do processo identitário de um grupo muito comprometido em (trans)formar a si e aos outros.

4.1 Pensando a Educação Integral

O conceito de Educação Integral começa a ser discutido no século XIX, no contexto da emancipação humana das imposições da natureza, e também daquelas decorrentes da dominação do homem pelo homem. Diferentes versões sobre o tema foram discutidas entre socialistas, anarquistas e burgueses (GALLO, 2002).

Foi no seio do movimento operário que o conceito de Educação Integral foi sendo desenvolvido, sistematizado e uma prática pedagógica foi estruturada a partir da realidade. Entre os princípios filosóficos, políticos, sociais e epistemológicos que fundamentaram a Educação Integral Anarquista, está o entendimento de que educar integralmente é um processo de formação humana, que se propõe permanente, devendo contribuir para superar a alienação através do conhecimento e ser uma tática de luta para superar a dominação historicamente construída, articulando a individualidade e a coletividade (GALLO, 2002).

Na prática, a Educação Integral Anarquista articulou três instâncias: a educação intelectual (privilegiando a construção pessoal do conhecimento), a educação moral (construção de um ser digno, voltado à solidariedade, à liberdade e ao respeito ao próximo) e a educação física (visando à socialização e ao aprimoramento do corpo, ao refinamento sensório-motor e à superação do trabalho alienado através do conhecimento de outras profissões) (GALLO, 2002).

As experiências com a Educação Integral, ocorridas no final do século XIX e início do século XX, estavam voltadas a uma abertura ao novo e às múltiplas possibilidades daí advindas. Buscava singularizar, formando um indivíduo para ser o que é, respeitando e harmonizando diferenças, incentivando a criatividade e o prazer (GALLO, 2002).

No Brasil, a educação integral em sua primeira forma se instala na cidade do Rio de Janeiro através do movimento da Escola Nova, tendo como principais representantes Carneiro Leão, Fernando Azevedo e Anísio Teixeira. Tal inovação não significou uma ruptura abrupta com o que havia antes, mas, ao contrário, a sua convivência com aspectos educacionais que já existiam. Na verdade, a educação integral encontrava-se no universo pedagógico das escolas experimentais, “escolas laboratórios”, que funcionariam adotando o sistema *platoon*, cujo objetivo seria estruturar o ensino sob o ponto de vista do trabalho, do estudo e da recreação, ou seja, estabeleceram-se com base em um horário rodízio com o aumento de matérias e a divisão de alunos em dois ou três pelotões, trabalhando de forma planejada em acordo com uma diretriz que privilegiava o trabalho intelectual coletivo. A escola assim estruturada

deveria promover uma aproximação entre sociedade e escola. Por sua vez, a escola tinha como objetivo explícito contribuir para a produção social de valores e comportamentos que poderiam mudar a sociedade (CHAVES, 2002).

Algumas décadas depois, a proposta de educação integral retorna ao Rio de Janeiro na forma dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), localizados prioritariamente em áreas onde se concentravam grandes contingentes de população empobrecida. Visavam oferecer aos alunos atividades diversificadas, que além de ampliar o tempo de permanência e o espaço dos alunos na escola, buscavam assumir o lugar de referência cultural e afetiva para a construção identitária dos alunos e profissionais envolvidos no processo educacional. Além disso, os CIEPs expandiram objetivos ao assumir a formação contínua em serviço de todos os profissionais envolvidos (professores e animadores culturais) como tarefa necessária ao seu fazer cotidiano. A proposta previa um currículo integrador, que assumia a cultura como um dos eixos articuladores das atividades pedagógicas, estabelecendo um diálogo constante e transformador com a comunidade que atendia, tornando a escola um polo de dinamização cultural, contribuindo para trocas culturais intensas e para a afirmação de identidades sociais dos grupos presentes. A saúde, atrelada à educação e à cultura, também era encarada como um eixo integrador, por isso projetos específicos voltados a práticas de uma vida saudável eram propiciados e valorizados. Para atender a todas as atividades previstas, previa-se a expansão do horário de funcionamento da escola, incluindo o horário noturno e os finais de semana (MONTEIRO, 2009). Durante os anos 80 e 90, no decorrer de duas gestões estaduais, foram construídos 506 CIEPs em todo o estado do Rio de Janeiro, que funcionavam com concepção administrativa e pedagógica próprias, e que pretendiam, assim, promover um salto de qualidade na educação fundamental do estado (CAVALIERI, 2002).

Na mesma época, no estado de São Paulo, desenvolveu-se o Programa de Formação Integral da Criança (PROFIC), que, através de convênios, fornecia recursos e financiamentos às prefeituras para apoiar experiências já existentes, ou a serem criadas, de atendimento de tempo integral, no formato de atividades variadas, dentro e fora das escolas (CAVALIERE, 2009).

Na atualidade, percebe-se uma tendência de que as prefeituras das grandes capitais assumam os investimentos na ampliação do horário escolar. Diferentemente do modelo de *escola em tempo integral* realizado pelo estado do Rio de Janeiro – os CIEPs, entre os anos 80 e 90 –, quando mudanças nas estruturas físicas e organizacionais dessas unidades escolares ofereciam condições aos alunos, professores e à comunidade para o desenvolvimento de um

ambiente educacional de forma centrípeta, as prefeituras optam por adotar o modelo de *aluno em tempo integral*, no qual instituições e projetos de fora do ambiente escolar oferecem atividades variadas e diferenciadas, em turnos alternativos; seria esse, então, um modelo centrífugo (CAVALIERI, 2009).

À escola, na maioria das vezes, não cabe o poder de escolha do modelo a ser adotado. A opção pela política educacional a ser seguida é tratada fora do ambiente escolar, quase sempre buscando atender a objetivos políticos eleitoreiros. A Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, considerada pela FME/SME como uma escola de jornada ampliada, não é uma exceção. Somos uma “deformação” no modelo adotado para escolas de 3º e 4º ciclos da rede, que funcionam em horário parcial. Não adotamos uma regra de funcionamento, pois fomos adaptando o nosso horário às oportunidades de parceria e ampliação de carga horária de professores. Cada ano é um ano diferente, pois, sem um apoio direto da FME/SME, a oferta de atividades diferenciadas depende das parcerias que a direção da escola consegue estabelecer.

Por um lado, essa frouxidão no direcionamento de uma política governamental clara dificulta a obtenção de recursos que tornariam o espaço físico da escola adequado (ocupamos apenas um andar reformado de um CIEP, o restante do espaço carece de obras desde 2014; as salas foram equipadas graças aos esforços pessoais da direção e de alguns professores). Mas, por outro lado, a liberdade de implementar um projeto, em um contexto limitado, viabiliza a adoção de uma proposta possível e adequada ao momento e à demanda.

5 SEXTO CACO: REUNINDO ALGUNS CACOS

Figura 5 - Imagens do Park Guell, Barcelona



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Neste caco, pretendo fazer uma reflexão sobre a abordagem teórica e metodológica utilizada em minha pesquisa. Mas não queria escrever um texto excessivamente técnico e circunscrito a um espaço apenas do trabalho, pretendi produzir uma narração capaz de conduzir aquele que lê ao entendimento do caminho percorrido, para dar visibilidade à proposta que vai aos poucos sendo apresentada em outros momentos da escrita, e não apenas aqui. Tive a intenção de construir um texto que apresentasse o processo de encontro, reflexões e reunião de reflexões que formaram a mistura da qual emerge cada um dos fragmentos recolhidos nos textos que li.

A inspiração para escrever este texto veio ao olhar algumas fotos de uma viagem inesquecível, na qual visitei o Park Güell, em Barcelona. O parque é uma obra de arte arquitetônica a céu aberto, do artista catalão Antonio Gaudí. Entrar em contato com a arte produzida por Gaudí me causou estranhamento, surpresa e encantamento. Ao longe vemos um todo de formas surpreendentes, inusitadas, de cores fortes e vibrantes. Ao nos aproximarmos, voltando o olhar de forma mais atenta e minuciosa, podemos observar que as formas e as cores são, na verdade, o resultado da reunião de uma infinidade de pequenos pedaços de cerâmica. Alguns cacos possuem o mesmo colorido, outros são decorados. O formato e o tamanho de cada caco são desiguais. De perto, temos a impressão de que nada combina ou se soma, mas o efeito produzido por cada pedaço encaixado e assentado é tão harmônico, quando olhamos com certa distância, que guardamos na memória apenas o todo.

Falando sobre essa ideia com a minha orientadora e com a professora Anelice Ribetto, na saída de uma aula do mestrado, tomei conhecimento de um texto no qual a autora cita o trabalho do artista brasileiro Gabriel dos Santos, que construiu a Casa Flor, em São Pedro da Aldeia, ao longo de sua vida, a partir da reunião de “coisinhas de nada”. O artista construiu uma “casa feita de caco transformado em flor”, ou seja, através da reunião de cacos formou o todo representado pela sua casa. A professora Anelice viu no trabalho artístico de Gabriel dos Santos, assim como eu, proximidade com o que fazemos. Nós reunimos fragmentos de conhecimento para dar sentido ao que fazemos e produzimos (RIBETTO, 2016).

Tentando então reunir os cacos das leituras realizadas no grupo de pesquisa, nas reuniões de orientação e nas disciplinas cursadas, fui pouco a pouco esboçando um desenho da trilha percorrida. Optei por privilegiar as narrativas dos docentes como elementos norteadores da pesquisa. A intenção é valorizar o saber produzido por esses praticantes, destacando aqui que estou envolvida como parte integrante do processo. Vale ainda apontar a importância de estar produzindo um trabalho acadêmico “com” e não “sobre” a escola. Uma escola que é construída através da experiência cotidiana adquirida por seus praticantes dentro do ambiente escolar e fora dele (FERRAÇO, 2013).

Assim, podemos constatar que as narrativas trazem à tona elementos da memória que são reunidos a partir de acontecimentos vividos pessoalmente ou em grupo, de pessoas e de lugares que estão ligados a fatos concretos ou ao que projetamos deles. A memória é seletiva, porque sofre flutuações do momento no qual está sendo expressa, e é também construída consciente ou inconscientemente, como resultado de um longo processo de organização individual. Por ser construída, a memória se liga ao sentimento de identidade (POLLAK, 1992). Trabalhando com memórias, podemos compreender os processos de manifestação das identidades docentes, ampliando nossa compreensão sobre quem são essas pessoas e como elas contribuem nessa complexa gama de relações (OLIVEIRA, 2005).

Na atualidade, percebe-se que o sujeito capaz de produzir uma narrativa baseada em suas memórias organizadas e selecionadas, em acordo com suas flutuações, está se compondo a partir de múltiplas identidades, em acordo com os diferentes momentos, sem um “eu” coerente, mas repleto de contradições e deslocamentos que são temporários (HALL, 2015).

O narrador, além de estar internamente fragmentado e em constante mudança, está submerso em um mosaico de diversidade cultural, étnica, social, o que o convida a uma necessária e contínua reflexão, como meio de estar apto a conviver em ambientes multiculturais (VIEIRA, 1999).

Faz-se necessário que os indivíduos se apropriem de sua história de vida ao elaborarem a sua narrativa. Ao fazerem isso, os narradores estão se autoformando, estão se apropriando de seu poder de formação. É preciso reconhecer, ainda, que tanto os saberes formais e exteriores quanto os saberes interiores e subjetivos, praticados em sua vida pessoal e profissional, possuem papel fundamental na forma como esses indivíduos investem no espaço de aprendizado e formação. Todavia é preciso esclarecer que a narrativa não entrega os “fatos”, mas as construções que são elaboradas por meio da fala ou da escrita. Longe de apresentar uma forma fixa, ela é instável, transitória e se recompõe no momento em que é enunciada, portanto é sempre passiva de ser retomada e revisitada (DELORY-MOMBERGER, 2006).

Uma forma de refletir sobre o nosso fazer acontece quando falamos de experiências que são, para nós, formadoras. Quando fazemos isso, estamos nos expondo, falamos de nós mesmos, de nossa história pessoal e de nossas interações socioculturais. Viver uma experiência formadora exige profundidade e uma articulação consciente e elaborada entre o fazer, o sentir e o pensar, resultando, assim, em uma representação e uma competência (JOSSO, 2010).

Narrar uma experiência formadora é um pouco contar para si mesmo a própria história, nesse sentido, é um *caminhar para si* em busca do que somos, do que pensamos, do que valorizamos e de como nos relacionamos com os outros e com o mundo. Dessa forma, algumas vivências ganham intensidade particular e assumem o estatuto de experiência ao mesmo tempo em que refletimos sobre o que se passou. Assim, surge um novo paradigma da prática das histórias de vida em formação, uma tendência a construir uma consciência reunificada de nós mesmos que é partilhada com outros. A construção formativa é levada a termo durante o fazer diário com os outros envolvidos, essas partes que são inseparáveis, envolvidos e os seus objetos de reflexão, ambos enriquecem mutuamente ao longo do trabalho (JOSSO, 2010).

A experiência formadora é capaz, também, de transformar o comportamento, a afetividade e a maneira de entender os acontecimentos. Escrever, tomando como base as narrativas das histórias de vida e formação dos professores da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, situa-se na tentativa de organizar o conjunto de experiências numa história, para melhor entender os diferentes componentes da formação. A atividade de pesquisa contribui, então, para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e

interpretativas que tomam lugar no percurso da vida de cada um dos participantes (JOSSO, 2010).

O desafio de aprender a transitar entre o papel de pesquisadora e professora parte integrante da pesquisa, possibilitou estar em um lugar privilegiado de formação, para todos os envolvidos. Por isso, considero pertinente circunscrever este trabalho como uma pesquisa-formação. A experiência de ser pesquisador-pesquisado não foi fácil, ao contrário, apresentou o desafio de desconstruir, de rever e de construir novos saberes acerca de nós mesmos e da nossa formação (PERRELI; REBOLO; TEIXEIRA; NOGUEIRA, 2013).

Para que a experiência formadora ganhe sentido na vida dos sujeitos, passando e tocando de forma profunda e contundente, é preciso valorizar o tempo, a reflexão e a escuta. Ser atravessado por uma experiência pressupõe uma relação com aquilo que é experimentado, uma mediação que é singular e ao mesmo tempo transformadora (LARROSA, 2016). Por conta disso, o parar para pensar no fazer cotidiano na escola e na sala de aula nos dá indícios daquilo que é transformador, que nos desloca do tempo em que vivemos, quando o excesso de informação, de opinião e de trabalho resulta na ausência de tempo para pensar e amadurecer; esse é o momento em que a fala, a escuta e a troca são valorizadas como espaços reflexivos, dialógicos e de transformação, seja da prática ou mesmo da forma de entender os acontecimentos. O sujeito da experiência se define por sua receptividade, disponibilidade e abertura repleta de paixão, paciência, atenção e padecimento. É essencialmente um sujeito exposto, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade (LARROSA, 2016).

Outro aspecto importante é que só conseguimos atuar e modificar o cotidiano da escola quando investimos na construção de pedagogias que se aproximam das categorias culturais da localidade e, portanto, aproximam-se do aluno. Por não estarmos tratando de profissionais estáticos, estes se alteram a partir do contato com outros indivíduos, reconstruindo a definição de si mesmo e, conseqüentemente, do seu trabalho inúmeras vezes (VIEIRA, 2009).

O contato com as terceiras pessoas, aquelas de quem pouco ou nada sabemos, e que, ao entrarem em contato conosco, contribuem para que relativizemos o que tomamos como nosso mundo, torna o trabalho mais plurifacetado. Um diálogo, dessa forma, nos desloca das ideias construídas sobre nossas estruturas cognitivas produzidas ao longo da vida para entrarmos no mundo do outro, possuidor de identidade cultural diferente. Mas não basta. É preciso ter a atitude de uma trãnsfuga, um mestiço cultural, um terceiro instruído que constrói pontes contextualizadoras entre as esferas culturais atravessadas. Parte do seu território

cultural a outro e habita, da mesma forma, o espaço entre os dois territórios, manifestando a interculturalidade (VIEIRA, 2000).

No ambiente escolar, convivem pluralidades complexas de pessoas, investidas de suas particulares religiosidades, histórias de vida, suas redes sociais e culturais, seus desejos. É através da ampliação das redes de sentido dos sujeitos praticantes nos cotidianos das escolas, repletas de processos inventivos, anônimos e sorrateiros, de táticas-estratégias de subversão das tentativas de padronização, que se oportuniza um ambiente onde tudo o que é diferente e aparentemente caótico se adapta de maneira harmônica e potencializa fazeres (FERRAÇO; SUSSEKIND, 2016). Busca-se dar visibilidade ao que é desimportante, substituir as explicações abstratas e generalistas por modos de compreender as complexas redes de conhecimento sobre o cotidiano escolar, sem lhes atribuir soluções ou prescrições (GARCIA; OLIVEIRA, 2014).

Assim sendo, diante da insatisfação em relação ao saber dominado pelo paradigma cartesiano, racionalista, que nos ensinou a pensar com a cabeça e não com o coração, ensinou a educação cognitivista e não a educação dos sentidos, o pensar, as relações e as emoções; e ainda, movida pela necessidade de renovar a maneira de produzir conhecimento científico, optei pela abordagem que prioriza as narrativas das experiências vividas no cotidiano da escola. Os sujeitos, a qualidade das relações estabelecidas entre eles e as vivências experimentadas, ganham espaço para produzir outro tipo de conhecimento, mais aproximado da realidade.

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com práticas educativas (NÓVOA, 1992, p.28).

Enquanto ocorre a pesquisa, o sujeito participante aprende de forma mais profunda a respeito da sua prática e sobre a sua vida, tornando-se, assim, responsável pelo seu fazer. É a busca de produzir uma epistemologia da prática (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015). Enquanto são narradas questões singulares e locais através da voz daqueles que não fazem parte da ideologia hegemônica e dominante, a conjuntura do geral se revela (GINZBURG, 1989).

Essas reflexões apontam para a centralidade da reflexão sobre sua prática, e essa reflexão tem início através das narrativas de suas experiências pessoais, autobiográficas.

Pensar a complexidade e os contextos vividos, que são atravessados por inúmeras experiências desses sujeitos com outros contextos da vida, constitui a teoria da prática. Captar os diferentes movimentos astuciosos e táticos só é possível quando *fazemos com*, ou seja, quando compomos *com* os praticantes cotidianos (CERTEAU, 1994).

A breve discussão apresentada busca indicar que é possível, através da narrativa e do registro da memória dos atores envolvidos no processo que se desenvolve no interior do ambiente escolar, produzir saberes científicos academicamente reconhecidos.

Na perspectiva teórico-metodológica adotada, a implantação dos núcleos de memória nas escolas busca potencializar a articulação das dimensões simbólicas e materiais, em que o levantamento das fontes documentais é atravessado pelas vozes dos sujeitos que, no tempo presente, vivem o cotidiano da escola e suas tensões. [...] na construção de espaços onde as experiências de produção da vida, da prática educativa e da escola sejam reconstruídas por meio de narrativas, gerando novos saberes e formação (BRAGANÇA, 2014, p. 131).

Inventariando o processo de municipalização da E. M. Antinéia Silveira Miranda, a composição da equipe de trabalho e os compromissos firmados coletivamente, será possível buscar lampejos do que foi vivido e constantemente reinventado por um grupo que modifica suas práticas em busca de fazer diferença nas vidas dos alunos da comunidade na qual está inserido.

6 SÉTIMO CACO: CONSTRUINDO COM CACOS...

Nos cacos
do espelho quebrado
você se
multiplica
há um de
você
em cada
canto
repetido
em cada
caco

por que
quebrá-lo
seria
azar?

(Marques, Ana Martins. Espelhos)

O encontro com as professoras participantes revelou-se um momento potente da pesquisa, o que indicou a necessidade de prolongar esse encontro, mas como fazer isso? Como inseri-las ainda mais na minha escrita?

Após a transcrição, realizei o envio dos textos por email para cada uma delas, para que pudessem ler e interferir, caso achassem necessário. Nesse momento, todas tiveram a oportunidade de inserir ou mesmo retirar, integral ou parcialmente, conteúdos de suas narrativas. Isso não aconteceu. Todas validaram suas narrações.

As respostas as minhas questões surgiram em uma reunião com minha orientadora. Na ocasião, ela sugeriu que as próprias participantes se apresentassem como eu fiz no início do trabalho. Sugeri então, que cada uma delas que elaborassem uma apresentação pessoal por escrito. Como todas estavam familiarizadas ao meu texto, dei como exemplo o meu memorial, mas deixei em aberto a forma para a realização, limitei apenas o texto a dois parágrafos para que não se sentissem intimidadas em realizar a escrita de si.

Não houve resistência na realização do pequeno memorial por parte das participantes. Todas buscaram e encontraram um espaço em suas agendas lotadas de compromissos para a elaboração de suas apresentações.

6.1 Lúcia

Contando histórias, os homens articulam sua experiência do tempo, demarcando com intrigas e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos homens.

Paul Ricoeur

Contrato por um ano. Salário razoável para uma jovem recém-formada no curso de formação de professores. Rodeada e amparada por colegas de colégio na mesma situação. Parecia uma boa opção começar uma carreira junto com amigos do Curso Normal. Mesma idade, sonhos parecidos, pequenos desejos e pequeníssimas expectativas. Seria bolsista, ganharia para trabalhar e estudar. Desconfiança inicial, mas a esperança misturada com a euforia de quem é jovem e não questiona muito a vida. Uma oportunidade, enfim não precisaria iniciar uma carreira numa instituição privada, pois nunca escondi minha antipatia por este tipo de instituição e a relação opressiva com seus empregados, um pouco de despeito e mágoa por uma vida inteira de lamentos e receios em casa traduzidas pela frase: “posso ser despedida!”. Prédio novo, cheiro de novo: tinta, plástico que envolviam cadeiras, janelas com restos de massa e um jardim imenso que certamente viria a florescer em breve. Flores ordinárias, “onze horas”, mas que coloriam o grande gramado que eram ritualmente regadas e cuidadas por uma jardineira que usava um chapelão com abas enormes, tal como nos filmes. O amarelo servia de moldura para as letras e números que se destacavam: CIEP 236. Número que mais tarde passou a identificar cada grupo de professoras, como marcas bíblicas ou presos em campos de concentração. Marcas, números, siglas, sinais, estigmas. CIEP 236, matrícula 5.000.000, 40 horas, 30 horas em turma, Secretaria Extraordinária. Extraordinária mesmo esta experiência. Fora do comum. Uma escola com tudo o que se pode almejar, todos os materiais, espaço amplo, construído para agregar, para disciplinar os excessos, sem paredes muito altas

para que não só o ar circulasse, mas que as pessoas aprendessem a se relacionar com os outros de forma quieta. Utopia e Idealismo. Palavras que passaram a fazer parte do nosso vocabulário, da mesma forma que: desafio, possível e público. Do tempo de trabalho, metade dele era reservado aos estudos. Anísio Teixeira, Paulo Freire, Emília Ferreiro, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes. Ler estes e outros autores faziam de nós professores diferentes, não só para a teoria, mas pela formação complementar. Não éramos mais aquelas normalistas alienadas que tinham por principal luta poder usar calça comprida no inverno no Instituto de Educação que insistia em se agarrar a um passado pintado de ouro. Embates, brigas, discussões com as professoras orientadoras, que mesmo mais experientes viveram uma realidade escolar que já não era a nossa. Insubordinadas! Longe de sermos submissas, fomos instruídas a termos autonomia, a fomentar nos alunos a disposição para brigar por seus direitos. Erramos o caminho. Extremadas não sabíamos como equilibrar tanta autossuficiência e nem tínhamos a maturidade pra perceber que o conflito é inerente das relações humanas, mas que há espaço para as negociações. Cada texto uma nova arma. Horário vago: biblioteca. O melhor espaço daquela escola, o melhor espaço de todas as escolas que já passei ou que passaram por mim. Clara, transparente, translúcida. Graciliano Ramos, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Esta equação: estudo + leitura para fruição traz marcas irreversíveis. Fim do ano. Concurso em breve. Aprovação em massa das bolsistas, numa época em que ter emprego público fazia de você um ser iluminado, alguém vocacionado ao sucesso. “Minha filha passou no concurso”: o sonho realizado de uma vida. Sobre os sonhos, prefiro vê-los como Graciliano em *Angústia*, “realmente são espantosos, mas é necessário vê-los a distância, modificados”. Outros concursos, outros espaços de formação. Licenciatura em Letras, Especialização em Literatura e depois Orientação Educacional, Mestrado em Educação. Caminho em zig-zag, Novas conquistas, algumas exonerações, sempre trocando de espaços, conhecendo novas realidades, me formando e ainda que mais de 20 anos separem a jovem do início desse relato para a pessoa que sou hoje, ainda resisto, com minha persistente insubordinação, afinal como nos lembra Cecília Meirelles “ Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”

6.2 Thaís

Bem..., assim, como me descrever? Como falar de si mesmo? Como começar a relatar sua própria trajetória de vida e profissional? É difícil, mas vou tentar... Trabalho com educação desde 1995, quando ainda cursava o ensino médio pela manhã e atuava enquanto auxiliar de educação infantil à tarde em uma escola particular em Icaraí. Não trabalhava por necessidade, mas sim por opção. Sou filha de professora, funcionária pública, minha mãe sempre deu aula no ensino fundamental em escolas do Estado. Sempre adorei ajudar minha mãe na produção de atividades, provas, enfeites e demais coisas para seus alunos. Quem sempre rodava a matriz no mimeógrafo era eu. Achava o máximo produzir tantas folhas. Acho que esta foi a maior influência na minha vida profissional. Em 1998 prestei vestibular para Pedagogia e passei para a Universidade Federal Fluminense (UFF). Um momento muito marcante na minha adolescência, que me arrependo até hoje, foi não ter concluído o curso Normal no Instituto de Educação. Na época, diziam que a formação do curso normal não dava base para o vestibular e com isso minha família optou que eu cursasse o 3º ano do ensino médio em uma escola preparatória para o vestibular. Na ocasião, meus pais acreditavam que eu faria outro curso universitário e não optasse pela educação. Mas como relatei anteriormente, isso não aconteceu.

Durante meu curso universitário, atuei enquanto professora de educação infantil por dois anos. Formei-me em Pedagogia em 2003, com habilitação para Orientação Educacional, Supervisão Educacional e Administração Educacional. Comecei a atuar como Pedagoga em 2005, quando fui chamada no concurso público que prestei para a Fundação Municipal de Educação de Niterói. No período de 2005 a 2007, trabalhei como Orientadora Educacional em uma escola municipal de ensino fundamental. Em Setembro de 2007, recebi um convite para compor uma equipe da Fundação Municipal de Educação (FME) e com isto fiquei fora da escola de 2007 até 2014. Contudo, em 2009 exerci a função de Assessora da Presidência e coordenei todos os pedagogos da rede municipal de educação. Em janeiro de 2014, quando ainda atuava internamente na FME, solicitei aos gestores da Fundação e Secretaria de Educação a direção de um CIEP que seria municipalizado no bairro do Caramujo. O pedido para dirigir esta escola surgiu por enxergar ali a possibilidade de uma escola de horário integral que atendesse alunos do 6º ao 9º ano, pois a escola já funcionava com horário ampliado quando foi municipalizada. E com o sonho e esperança de fazer uma escola

diferente para os adolescentes do bairro do Caramujo, entrei na direção em 2014 para cumprir um mandato até dezembro de 2020.

Busquei associar a minha trajetória acadêmica ao meu fazer profissional, pois a teoria sempre nos auxilia na prática e no dia a dia da educação. Em 2006, enquanto exercia a função de Orientadora Educacional, cursei pós-graduação em Psicopedagogia. Em 2012, no período que exerci a função de Assessora Pedagógica na Secretaria de Educação, participei ativamente dos encontros e estudos sobre educação integral, e a possibilidade de implementação na rede de educação do município de Niterói. O que me levou a buscar por mais informações e reflexões sobre o tema e com isto, fiz Mestrado em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais na UERJ, onde pesquisei e concluí minha dissertação em 2014 sobre Educação Integral. Bem, acho que consegui, não de forma tão resumida, mas concluir um relato de minha vida acadêmica e profissional que caminham juntas.

6.3 Denise

Meu nome é [...] Denise, tenho 41 anos. Desde pequena quis ser professora, brincava de dar aulas para qualquer um que cruzasse o meu caminho, coleguinhas, bonecas, primos.... Não sei bem onde surgiu essa vocação, acredito que tenha sido dos exemplos das minhas primeiras professoras, por quem sempre nutri grande admiração.

Curvei Letras na Universidade Federal Fluminense no final dos anos 90 e comecei a lecionar no início dos anos 2000. Ao iniciar o meu trabalho me deparei com os problemas e os desafios da educação. Descobri, então, que é necessário muito mais que vocação para lidar com esses problemas e desafios, que é preciso ter amor, dedicação e resistência física e emocional para alcançar seus objetivos.

Em busca de meios para lidar com os problemas e os desafios já mencionados, curvei uma especialização e atualmente, estou finalizando o Mestrado. A procura por novos caminhos que conduzam a melhoria do processo de ensino.

Meus alunos me ensinam, a cada dia, que não existe conhecimento pronto e acabado, que o conhecimento é construído nos momentos de interação entre os sujeitos envolvidos, educadores e educandos.

Trilhar o percurso proposto para produzir um estudo com base em narrativas de experiências formadoras exigiu investir em uma metodologia, que foi sendo delineada nas reuniões de orientação coletiva e também no grupo de pesquisa Polifonia.

O grupo se encontra regularmente para reuniões de estudos e debates. Compartilhamos da compreensão de que espaços de troca de experiências devem ser criados e fortalecidos para que haja uma formação significativa e consistente. Com isso todos contribuem nas escolhas de leituras teóricas, assim como na exposição de pontos de vista. (FONTENELLE, D.; SANTANA, R. L. J.; BRAGANÇA, I.F.S., 2016)

Essa é uma pesquisa qualitativa que busca interpretar e analisar os elementos presentes nas narrativas, procurando, assim, compreender a realidade humana vivida através de seus diversos significados, crenças, valores, motivos e atitudes em um nível profundo das relações, processos e fenômenos. Diz respeito à procura por representar os sujeitos e suas subjetividades (FONTOURA, 2009).

A primeira etapa do trabalho consistiu na elaboração de um roteiro semiestruturado para a *entrevistaconversa*¹³, a utilização da palavra mesclada, tem por intenção traduzir a ideia da conversa “com” o outro como um momento de troca, de partilha. Esse processo de estar com outro é uma forma potente de conversa, no qual se revelam pensamentos em comum ou divergentes, contendo múltiplos sentidos que esclarecem e aprofundam o entendimento. Não faz parte desse contexto, o uso da língua neutra, moralizante, que não possui ninguém e nada dentro dela, usada nos discursos técnico-científicos. É uma busca pela conversa sem a intenção de rebaixar, sem diminuir o outro. Permitindo uma relação horizontal que dê aos participantes o mesmo tamanho, a mesma altura e importância (LARROSA, 2016).

Foi parte desta etapa a elaboração de um pequeno resumo contendo o objetivo do projeto para que os participantes tomassem contato com o trabalho que será desenvolvido; um contrato de trabalho pedagógico-acadêmico, esclarecendo a maneira como utilizaremos as narrativas e a permissão para a utilização da mesma, o chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁴ (BRAGANÇA, 2012).

Convidei para *entrevistasconversa* uma professora regente das turmas de 3º e 4º ciclos e as duas diretoras (geral e adjunta). A definição dos participantes teve como intenção, conversar com pessoas que estão atuando na escola desde a municipalização. Como fui e sou parte integrante dessa coletividade no espaço e tempo delimitado e, assim, também sujeito da

¹³ Anexo A.

¹⁴ Ver anexos B, C e D.

pesquisa, pretendi participar do processo em igualdade de condições. Para isso, uma das participantes, escolhida por possibilidade de agenda, realizou a *entrevistaconversa* comigo, no mesmo espaço físico e sob as mesmas condições. Entendi que seria muito importante incluir a minha versão oral, da mesma forma que as demais participantes, por considerar que a versão escrita daria espaço ao aperfeiçoamento e ajustes que não foram oportunizados as outras participantes em um primeiro momento. Uso ainda, como fonte, a minha memória e meu diário de itinerância iniciado quando comecei a escrever sobre o tema (BARBIER, 2002).

Hoje, pedi a Thaís que me entrevistasse. Ela foi escolhida para realizar a *entrevistaconversa* por conta da dificuldade de conciliar horários com a Denise (em fase finalização do mestrado) e a Lucia (não está mais na direção da escola e com horários que não batem com os meus). Enviei para ela o roteiro, para que ela se familiarizasse com as reflexões propostas. Mas para ela não há novidade, a Thaís leu e deu sugestões ao projeto apresentado, quando concorri ao mestrado, e leu o texto da qualificação. Ela está bastante ciente dos caminhos percorridos. Melhor assim (Diário de Itinerância- 5 de janeiro de 2018).

Iniciei cada um dos encontros introduzindo o tema e os princípios do trabalho. Também foram apresentados o Contrato de Trabalho Pedagógico-Acadêmico e o TCLE. Objetos de significado muito pessoal relacionados a momentos importantes da minha trajetória profissional foram expostos às convidadas. Levei o anel que ganhei de uma prima, também professora, quando me formei no Curso Normal – o referido anel ela ganhou na sua formatura do Curso Normal. Também mostrei o jornal da cidade de Niterói do dia 21 de outubro de 1999, data da divulgação da lista de aprovados no concurso para a rede municipal de Niterói. Eu tive o imenso prazer de encontrar o meu nome na lista divulgada no jornal. E, por fim, espalhei sobre a mesa fotos dos alunos da escola, em diferentes atividades, ao longo dos anos nos quais estamos aqui trabalhando com eles (BRAGANÇA, 2012).

A elaboração do material referente as *entrevistasconversa* foi discutido, também, nas orientações coletivas ocorridas desde o início de 2016.

Percebemos, assim, que o processo de construção e escrita de uma dissertação de mestrado não possui fórmula pronta. A cada texto lido, a cada debate proposto, a cada troca de experiência, vamos criando novos contornos e desenhando melhor os caminhos que serão trilhados. A pesquisa-formação nos possibilita contar com a surpresa, estar aberto as novas/outras possibilidades e descobrir que existe formação também no inesperado. A escrita de uma dissertação não precisa ser solitária nem isolada. A orientação coletiva nos estimula a sempre continuar e conseguimos apoio uns com os outros em questionamentos e caminhos a percorrer. É magnífico perceber, no trabalho do outro, contribuições para sua formação intelectual e pessoal. Contar com momentos onde pessoas partilham o mesmo objetivo, escrever uma dissertação, é motivador e instigante, é sempre uma partilha de energias muito

boa, um acompanhamento/orientação em partilha (FONTENELLE.D.G., SANTANA. R.L.J., BRAGANÇA. I.F.S., 2016).

As *entrevistasconversa* aconteceram na Escola Antinéia Silveira Miranda, em vários momentos diferentes, sempre em acordo com a agenda das participantes. Assim, no transcorrer das aulas no mês de julho e durante o recesso escolar desse mesmo mês, e ainda em agosto 2017 e janeiro de 2018 realizamos as conversas. Os encontros com as convidadas foram gravados e após a sua realização, os áudios foram transcritos e entregues aos participantes para que introduzissem observações, aprofundassem questões, ou mesmo retirassem algo que avaliassem necessário. Esse foi um momento de esclarecer pontos que não ficaram claros no primeiro contato e, a oportunidade para novas narrativas e ensaios de uma hermenêutica partilhada (FONTOURA, 2009).

O estudo das narrativas foi realizado por meio da tematização, tomando como inspiração a proposta de trabalho apresentada por Fontoura (2009) e Franco (2008). Dessa forma, assumimos a intenção de desvendar novos aspectos entre o narrador e o autor/pesquisador, em um processo de permanente construção, baseada na criatividade e na inovação, elementos essenciais para uma epistemologia qualitativa.

As *entrevistasconversa* transcritas foram dispostas em uma tabela com duas colunas. Na primeira coluna, os temas relacionados aos objetivos propostos pela pesquisa e que estão presentes no roteiro semiestruturado usado no encontro, foram sendo identificados nos trechos da transcrição. Na segunda coluna dispomos a íntegra das entrevistas. Os temas usados na análise inicial da narrativa foram: narrativas de formação, experiência na E.M.A.S.M., implementação da jornada ampliada, relações pedagógicas e sociais, os processos formativos e reflexões.

Na escuta e transcrição, foram observadas comunicações não verbais e pontos que se repetem. Nesse sentido, é importante destacar que os temas iniciais foram tomados como ponto de partida, deixando abertura para os que emergiram das narrativas.

Em um segundo momento de análise, as narrativas de todas as participantes foram colocadas lado a lado em tabelas separadas em acordo com os temas identificados. As falas das convidadas foram postas assim, lado a lado, em um diálogo horizontal com o intuito de permitir entrelaçar o conteúdo das quatro *entrevistasconversa*.

Entendo que as histórias de vida, expressas nas narrativas, contam as histórias dos indivíduos, ou mesmo de grupos que se constroem no interior de uma sociedade. Os sujeitos, nesse contexto, são entendidos como espaço de enunciação, em que os elementos da narrativa

vão surgindo na medida em que essa se relaciona com o seu contexto. Santamarina e Marinas (2014) chamam esse modo descrito de entender a narrativa de *compreensão cênica* e creem que a origem e o sentido profundo das narrativas é construído ao longo da enunciação, com a participação daquele que escuta. A compreensão cênica nos leva a perceber que a história narrada não é linear ou mesmo acumulativa, mas é na verdade um repertório de cenas. Marinas (2014) identifica nas cenas três grandes momentos: a cena da enunciação (quebrando o gelo em cacos), as múltiplas cenas do cotidiano (cacos do cotidiano), as cenas reprimidas (cacos escondidos embaixo do tapete), ou implícitas (BRAGANÇA, 2014). O autor ainda insere dois elementos de grande potência operativa à compreensão cênica: *a escuta atenta*, que deve ser capaz de suscitar o relato, velar para que a palavra não cristalize, e, a *palavra dada*, aquela que tem valor moral, que é concedida e que deve garantir o circuito do narrar, ou seja, a palavra que foi cedida é livre e aquele que a dá não pode impedir o processo de apropriação dela advindo. (ABRAHÃO, 2014).

6.4 Primeiro Momento: quebrando o gelo em cacos

Encontrar pessoas que trabalham conosco para conversar sobre assuntos referentes ao trabalho é uma prática comum. Mas levar para esse encontro um gravador e um roteiro de reflexões exige dos participantes uma dose grande de abertura e disposição para o momento.

Conversar com a Lucia e a Thaís demandou um pouco menos de trabalho. Conhecemo-nos há bastante tempo, pois trabalhamos juntas em outro espaço. Essa proximidade possibilitou que nutríssemos respeito e admiração pelo trabalho que desenvolvemos. Além de tudo isso, estou cursando o mestrado na mesma instituição e modalidade em que ambas tornaram-se mestras. Possuímos leituras comuns, o que facilitou o entendimento do processo a ser desenvolvido.

Falei com a Lucia sobre a *entrevistaconversa*. Ela foi receptiva. Mande um pequeno resumo do trabalho para ela dar uma lida. Marcamos para o dia 4 de janeiro. Conseguirei incluir a análise de sua narrativa, no texto da qualificação. A Lucia pode contribuir bastante. Irei até a escola na próxima semana e conversaremos. (Diário de Itinerância- 28 de dezembro de 2016).

A questão fundamental com as duas era apenas combinar o momento adequado. Na ocasião, tanto Lucia como Thaís estavam à frente da direção da escola, o que implicava em

uma rotina de trabalho bastante pesada e um volume de solicitações cotidianas grande, o que tornava o dia delas muito ocupado.

Com a Lucia consegui conversar nas férias de janeiro de 2017. A escola estava relativamente vazia, apesar do trabalho não parar nas férias escolares. As salas de aula estavam sem alunos, mas os funcionários da limpeza e da secretaria permaneciam trabalhando a todo vapor. A escolha da sala de leitura para a realização da conversa foi feita pela Lucia. Percebo que ela alimenta especial carinho pelo espaço. Também notei alegria em ter sido convidada a participar, inclusive, ela já falou algumas vezes que acha importante refletirmos sobre o que está sendo feito na escola e documentarmos como forma de guardar a memória desse momento e das ações praticadas.

Comecei o encontro falando sobre os meus objetos de grande significado. Emocionei-me. Definitivamente existe uma diferença enorme entre eleger objetos em casa, sozinha e falar deles para outra pessoa explicando o significado a eles inculcido. Percebi que a escolha foi um processo relativamente fácil, foi como fazer um exercício do pensamento no qual articulei, através das lembranças, fatos e coisas. Mas falar de cada uma das peças escolhidas significou reconstruir, e dar vida ao que já passou relacionando cada peça a outros contextos e pessoas.

Apresentei cada um dos artefatos e quando o fiz percebi que me expus bastante dando a Lucia o incentivo e a oportunidade de fazer o mesmo. E assim ela o fez, mas sem atrelar suas recordações a objetos, que não estavam a sua disposição ali, e sim a fatos vividos. Recordou de quando era estagiária em um CIEP no município de São Gonçalo, da oportunidade de aprender e de se formar com o contato com o que ela chamou de professoras/es orientadores. Enfatizou a importância de viver essa experiência logo quando estava se formando no curso normal. Também selecionou o momento em que esteve à frente da coordenação de primeiro ciclo e realizou a implementação da Residência Pedagógica na rede municipal de Niterói. Foi um período no qual vivenciou muitos embates, institucionais e com professores, mas pode perceber inúmeros trabalhos sendo desenvolvidos por meio da criatividade do professor que está em sala nas escolas. Falou ainda de seu retorno a sala de aula, após deixar a sua função na coordenação de primeiro ciclo, quando recebeu uma turma com muitos problemas como uma espécie de desafio, tendo em vista que no momento anterior tinha a função de orientar, acompanhar e oportunizar formações aos professores da rede.

A principal delas foi quando eu estava saindo do curso normal, houve um concurso para que nós fôssemos professoras bolsistas, isso foi em 93 e no CIEP. Então, em

93, eu fui professora bolsista no CIEP-236, no Paraíso, Djair Cabral Malheiros, onde hoje funciona a Metro. E no ano seguinte, em 94, eu já ingressei no concurso. Então, aquela experiência ali foi muito significativa, porque era um jeito totalmente diferente de ver a escola. Primeiro que éramos todas muito novas, a gente tinha uma... estava tendo a oportunidade de ter um professor orientador, mas que não era necessariamente um pedagogo, uma pessoa que estava ali para ditar regras. Mas era um professor que tinha mais experiência do que a gente, para ser esse professor orientador. Éramos duas... eram duas professoras, a Dora e a Marilda. E elas ficavam sempre orientando a gente no trabalho. E outra coisa que era importante era que a gente era dupla. Eram duas professoras para trabalhar com a mesma turma. E mais, numa época em que a rede estadual estava muito sacrificada, mas que os CIEPs tinham tudo. Gente tinha tudo, tinha tudo dentro da escola. Tudo de bom, tudo do melhor, todas as oportunidades, todos os professores, todos os materiais, a melhor biblioteca do mundo. Tudo tinha ali. Então, para quem estava saindo do pedagógico, aquilo era muito... era uma coisa de doido!(Lucia)

O encontro com a Thaís aconteceu dias antes do recesso escolar, em julho de 2017. A escola ainda estava bastante agitada por conta do fechamento do semestre, mas ainda assim, encontramos um momento e local para a realização do encontro. O lugar escolhido foi o espaço usado pela direção, na mesma sala onde também funciona a secretaria. Mas apesar disso, pudemos conversar com privacidade e tranquilidade.

Encontro marcado com a Thaís para a realização da *entrevistaconversa*. Ela realmente se mostrou muito disponível. Estarei na escola com turmas até às 12h, conversaremos após o almoço. Ela achou mais fácil conversarmos na escola mesmo. (Diário de Itinerância - 7 de julho).

A apresentação dos objetos significativos na minha vida proporcionou para Thais lembranças de momentos diferentes de sua vida. As ocasiões marcantes vividas por ela foram sendo traduzidas em palavras no momento em que observava e tocava cada um dos objetos. O meu anel de formatura, trouxe a lembrança do seu próprio anel de formatura recebido quando se formou em pedagogia no Espírito Santo. A listagem de aprovação no concurso público de Niterói, a fez recordar de sua aprovação no concurso público para a mesma rede como uma possibilidade de retorno para a sua cidade natal, já que na ocasião estava residindo em Macaé. As fotos dos alunos fez surgir um enorme sorriso em seu rosto. E em meio a essa expressão de alegria, afirmou que a escola, sem eles não tem graça é muito vazia, que eles trazem junto de si uma energia boa.

[...] eu lembrei logo do meu, mas o meu foi quando eu me formei na faculdade. Pedagogia. O meu anel tem muito significado para mim, porque só eu sei o quanto eu lutei, o quanto eu gostei de fazer a faculdade de Pedagogia. O quanto eu me encontrei ali. Eu não tenho a minha lista de concurso, mas quando eu passei para cá, para a rede, como pedagoga eu trabalhava em Macaé. Então eu morava longe, não morava aqui. Então, era um jeito de eu voltar pra cá. Então, isso me deixou muito,

muito realizada e... realmente, a questão das crianças, eles trazem uma energia muito boa pra a gente,...](Thaís).

O encontro com a Denise foi um processo de conquista lenta e persistente. Diferente das outras participantes, com as quais possuo intimidade e proximidade, não convivía de forma íntima com essa convidada. Os momentos de convívio entre nós duas aconteciam durante as reuniões de planejamento às quartas-feiras, quando em um intervalo de duas horas, e em grupo participávamos desse momento de nosso trabalho. Em algumas ocasiões, trabalhamos nos mesmos dias da semana e com as mesmas turmas, mas apesar disso o contato entre nós acabava nos reportando a rotina do trabalho do professor em uma escola de 3º e 4º ciclos, na qual o convívio entre as pessoas se restringe aos corredores nos curtos intervalos de tempo no qual nos encaminhamos para a sala de aula, no nosso caso ao horário do almoço e minutos corridos de um recreio, que nem sempre ocorre em horário coincidente. Essa rotina ditada pelo relógio, não facilita o encontros entre as pessoas, especialmente se elas são um pouco mais reservadas.

Construímos ao longo dos anos, uma relação de respeito profissional. Creio que por isso o convite para fazer parte da pesquisa foi prontamente aceito. Mas, apesar da prontidão da aceitação, não conseguíamos agendar uma data para o encontro. Marcamos por duas vezes e tivemos que transferir a data. Cheguei a pensar que não conseguiria conversar com a Denise, o que seria um acontecimento que limitaria a percepção da escola na pesquisa, tendo em vista que até aquele momento só havia conversado com membros da direção, sentia a necessidade de conversar com um professor lotado em sala de aula. Além disso, a Denise reside no bairro no qual a escola se localiza, o que certamente contribuiria para ampliar olhar sobre a escola, os alunos e o entorno.

Em agosto de 2017, após uma reunião de planejamento, em uma quarta-feira conseguimos nos encontrar para conversar. O espaço utilizado para o encontro foi a sala ambiente de história. Como nas entrevistas anteriores iniciei apresentando o tema e os objetivos do trabalho e a documentação anteriormente citada. Como a convidada não conhecia a pesquisa e não estava familiarizada com a literatura sobre o tema, detive-me mais detalhadamente em contextualizar o ambiente teórico e metodológico da pesquisa e os caminhos até aqui percorridos.

Finalmente consegui marcar o encontro com a Denise. Já tentamos umas duas ou três vezes. Será que ela está insegura em participar? Preciso me aproximar e explicar mais detalhadamente a pesquisa para que ela entenda que o objetivo não é avaliar,

criticar ou interferir em seu trabalho. Preciso ser clara. (Diário de Itinerância - 12 de julho de 2017)

Em seguida, apresentei os objetos significativos na minha trajetória. Denise observou por alguns instantes o meu anel de formatura, a listagem e as fotos, e após um tempo refletindo disse que não teve anel em sua formatura, por conta das dificuldades econômicas de sua família. Também não guardou a listagem de sua classificação dos concursos públicos que fez, por não ter o hábito de guardar objetos, mas que guarda cada um desses instantes na memória e em forma de fotos. Falou com ênfase do orgulho de seus pais atribuindo a eles qualidades de super-heróis e possuidores de uma força sobre-humana, pois apesar das muitas dificuldades financeiras e da batalha do dia a dia, eram presentes e cuidadosos. Aos poucos foi lembrando de alguns objetos que guarda, citou o convite e o canudo simbolizando o diploma recebido no dia da sua formatura. Denise descreveu a formatura como um evento de realização e orgulho para os seus pais. Ela é a única formada em um curso superior em sua família, embora os seus irmãos tenham tido as mesmas oportunidades que ela. Atribuiu a seus pais importância fundamental em sua formação pessoal e profissional. Descobri em Denise, uma pessoa forjada nas dificuldades econômicas da família, com grande senso de responsabilidade social e muito comprometimento com o seu fazer.

Olha, eu não sou de guardar muitos objetos. Eu não tive anel. Também não guardei a listagem da chamada do concurso. Eu tenho algumas fotos que acho que foi do dia da formatura que, às vezes, eu olho e aí bate aquele saudosismo. Aí fico fazendo lá aquela retrospectiva toda. O convite da minha formatura está bem velhinho que de vez em quando eu pego. Aí me vem à mente todo aquele *flash back* e tal. Mas não tenho muitos objetos que eu guardo, não. Eu não sou de guardar muita coisa. Eu não me apego muito a objetos. Então, eu acho que são esses. Fotos da minha formatura e um convite. Um canudo assim... Que a gente recebe no dia da formatura. Aquele canudinho. Eu acho que são esses os únicos objetos que eu tenho (Denise).

Após ouvir os relatos percebi que nossas trajetórias, apesar dos diferentes percursos e das diferenças temporais em que ocorreram, nos trouxeram até o espaço da escola, a sala de aula. Todas nós, ao acessarmos a memória, trazemos para a luz o significado de nossas escolhas buscando assim, também significar/resignificar os caminhos percorridos. Dessa maneira, segundo Bragança (2014), é importante valorizar a sensibilidade na escuta das narrativas, pois aquele que dá a palavra, enquanto narra, acessa processos internos subjetivos e a partir daí, constrói sua narrativa e os seus sentidos. Aquele que escuta, vive a partilha e sendo testemunha da narrativa é conduzido a um processo interno de balanço, buscando dar

sentido ao que ouviu. A entrada do ouvinte e do narrador nesse circuito narrativo promove a potencialização dos seus respectivos processos formativos.

6.5 Segundo Momento: cacos do cotidiano

Cada uma de nós, narradoras participantes dessa pesquisa, entrou para a Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, por diferentes portas. A Thaís chegou à escola indicada pelo secretário de educação quase no mesmo momento da municipalização¹⁵.

Aí quando foi em dezembro, o Waldeck bateu o martelo de que eu assumiria a direção geral da escola. Eu vim para cá em cá em janeiro. Eu só assumi mesmo a escola em janeiro e a gente deu uma boa faxina, porque a escola estava muito suja, muito ruim. Eu vim com o seguinte propósito com o disse o professor Henrique, foi o que ele falou, ele garantiria tudo isso por um ano, 2014 inteiro. Mas aí eu falei para ele, "Em 2014 a gente mantém o horário ampliado e depois avalia, em 2015, como é que vai ficar. Vê o que funcionou e como que vai ficar" (Thais).

Após a municipalização, durante alguns poucos meses, a escola experimentou o compartilhamento da direção com uma representante da SEEDUC. A direção geral coube a uma representante do município (Thaís) e a direção adjunta a uma pessoa designada pelo estado (Luzia). Na prática, não foi uma condição fácil de trabalho, pois dirigir uma escola exige parceria e engajamento dos envolvidos a uma proposta de trabalho. No caso citado, a decisão foi tomada por e nas esferas superiores (Presidente da Fundação e representantes da SEEDUC) tentava conciliar interesses políticos junto à comunidade, mas não foi capaz de harmonizar práticas e concepções tão divergentes sobre o trabalho em uma escola. A presença da representante da SEEDUC, que era na verdade a antiga diretora da unidade, trazia consigo um forte cheiro de continuidade e dar prosseguimento a concepção de escola que existia naquele lugar, não era de forma alguma o objetivo da representante do município. A pressão, junto a FME/SME para que houvesse independência na escolha da direção adjunta foi grande e exitosa. A Lucia, presente desde a municipalização na função de pedagoga da escola foi escolhida para a função, logo em seguida a saída da antiga diretora.

Então ali eu já senti que era possível fazer uma escola diferente. Eu trouxe Luciana, porque eu queria que fosse minha adjunta, porque eu sempre confiei no trabalho pedagógico da Luciana. Sempre confiei nessa ação pedagógica de Luciana. Ela

¹⁵ Anexo E – Diário Oficial (janeiro de 2014).

sempre foi muito ativa nesse processo de leitura, de escrita. Por mais que a proposta da escola fosse de sexto ao nono, as crianças sempre têm muita dificuldade. Por isso, eu sempre quis Luciana. E aí eu vou dizer por mim, enquanto eu não tirei a outra diretora do Estado da função de adjunta eu não sosseguei. Foi uma meta que eu botei. Só que para isso, eu tive que reunir subsídios que me ajudaram, por quê? Porque a escola de samba fazia festa aqui. E aí deixava o pátio cheio de garrafa, cheio de cápsula de droga, até camisinha a gente achava. Em pleno janeiro e fevereiro. Então, aquilo tudo eu fui guardando, fui guardando. Encontrei, inclusive, recibos de aluguel do espaço da escola para festas particulares. Então aquilo tudo eu fui guardando... Até que no final de fevereiro, com tantas provas e a gente precisando mudar a cara da escola, para que a comunidade visse esse espaço como um espaço escolar, consegui, a Luzia saiu. (Thaís)

Afastadas as dificuldades, e com a parceira de trabalho escolhida nomeada¹⁶ o trabalho para fazer acontecer o horário integral teve início. Na bagagem, ambas trouxeram estudos sobre educação integral realizados quando estiveram a frente de coordenações exercidas na FME/SME, e mais o mestrado. Ambas a ocasião, cursavam o mestrado na UERJ/FFP. Mesmo trabalhando com temas diferentes, a Lucia pesquisou sobre residência pedagógica e a Thais desenvolveu seu trabalho com a temática educação integral, a discussão sobre bibliografia e caminhos a percorrer em seus trabalhos era frequente entre as duas.

É uma longa história. Quando a gente começou em 2011 a pensar na residência pedagógica, ao mesmo tempo estava acontecendo um outro movimento que era capitaneado pela outra diretora, a Thais, de aprofundar estudos para implementar a educação integral no município de Niterói. Víamos que não era muito óbvio fazer isso. Que as escolas não têm a estrutura necessária. As escolas que poderiam fazer, tinham e têm um quantitativo muito grande de alunos. Então, pensar em possibilidades para fazer o horário integral era um desafio. E aí, a Thais começou a estudar bastante isso, foi para o mestrado e pensando nisso, e aí a gente já começou a pensar em outras possibilidades. Não exatamente no horário integral, mas pensar em ampliação de jornada. Como é que se faz isso? Já que era tão difícil você implementar a educação integral de verdade. Pensar em outras parcerias, existem outras possibilidades. E aí a Thais foi para o mestrado estudar isso. Eu também fui para o mestrado para estudar residência. E aquela coisa, a gente estava separada, mas sempre juntas, sempre pensando nisso. Como é que faz a formação de professor dentro da escola. Como é que você faz para que uma escola consiga ter parceiros, mas que essa parceria não fique só no papel, que as pessoas participem do cotidiano da escola. E aí teve a possibilidade de Tatiana assumir a direção dessa escola e ela sempre falava, "Não, só vou se você for, só vou se você for". E eu dizia, "Que não, que eu não iria de jeito pra ser diretora", que é uma coisa que eu não curto muito fazer não. Aprendi a gostar porque eu achei os meus atalhos, então eu sou mais uma professora do que uma diretora dentro da escola. Mas, de alguma forma, a gente aprende em outros caminhos. E aí, quando a gente teve a oportunidade de assumir aqui a escola, essa escola aqui foi muito avalizada, ela era do Estado, mas aqui já tinha sido horário integral. E por conta do perfil da comunidade, houve um compromisso por parte da Fundação, do presidente da Fundação, de manter esse horário aqui. Que aí foi a faca e o queijo de tal maneira. Meio que sem saber, a Fundação deu a chance da gente fazer o que a gente acreditava. Claro que isso não foi intencional, de jeito nenhum (Lucia).

¹⁶ Anexo F – Diário Oficial (abril de 2014)

A chegada das professoras(es) a escola começou a ocorrer entre janeiro e fevereiro de 2014. Vinham imbuídos de motivações aparentemente diferentes. Por ser uma escola nova poucos professores concursados foram lotados, cabendo aos professores contratados ocuparem em maior número as funções. Não havia entre os profissionais da escola diferenças no trato. O envolvimento contagiou igualmente a todos, assim como o desejo de fazer algo diferente do que faziam em outros espaços de trabalho.

[...] tirei uma licença especial e, quando eu retornei, a Thais e a Lucia estavam na direção já da escola e aí não tive a menor dúvida. A escola que eu quero ir é a escola onde essas pessoas estão, porque eu sei que o trabalho vai ser sério. É um trabalho que está começando. Todo trabalho que começa com pessoas sérias é um trabalho de grandes possibilidades. E aí eu quis vir para cá. (Dayse).

A gente não vai receber um aluno numa escola pública, uma escola laica, com um... um monte de passagens da Bíblia pelas paredes". Uma escola pública! Não tinha como. E a gente conseguiu doação de tinta. A fundação mandou gente e os próprios professores, muitos inclusive contratados, junto com a gente, pintaram. Então ali eu já senti que era possível fazer uma escola diferente (Thais).

E aí eu sempre quis trabalhar perto de casa. Lembro que depois eu passei num concurso para Rio Bonito, bem distante. Eu levava umas três horas para chegar até a escola. Fiquei lá por muito tempo. Mas sempre quis trabalhar aqui próximo à minha casa. E os profissionais que eu conhecia, até então que trabalham na rede, sempre falaram muito bem aqui da rede. Não só da educação, assim, mas até dos salários um pouquinho melhores e tal. E aí desde quando eu me formei, eu fiz o concurso acho que três vezes. Na primeira vez foi dois mil e alguma coisa. Não sei se foi 2002. Mais ou menos isso. Foi um pouquinho depois que eu me formei. Teve o primeiro concurso. Eu passei, mas fiquei bem distante. No segundo eu fiquei um pouco mais próximo, mas não fui chamada. E aí no concurso de 2010, eu fiquei mais próxima das vagas e fui chamada em 2014. Então, como eu sempre trabalhei muito distante e essa questão de você pegar muito trânsito para chegar à escola é algo que é bem cansativo. Então, às vezes, acontece de você se estressar só no trânsito. De depender de duas ou três conduções. Então, quando eu pensei na possibilidade de trabalhar numa escola mais próxima de casa, então achei que seria melhor porque não teria esse problema de acordar muito cedo, esse estresse do trânsito, do percurso até a escola. Então, o que me motivou mais foi isso. E também de trabalhar aqui com as crianças da minha comunidade, do meu bairro, tal (Denise).

A parceria com um projeto social, e, a colaboração de antigos colegas de trabalho na FME foram as ferramentas de trabalho usadas para garantir o funcionamento da escola em horário integral. A FME/SME, enquanto instituição responsável por assegurar o funcionamento das escolas da rede de ensino do município de Niterói, manteve-se distante e omissa. Mas se por um lado muitas dificuldades materiais foram encontradas para assegurar a implantação do horário integral, por outro lado, essa postura displicente colaborou para elaboração, por parte do grupo em atividade na escola, de um projeto com identidade própria.

Para ampliar o horário, como eu já trabalhei com o projeto CLIN Social, e sabia que o projeto CLIN estava passando por problemas, sem lugar para funcionar, em 2014, eu os acolhi aqui no segundo andar. A escola funcionava no segundo andar e o projeto CLIN no terceiro. E aí o que eu percebi em meados de 2014? Que de manhã, os professores do projeto CLIN estavam ociosos, porque eles só atendiam os alunos da escola José de Anchieta a tarde. Então, eu e Lucia, a diretora adjunta da escola, a gente propôs à CLIN se eles podiam atender os nossos alunos na parte manhã. E foi aí que começou a parceria com a CLIN. Os alunos faziam atividades misturadas às aulas pela manhã e a tarde eles tinham a maioria das aulas regulares. Cada dia subia uma turma diferente. A gente que inventou isso para eles poderem ter mais atividades e ficarem mais tempo aqui dentro (Thaís).

Foi dado meio que como um castigo, “Ah tá, então vocês vão ficar aí sem muitos recursos e tal”. Mas ok. Foi importante também. Eu acho que constituir isso dentro da adversidade, eu acho que foi mais produtivo. De verdade eu penso isso, porque às vezes as pessoas já saem da escola toda montadinha, toda organizadinha, toda bonitinha e você tem tão pouca liberdade pra agir. E pra agir dentro da realidade daquelas crianças. A gente chegou aqui e encontrou uma realidade muito dura, muito difícil, mas que ao mesmo tempo, a gente tinha um retorno muito grande da comunidade. Porque a comunidade queria isso. A comunidade queria que as crianças ficassem mais tempo aqui. A comunidade comprou o projeto com a gente, comprou a ideia. E os professores que vieram também eram pessoas que estavam a fim de fazer alguma coisa diferente. Isso é bom, vamos embarcar nessa. Então foi... foi importante (Lucia).

Da Secretaria de Educação, nenhuma ajuda. Ajuda que nos foi dada pela FME/SME sempre foi pelos conhecimentos que eu recebi muito apoio da direção, da equipe como um todo. Em todos os momentos. Tudo que a gente solicitava de materiais sempre me foi proporcionado. Eu nunca tive dificuldades, como já tive em outras escolas. Tudo que a gente... Onde elas puderam colaborar, elas colaboravam. Eu, como professora que trabalhou lá na FME, tinha conhecimentos, e aí a gente conseguia coisas e eu acho que também por parte da Thaís e da Lucia. Muito menos institucional e muito mais porque a gente conhece pessoas e conhece caminhos. E aí a gente conseguia coisas para a escola. Coisas que eu estou falando materiais, projetos para trazer para a escola, tudo isso partiu sempre do conhecimento pessoal. No meu caso, consegui alguns materiais que eu sabia que existiam em uma determinada escola. Ligava, pedia para determinada pessoa que estava em determinado local porque eu sabia e a pessoa me conhecia. Senão a gente não conseguiria nada. E a Thaís e a Lucia acho que fizeram a mesma coisa. Acho que grande parte do primeiro ano de trabalho de todos nós aqui foi fazendo isso. Ligar, pedir, implorar, ir com o carro buscar, voltar, vir, porque foi uma dedicação muito A direção e da parte dos professores. Alguns até de contrato que se comprometeram desde o início com a escola e isso fez muita diferença para essa escola ser o que é (Dayse).

Sempre me senti apoiada desde o momento que eu entrei. Senti o apoio lá da coordenação pedagógica, da Marizeth. Qualquer momento que eu entro em contato com ela, peço ajuda, alguma coisa, ela sempre está disposta para ajudar. E também aqui na escola. A direção. Sempre que precisei, sempre tive total apoio da coordenação. Assim, de todo mundo. Nessa parte acho que fui muito feliz. Sempre tive apoio de todo mundo que eu precisei (Denise).

O ambiente de colaboração e de troca de experiências entre as professoras(es) foi a tônica desde o início do trabalho. Mas apesar dessa disposição estar fortemente presente no grupo: fazer diferente, fazer diferença e fazer melhor era uma prática comum ao grupo de professoras(es), mas é preciso reconhecer que não foi fácil por essa intenção em prática.

Havia muita agressividade entre os alunos, e em certa medida, a agressividade direcionava-se as professoras(es). Em muitos casos, a atitude agressiva era motivada por questões de disputa vividas fora do ambiente escolar. Havia, também, um estranhamento por parte dos alunos aos limites impostos pelo grupo que estava chegando. Entendia-se que para realizar qualquer trabalho era preciso ter respeito ao horário de entrada e saída, organização e higiene do espaço físico, respeito no convívio entre todos os envolvidos nas atividades da escola...Naquele momento inicial, todos esses pressupostos estavam postos a prova pelos alunos.

Ah, são tantas. Eu preciso falar do 9º ano que saiu em 2017 para falar da minha experiência com essa turma. Era uma turma extremamente agressiva, conturbada, difícil de trabalhar, você não conseguia se colocar diante da turma e propor nenhum tipo de trabalho porque eles se agrediam. Era o tempo todo a gente mediando conflito. Muito pouco trabalhando com educação e muito mais mediando conflito. E em especial, eu chamo a atenção de dois alunos: Da Milene e do Claiver. A Milene, no primeiro dia de aula, ela e o Claiver se agrediram na rampa da entrada da escola. A gente teve que separar no braço. Uma menina que se vestia assim, se exibindo, exibindo o corpo o tempo todo, tinha uma postura extremamente agressiva. Você ia falar com ela, botava a mão no braço, encostava nela, ela mandava tirar a mão de cima. Era, assim, muito difícil. Aquele aluno ouriço, que está sempre espetando, espetado. Coisa impressionante. E o Claiver, um aluno especial, com dificuldades e também muito agressivo. Isso lá no 6º ano em 2014. Os anos foram passando. A proximidade com esses alunos foi acontecendo. A gente foi ganhando respeito desses alunos e o carinho. Ver chegar no 9º ano e ter uma formatura, uma cerimônia de formatura, de fechamento de ciclo para eles e a Milene tomar o microfone para fazer uma homenagem aos professores e a mim como professora dela e o Claiver chorar porque ia sair da escola que ele não se imaginava em outro lugar, isso para mim é a realização de um trabalho de um grupo. Não é da Dayse. Não é da Thais. Não é da Lucia. É de um grupo inteiro de profissionais. Da portaria, à cozinha, à limpeza, todos os professores que esses alunos tiveram se dedicaram muito para que eles chegassem a esse ponto. Eles têm problemas de conteúdo. Eles são alunos com grandes dificuldades, mas que se abriram para aprender. Se abriram para conquistar novos horizontes. Isso para mim dá uma sensação de dever cumprido. Queria que fosse mais. Queria que eles saíssem com excelentes notas e tal, mas eu acho que a gente conquistou muito com eles. Isso para mim é muito marcante. Essa turma. Não vou esquecer jamais (Dayse).

Aqui foram muitas, mas uma, assim, foi impressionante. No primeiro ano aconteceram muitos episódios ruins ainda. Ruim, não no sentido de escola pública. A gente já está acostumada com um monte de coisa. Que é uma vivência que a gente já tem, que a gente sabe de violência, que a gente sabe de furtos. Coisas que acontecem na escola. Só que aí, uma aluna... quer dizer, houve um furto de um celular e aí, quando a gente... a própria comunidade se mobilizou, e aí a gente ficou sabendo quem tinha pego o aparelho. E aí foi muito duro aquilo porque, querendo ou não a gente acaba colocando as pessoas na caixinha. Quem faz isso, quem faz aquilo, você vai estigmatizando. E eu poderia dizer que tinha sido qualquer pessoa, menos a pessoa que realmente furtou. Porque é uma pessoa que eu gosto muito, uma menina super tranquila, gente boa para caramba! Eu nunca imaginei que ela fosse fazer aquilo. Aquilo acabou comigo. Só que a comunidade tem suas regras. E aí ela precisou ficar afastada da escola um tempo. Porque teve a represália e tal, porque ela tinha feito isso. Ela não podia ter feito aquilo aqui. E aí ela tinha muita dificuldade. Aquela menina estava no sexto ano e ela praticamente não lia. É uma dificuldade mesmo, a dificuldade de aprendizagem é uma coisa absurda. E aí ela ficou em casa mais de dois meses. Dois meses e pouco, à toa. E com uma história de vida terrível.

Aí eu comecei a trazer livros da minha filha e mandava para ela, meio que um empréstimo. A cada três dias eu mandava um livro por uma coleguinha, pra ela ir lendo. Comecei por uma literatura mais palatável, uma coisa mais amena, que não fosse muito erudita, para ela não ter muita dificuldade, sabendo da dificuldade que ela tinha de leitura. E aí fui em um crescente. Eu ia aumentando, colocando uns textos um pouquinho mais difíceis. E aí eu comecei a pedir para que ela mandasse um resumo para mim sobre o quê que era. E ela ficou aquele tempo lá lendo. Ela leu mais de 15 livros, naquele tempo que ela ficou lá na clausura. Quando essa menina voltou para a escola, essa menina lia o tempo todo, lia o tempo todo. Ela ficava na fila do refeitório lendo, ela acabava o horário de almoço, que as crianças ficam no pátio, porque tem um pátio grande, um gramado... ficava lendo. No horário vago ela ficava lendo. Então ela pegava livro toda semana, toda semana, toda semana. Essa menina tinha dificuldades terríveis de leitura. Ela agora ela está no nono ano. Ela tem uma dificuldade de aprendizagem? Tem. A gente tem consciência e ela também tem. Isso para ela foi muito duro entender que ela não conseguia reter as informações, que ela estudava, estudava, mas ela dizia, "Tia, não fica na minha cabeça. Isso foge, isso vai embora". E ainda assim ela se esforçar tanto, tanto, tanto, tanto! Que esse ano não houve um único trimestre que ela não tivesse sido citada nos conselhos como aluna destaque, como aquela aluna que está se esforçando absurdamente. Que está ali enfrentando... E não é fácil! Que a gente sabe que para ela é difícil, mas ela está encontrando os apoios dela, ela está fazendo a rede dela (Lucia).

O que me marca muito é, assim, a mudança de comportamento dos alunos. A gente ficou com os alunos que eram do Estado e, no início de 2014, principalmente com relação à alimentação, salta aos olhos a diferença. Essas crianças não sabiam comer usando talher. Eles só comiam de colher. Hoje, as crianças comem em prato de vidro, garfo e faca, sentam para comer... eles não sentavam para comer. Foi um início, 2014, muito difícil. Tivemos que ensinar a eles como alimentar, que esse momento era importante. Era importante sentar, comer, comer uma fruta, conversar, deixar o espaço limpo. Isso é uma coisa que me marca muito. (Thaís)

Uma clientela diferente. E aí eu tive que reaprender a dar aula. Então foram várias tentativas. Acertando, errando até descobrir que eu tinha que me reinventar, enquanto profissional. Daí, então, várias situações aqui que nós vivemos em sala de aula, boas e ruins, alguns casos que... Alguns problemas sérios que nós tivemos em sala quando... Eu passava muito tempo tentando controlar aqueles incidentes que aconteciam em sala de aula do que dando aula. Você lembra bem disso, o que nós vivemos aqui. Tudo isso me marcou bastante. E hoje quando eu vejo esses alunos que continuaram, a maioria continuou com a gente, e como eles mudaram. Então, assim vendo o antes e o depois, isso me marca bastante (Denise).

As experiências vividas no primeiro ano de funcionamento da escola deram ao grupo muito o que pensar. Em várias reuniões de planejamento que ocorreram (e ocorrem) às quartas-feiras, foram (continuam sendo) discutidas questões relativas ao comportamento dos alunos e a metodologia de trabalho. Criou-se no período um ambiente de troca, que nem sempre foi ameno. Desencontros na forma de ver e lidar com o aluno, muitas vezes deram espaço aos embates. De forma respeitosa, mas muito firme, muitas arrestas foram expostas e esclarecidas. A maneira de trabalhar foi (continuam sendo) um constante desafio, e por isso, a busca por caminhos capazes de tocar os alunos, de os motivar é uma constante entre as professoras(as).

Eu aprendo o tempo todo com meus alunos, com meus colegas. Às vezes, a gente aprende por assimilação ou por negação. Você olha e vê, “Não, isso eu não quero fazer nunca na minha vida igual”, mas eu acho que a gente se forma o tempo todo. Quando você prepara uma aula e você dá aula e você vê que não deu certo. Aí você tem que pensar outra forma. Isso é se formar. Isso é se construir como profissional. E o professor deve, e eu tento fazer isso o tempo todo. Voltar atrás, recomeçar, reconstruir. E como eu disse. Não tem fórmulas prontas. Fórmulas prontas não dão certo. Elas dão certo num dado momento para um grupo específico. Mas para outro não funciona. Então essa construção constante na sala de aula é formativa. Ela faz a gente se reconstruir, a gente aperfeiçoar o que está fazendo (Dayse).

Desgaste! Não posso acreditar que uma professora possa se referir aos alunos dessa forma! Chamar as crianças de fedorentas, dizer que chegam fedorentas!!!! Tive que dizer que estamos em um dos bairros mais pobre da nossa cidade, que o modelo de casa que está na cabeça dela, com chuveiro e máquina de lavar, sabonete da natura e desodorante dove, pode não existir na vida real dos alunos. Muitos tomam banho frio de balde. As mães trabalham em casas como a dela, inclusive cuidado de crianças como os filhos que ela tem, e não podem lavar roupas todos os dias porque chegam tarde e as vezes não cai água todos os dias. (Diário de Itinerância – 4 de maio de 2016).

Conversamos sempre com todos. Interagimos com todos os profissionais. Então, isso também, assim, algo que eu acho muito positivo. Esse momento de discussão, assim, como a gente lidou com as dificuldades que nós tivemos. Como a gente planejou muitas coisas legais. Eu tive oportunidade de fazer trabalhos com outros profissionais, assim, parcerias com outros profissionais que eu nunca tinha feito antes em outra escola. Sempre fiz trabalhos, atividades com a Joana, com a Fabiana. Então, essa questão da gente aqui estar trabalhando mais junto, assim, interagindo mais e os profissionais mais unidos, não ter tanto aquela separação. Cada um vai para a sua sala, faz o seu trabalho, também é algo que me marcou bastante. Assim que eu acho muito positivo. (Denise)

Eu não sei especificamente para formação, porque a gente aqui não consegue fazer reunião de estudo. De estudo teórico. Mas a gente faz reunião de estudo de caso, porque a partir do momento que o professor traz para o planejamento a realidade, seja da turma, seja do aluno, ou seja de fora da escola, que muitos também trazem como exemplos bons, exemplos positivos para gente pôr em prática. A gente não faz reunião de estudo teórico, a gente faz reunião de estudo de caso. Eu aprendo muito, mas eu aprendo nas reuniões de planejamento de uma forma mais prática, não teórica. Eu vejo assim, é pouco tempo, são duas horas só, então são muitos professores, são 11 disciplinas, eu tenho muitos professores, então eles se colocam muito nas questões que aconteceram na semana ou no mês que precisam ser resolvidas, que precisam ser sanadas, que precisam ser pensadas, que precisam ser modificadas para que aquela realidade melhore na escola, para que aquela realidade mude para aquele aluno. Então eu vejo a reunião como uma reunião muito mais prática, porque ali a gente coloca a situação, pensa em possibilidades e diz o quê que a gente vai executar, coloca em prática para na outra a gente... duas reuniões depois ver se já deu resultado. Infelizmente, a gente ainda não conseguiu fazer reunião de estudo que foram poucas, quando veio é porque era a formação da fundação de fora, que algumas eu acho que nem rendeu muito, mas as cotidianas de planejamento é mais estudo de caso, com sugestões de ações. Às vezes que nem aconteceu na aula daquele professor, mas ele, “Poxa, mas isso não aconteceu comigo, mas se a gente agisse assim? Se a gente agisse assim? Vamos pensar, vamos botar...”. eu aprendo com isso, eu aprendo com a prática deles, com as possibilidades de práticas, de sugestões de práticas, a gente coloca em ação e vê o resultado. É isso que eu vejo (Thais).

O caminhos escolhidos pelas professoras(es) ganharam diferentes proporções, e foram paulatinamente ganhando contornos e se materializando, ora em forma de projetos de trabalho pensados para o cotidiano da escola; ora em projetos de vida com aprofundamento da formação através de cursos de mestrado. A aproximação entre o saber acadêmico formal não tirou o espaço da atuação criativa, motivadora, ao contrário, materializou expectativas, reforçou potencialidades.

Então, voltei a estudar. Aí fui fazer uma pós-graduação. Depois de muito tempo que eu fiquei sem estudar. Foram 16 anos sem estudar. Sem estudar na minha área. Eu estudei várias coisas em outras áreas. E aí voltei, então, a estudar na minha área. Fiz uma pós-graduação e aí o que me levou também a entrar no mestrado. Então, eu fui reaprender a dar aula. Fui pensar no que é ser um professor. Então, sobre tudo. Reaprendi sobre o currículo – estou reaprendendo – sobre metodologia, sobre relações pessoais, interpessoais, sobre interações. Então, eu voltei a estudar sobre isso e estou reaprendendo sobre o meu trabalho como um todo. E já aprendi bastante coisa. Então, isso me fez, eu acho, que me tornar uma nova profissional. Uma nova professora. Então, tudo que aprendi foi muito bom. Foi muito construtivo, porque eu estou aprendendo ainda, e eu acho que isso foi fundamental ter esse desequilíbrio porque aí, então, eu pude me reinventar. Então, foi importante para mim (Denise). Mas foi muito importante eu ter feito parte do mestrado da FFP. Aquilo foi uma redenção na minha vida, pelo momento que eu estava vivendo da minha vida e a forma como eu fui acolhida por aquelas pessoas. Impressionante, impressionante. Pela turma, até pelos professores em si. Por cada um deles que faziam tudo para você se sentir bem. E mais importante, é que não tem aquele discurso de semideus, porque na pós-graduação, vamos combinar... É difícil. E são pessoas que tão muito atentas as suas dificuldades, as suas limitações, as suas impossibilidades, ao seu trabalho, a sua família... Mas tão ali para fazer da escola pública um lugar melhor. Eu acho que hoje eu sou melhor também em função do que eu vivi ali. Isso é fato. Foi bastante importante na minha vida (Lucia).

Uma coisa que me marcou muito no mestrado foi a fala da minha orientadora sobre entrada em uma escola para fazer pesquisa, que deveríamos perceber o clima escolar. Era uma coisa que ela tinha muita curiosidade em saber. A Lúcia tinha muita curiosidade em saber em quê o clima escolar influenciava. Na época, a gente leu muito artigo sobre clima e situação escolar. Isso me ajudou e ajuda muito, ainda hoje. Acho que contribui na minha prática aqui na escola (Thaís).

Hoje, na reunião do Polifonia apresentamos textos significativos para a construção de nossos textos da dissertação. Thaís indicou Nóvoa, Rodrigo indicou Clarice Nunes e eu indiquei um texto do Jorge Larrosa, do livro Tremores. Apresentei para o grupo o meu entendimento do texto e destaquei a importância desse texto para minha formação. A maioria das pessoas já havia lido o texto em algum momento do mestrado ou graduação. Expliquei, que a leitura dos textos realizadas na matéria estudada com Inês, Jorge Larrosa, Nóvoa, Ricardo Vieira e mais outros autores, me deram vontade de escrever sobre o meu fazer. Disse ao grupo que até no momento de qualificar tinha insegurança sobre a importância da minha pesquisa. O saber acadêmico na maior parte das vezes está apartado, distante do que fazemos em sala. E além disso, muitas vezes, desvaloriza o saber construído no cotidiano torna desimportante. Esses autores, e muitos outros que conheci, tratam o saber do professor como algo potente. Estou registrando essa fala a pedido da Inês. (Diário de Itinerância - novembro de 2017).

6.6 Terceiro Momento: cacos escondidos embaixo do tapete

Após realizar a transcrição, passei a leitura de cada uma das *entrevistaconversa*, acompanhando o texto por meio do áudio. Pude perceber nesse momento do trabalho, que não conseguimos fazer emergir, por meio de palavras, tudo o que pensamos, sentimos ou mesmo tudo o que passamos. As palavras são escolhidas, assim como aquilo que queremos revelar, e mais, de que forma queremos dizer o que nos passa, em e por nós.

Quando tratamos nós falamos das(os) professoras(es) que marcaram a nossa vida falamos de forma eloquente das(os) boas(ns) professoras(es) que tivemos. Lembramos-nos das suas práticas, dos métodos que aplicavam e até mesmo da forma carinhosa como nos tratavam durante nossa convivência. Citamos com pouca ênfase, aquelas(es) professoras(es) que não apresentavam boas práticas em sala de aula, ou ainda, que nos machucaram, ou nos hostilizaram. Talvez a nossa fala busque construir uma via de aproximação com o que nos aconteceu no passado. Fazemos no hoje, aquilo que nos marcou positivamente no passado, na esperança de fazer o mesmo com os nossos alunos.

Até porque me tornei professora por causa deles. Eu sempre fui aquela aluna puxa saco de professor. Então, eu sentava ali sempre na frente. Eu lembro que nessa época era uma briga. A gente disputava as primeiras carteiras. Tinha que estar na frente da professora. Tinha que estar do lado da professora, falando com a professora o tempo inteiro. E eu tive professores maravilhosos. Professoras muito carinhosas e depois algumas professoras que não eram tão carinhosas como as outras. Então, ali eu fui percebendo o que mais eu gostava nesses professores e o que eu não gostava. Eu sentia que a turma tinha o mesmo sentimento em relação às atitudes do professor como eu. Então hoje, eu trago muito isso para a sala de aula. Eu penso, assim, quais foram os meus melhores professores, quais foram os professores que eu não gostei muito. Então, no meu dia a dia ali com a turma, essas atitudes me influenciam muito sobre o que eu devo fazer e o que eu não devo fazer. Então, os professores mais distantes, mais ríspidos foram aqueles que marcaram pelo lado negativo. Então, penso muito nisso no meu dia a dia com meus alunos (Denise).

No fundamental II, eu já tive professores mais engajados politicamente, mais politicamente colocados e isso para mim também era muito marcante. Professor Lélío, professor Gilberto, do Gay Lussac. Lógico, de História. Evidentemente. E isso determinou também a minha escolha. Professores maravilhosos que fizeram toda a diferença na minha vida. Então essas pessoas marcaram muito na minha vida. (Dayse)

Estudei no Clélia Nanci. Aquilo ali...aquela escola era impressionante no sentido dos professores que aquela escola tinha. Você poderia dizer que tinha 10 professores, 12, 12 professores sérios. Muitos nem precisavam tá ali. Não precisavam porque tinham condições financeiras. Não é isso. E não importava também a disciplina, não era porque era de matemática ou que era de artes, que era isso (Lúcia).

Também não destacamos nas nossas narrativas, a fragilidade da manutenção do horário integral da escola. Estamos atrelados a uma secretaria e uma fundação que ignora institucionalmente o que é feito pedagogicamente na escola. Como já foi apontada anteriormente, a invisibilidade possibilita a liberdade na construção do projeto de escola desejado por parte do grupo que nela trabalha, mas por outro lado, nos coloca em uma situação de constante insegurança de ter o projeto interrompido para que sejam atendidos interesses de outra natureza, que não seja a educacional. Também atrapalha, quando inviabiliza a completa utilização do espaço físico, ao não finalizar a obra de recuperação de toda a unidade escolar. A realidade é que estamos atuando em um canteiro de obras desde 2015, quando a reforma teve início, mas não foi concluída. O terceiro andar, a área esportiva, cozinha e refeitório foram reformados, mas as outras muitas áreas da escola não tiveram o mesmo tratamento.

[...] o que me deixa muito entristecida é o descaso. Eu acho que do poder público municipal peca em não finalizar a obra da unidade. Eu acho que eles colocaram muita expectativa no período de campanha, dizendo que aqui era uma escola de horário integral. Eu vejo que a gente tem que se espremer para fazer aquilo que a gente acredita num andar só, de uma escola enorme, de um CIEP que tem muitas possibilidades. E aí isso me marca muito negativamente, ver que no discurso é uma coisa, na prática é outra (Thaís).

[...] enquanto isso não acontecer a gente continua lutando para terminar a obra, tenta fazer as coisas da melhor forma possível, tentando ouvir, às vezes muito desacreditada das questões governamentais, na verdade, totalmente desacreditada. Vendo que a escola por si só tem que dar o seu jeito. Eu acho que é isso. Não sei quando que eles vão terminar não, mas a gente vai... e eu acho que é até bom, porque só assim a gente vai crescendo gradativamente (Lúcia).

Outra questão narrada pelos participantes é o clima de violência no entorno da escola, que muitas vezes invade os seus muros. Falar desse tema me fez perceber que temos uma relação dialética com a nossa memória, enterrando o que não queremos lembrar e transformando em fala aquilo que escolhemos. Seja no comportamento dos alunos, seja no perigo ao qual estamos expostos em momentos de confronto entre a polícia e criminosos, ou mesmo entre criminosos de facções diferentes, a escola com uma das poucas instituições do poder público presentes em comunidades, assim como outras edificações da região, torna-se alvo de tiros, abrigo noturno para usuários de drogas, local de fácil acesso para furtos. Através dessas intervenções reais no ambiente escolar podemos vislumbrar o perigo que corremos diariamente, mas o risco mais grave que corremos é de naturalizarmos a situação, considerando-a de pouca importância ou mesmo justificável. Além disso, não conseguimos dar conta de alunos que estão mergulhados de forma visceral no consumo e no comércio de

drogas ilícitas. As relações desses alunos com outros alunos, com as professoras(es) e funcionárias(os) ficam de tal forma abaladas e dificultadas, que tais alunos muitas vezes são afastados do ambiente escolar, causando frustração a todas nós, mas também um certo alívio a todos os implicados.

Nunca, nem por um segundo, nunca me senti ameaçada. E olha que teve aluno aqui danadinho, que a gente sabia que estava envolvido com tráfico, que vinha para a porta da escola com arma na cinta, mas comigo não! Eles vêm me abraçam e me beijam quando me encontram na rua. Muitas vezes eu percebo que estão ali, naquele lugar, para fazer coisa errada, mas fazem questão de atravessar a rua correndo para falar comigo, "Oi, tia", puxam assunto, me abraçam...". (Lúcia).

Eu não sinto... A gente aqui dá aula para alunos que são primos, sobrinhos de traficantes, de pessoas envolvidas diretamente com o tráfico de drogas. Em nenhum momento, em nenhum momento esses alunos usaram isso como álibi para nada. Nem para falta. Nem para dizer, "Ah, quero uma nota melhor porque eu sou sobrinho de fulano". Nunca isso aconteceu aqui dentro da escola. Nunca mesmo. Num primeiro momento nós tivemos uns alunos que eram um pouco diferentes, meio envolvidos e agressivos, mas, assim, a gente soube levar essa situação e eles acabaram não permanecendo na escola porque não encontraram espaço favorável a eles aqui. Nem por parte dos outros alunos nem por parte da escola. Então, assim, eu não me sinto ameaçada por nenhum aluno. O ambiente daqui também nunca me senti ameaçada, que vou levar um tiro e tal. Nunca me senti assim ameaçada. Até porque para a gente é fácil porque a escola é na pista. A pista de saída. Então, se acontece alguma coisa mais grave e tal a gente, depois que as coisas se acalmam, pega o carro e vai embora (Dayse).

O que me marcou muito foi um aluno em 2014, na verdade eram dois irmãos. Foi no primeiro ano de funcionamento da escola. Eles vieram de outra escola da rede, do João Brasil. Eles eram envolvidos no tráfico, eles me enfrentaram. Além disso, eles debochavam dos alunos NEEs. Aquilo me afetava muito. E logo no início... eram três irmãos, uma irmã e dois meninos, eu vi que aquele perfil não condizia com a realidade da escola que a gente estava oferecendo. Então, eu bati de frente com esse aluno e convidei a mãe a levar esse aluno para uma outra escola, uma escola de horário ampliado para ele não dava, não dava. Ele enfrentava os professores, ele não queria entrar em sala de aula, ele só entrava quando ele queria, tanto ele quanto o irmão, ele zanzava pelo corredor, ele passava pelo carro dos professores e arranhava... Isso não dava. Rabiscava parede, pichava tudo. E aí quando, numa conversa que eu tive com a mãe dele, argumentando que não dava mesmo para ele permanecer nessas condições ele sentado no corredor olhando para dentro da minha sala, me ameaçou. Ele saiu da escola e ficou um bom tempo andando pelo portão da escola me ameaçando. Isso mexeu comigo, mas ao mesmo tempo me fortaleceu com outros alunos, "Não, ela faz, a escola faz, faz e banca", entendeu? Porque, infelizmente, ele serviu de exemplo negativo, mas para mostrar para os outros que "Não, não é esse perfil, se você quer ficar aqui, você não pode ter esse tipo de comportamento". Várias chances foram dadas para eles, mas eles não mudaram e continuavam enfrentando. Com a saída dele eu tive uma melhora muito grande no comportamento dos alunos. Foi visível a melhora no respeito ao professor, acabaram as pichações na parede e nas carteiras. Então, foi um exemplo para os outros, mas isso mexeu muito comigo, mexeu muito comigo. Tanto que até em 2015 teve uma vez que ele estava de bicicleta no portão, eu estava saindo de carro e ele falou, "O quê que foi? O quê que você está olhando?". E eu abaixei o vidro e falei assim, "Eu não quero você na porta da escola", e ele fez um sinal com um dedo de uma arma como se tivesse atirando em mim. Ele estava de bicicleta. Eu esperei, fiquei dentro do carro, o porteiro pediu para ele sair e aí ele subiu a rua de bicicleta. Isso foi uma coisa assim, que me marcou muito. Agora, a questão das operações policiais... já

tivemos umas três vezes tivemos que colocar os alunos no corredor, porque o tiroteio estava violento fora da escola. Minha sala no andar de baixo, em 2014, foi alvejada de bala no vidro. Infelizmente, isso a gente já age de uma forma mais natural. Digo, infelizmente, porque não era pra acontecer. Mas são coisas que acontecem, que no momento deixa a gente muito preocupado de que como a gente vai esvaziar as escolas, como os alunos vão voltar pra casa, o quê que eles vão encontrar pelo meio do caminho, mas ao mesmo tempo me dá força para continuar aqui. Os alunos não podem viver achando isso natural. Mas eu sou muito impulsiva. Em 2014, o tiro comendo solto pela primeira vez, eu com os professores acuados, o portão aberto, o BOPE querendo manobrar dentro da escola, o tiro comendo... eu saí correndo para trancar o portão, porque senão eles iam entrar com o carro dentro da escola e a escola ia ser alvejada. Entendeu? O ano passado eram dez horas da manhã eu fui até o posto de gasolina perguntar ao comandante se eles iam subir, e que horas, para eu poder dispensar os alunos. Eu fui, me identifiquei, fui até lá e ele falou que não ia subir naquele horário. Deu tempo de dispensar os meus alunos com segurança para que eles chegassem em casa em segurança. Não adianta ficar aqui dentro com operação policial na comunidade porque eles têm o celular, por mais que a gente restrinja, eles têm o celular. Já tivemos a situação de uma aluna, que teve o irmão baleado durante uma dessas operações, receber a notícia por mensagem e quase surtar. Ela foi tirada de sala, mas o burburinho e tumulto atingiram a escola inteira. São primos, são irmãos, são pais que estão envolvidos no tráfico e com a operação lá fora, eles aqui ficam preocupados...desesperados. Essa questão da violência de operação na comunidade, de tiroteio é uma coisa que afeta eles porque eles não são crianças pequenas, eles têm noção do quê que é um tiro, da onde está vindo, de que boca, quem são os amigos que estão lá. É uma coisa que a gente tem que ter sangue frio, aguardar, ir liberando quando possível, mandando eles terem calma. Mas isso não me assusta, Infelizmente, numa escola dentro de comunidade, isso é uma coisa que acontece. É a realidade que está posta. Mas é assim, nos revolta porque não respeitam o horário escolar, não respeitam esse horário que as crianças estão transitando na rua. E a gente fica muito chateada da forma que eles são abordados pelos policiais e pelos próprios bandidos, às vezes eles contam para gente. Isso deixa... mas isso não me assusta. O que me assustou mais foi essa situação com esse aluno em 2014 porque foi uma ameaça mais direta (Thaís).

Sim. Eu acho que todas as escolas que estão localizadas dentro de bairro que têm esse índice de violência passam por problemas parecidos. Então, nós temos muitos conflitos dentro da comunidade que acontecem repetidas vezes e aí na comunidade tem muitas consequências negativas em relação a isso. Dias em que o comércio fecha e a escola precisa fechar. A escola precisou fechar em alguns dias. E eles veem toda essa violência de perto. O que a gente não vê. Eu moro um pouquinho afastado aqui do miolo, do centro. Não vejo. Vejo pouco isso acontecer, mas eles veem isso de perto. E quando eles relatam algumas coisas, a gente vê que são coisas graves. Eles veem pessoas sendo assassinadas. Muitas vezes, os policiais entram nas casas deles. Aí eles presenciam agressões. Eles convivem com tráfico de drogas bem de perto. Pessoas usando drogas. Muitas já usaram. Então isso está muito entranhado na vida deles. E lógico que as consequências a gente sente na sala de aula. Então, nós temos aqui muitos alunos que chegam cansados porque não dormiram à noite por conta dos conflitos. Nós temos alunos que chegam abalados porque perderam alguém. Porque um parente foi preso. Assim que começa um confronto, o andamento da escola muda completamente porque eles estão aqui dentro, eles estão preocupados com o que está acontecendo lá fora. Estão preocupados com os parentes que estão lá fora. Com alguém que foi preso. Um parente que pertence ao tráfico que pode acontecer também. Eles ficam naquela preocupação. Então isso afeta demais a vida deles e a nossa também. E eles relatam muitas vezes esses acontecimentos que são coisas bem pesadas mesmo, bem complicadas. Então isso afeta a vida deles como um todo e a nossa também (Denise)

Refletir sobre todas as questões que estão, muitas vezes, bem guardadas dentro de nós me fez pensar na necessidade que temos de narrar o que nos acontece, para que possamos dar significados às nossas experiências.

Ouvir do outro sobre qual tipo de professora(o) queremos ser, quais relações buscamos estabelecer com nossos alunos, me fez pensar em minha prática. Pude identificar em cada uma de nós, a busca incessante por meios e caminhos que nos auxiliem e nos qualifiquem em nossa prática cotidiana. As conversas sobre nossas histórias nos aproximou e nos possibilitou partilhar desejos, sonhos...

A necessidade de conquistarmos condições materiais, seja como indivíduos, seja como escola, que nos possibilitem trabalhar em melhores condições, acessando os recursos que desejamos, esteve de forma implícita presente em nossas conversas.

Outra questão subentendida diz respeito à fragilidade da manutenção do horário integral de funcionamento da escola. Percebemos que a adoção ou não do horário integral está atrelado aos interesses políticos partidários e não aos interesses da comunidade na qual a escola está inserida. Da mesma forma, não somos consultadas, ou ouvidas, levando ao total desconhecimento por parte instituição gestora do que fazemos, ou como fazemos. Enquanto estamos assim nas brumas, esquecidas e enevoadas, vamos construindo compondo com a liberdade que temos.

Uma escola capaz de compor com todos, alunos, família, comunidade é outra questão que pouco a pouco vai sendo construída, mas que encontra dificuldades por estarmos em meio a um bairro no qual a violência do tráfico de drogas está presente de maneira determinante. A perda de alunos para o crime ainda nos assusta e nos entristece, muitas vezes tornando difícil verbalizar essa situação, que é falada nos corredores, na sala dos professores, mas que preferimos não mencionar, talvez para que nos doa menos.

Nesse sentido, encontramos a pesquisa formação como um potente campo que valoriza a escuta e dá espaço para que novas versões de si mesmo possam ser construídas, enquanto narramos. A aproximação entre os envolvidos no processo produz conhecimento dinâmico e com potencial transformador. Essa experiência vivida na pesquisa é capaz de conscientizar de forma muito intensa cada um dos participantes favorecendo a reflexão sobre suas histórias de vida como um processo de aprendizagem, conhecimento. Pode resultar também, na conscientização das experiências vividas como docente e a valorização do saber construído ao longo do tempo. A pesquisa provoca assim, a reflexão de todos os envolvidos, que é sucedida pela formação da mesma forma, de todos (BRAGANÇA, 2012).

OITAVO CACO: CONSIDERANDO TODAS AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS...

Este é um momento de reflexão. Um momento para pensar o que foi feito e o que ainda está por fazer. E, quando olho para trás, e rememoro tudo o que foi vivido, lido, assimilado, experimentado... percebo quanto tempo foi investido na defesa de uma proposta de trabalho, na defesa de um propósito.

Digo isso por acreditar que a escola seja um espaço inovador, criativo, e a cima de tudo formador, que precisa ser visibilizado e empoderado no ambiente acadêmico, como meio de assegurar a sua legitimidade.

Por isso, o esforço da pesquisa se concentrou na escuta atenta a narrativa das professoras envolvidas desde o começo do projeto. Pretendi valorizar o fazer de cada uma das envolvidas. Muito foi feito por cada uma delas para que a escola continue funcionando, e bem, como se encontra ainda hoje, apesar do descaso das autoridades envolvidas.

Também foi possível observar e expor por meio das narrativas as dificuldades materiais e pedagógicas encontradas pelo grupo durante o processo de implementação do horário integral. Foi ainda destacada, a frágil condição da manutenção do horário integral, por conta do mesmo acontecer não como um projeto dos poder instituído do município para o município, mas como um projeto instituinte, dos participantes para a comunidade, construído cotidianamente, coletivamente e em constante reformulação.

Muitas expectativas iniciais quanto aos rumos da pesquisa ficaram pelo caminho. A proposta inicial de conhecer o processo de fundação da escola nos anos noventa, entender a proposta pedagógica do grupo pioneiro, contextualizar o momento da fundação foram caminhos irrealizáveis com o tempo disponível para o trabalho e a inexistência de documentos e registros na escola e nos órgãos administrativos do governo estadual.

Outra fonte de frustração foi a não realização de mais de um encontro com as participantes. Embora estejamos em contato diário, não tivemos tempo para formalizar um outro encontro, mas devo ressaltar como um ganho pessoal o fato de após a *entrevistaconversa*, o convívio entre nós se estreitou. Todavia, a fala das professoras foi assegurada por meio de suas narrativas, presentes e audíveis ao longo do trabalho, e, também nas apresentações de seus memoriais, não podemos deixar de citar a confirmação de seus relatos após a entrega, a cada uma delas, das transcrições.

Houve a intenção de mostrar uma escola que ousa fazer. Um grupo que não espera autorizações, prescrições, regulamentos e financiamentos, mas sai de forma aguerrida em busca de soluções viáveis para ver acontecer aquilo que acreditam ser possível realizar. Encontramos resistências institucionais, mas como cruzar os braços diante de uma escola que está dinamicamente, acontecendo todos os dias.

Volto o pensamento ao início de tudo. Por que escrever especificamente sobre esta escola? O que há de diferente neste grupo? Quem são esses profissionais? Quais são suas histórias de vida? Inicialmente, o que me impulsionou foi o desejo refletir e dar visibilidade à experiência como docente da escola, apresentar as possibilidades de realização de um trabalho dinâmico e de qualidade em uma escola pública, quando um grupo engajado e aberto se propõe fazê-lo. E foi com essa perspectiva, que fiz o projeto de ingresso ao mestrado, que após ser aprovado foi paulatinamente sendo aprofundado nas aulas, no grupo de pesquisa, nas reuniões de orientação... foram muitos os entrelaçamentos que possibilitaram tecer essa pesquisa.

Ao iniciar a escrita desse último caco, lembrei-me do questionamento feito por um dos membros da banca (Professor Ricardo): “o que é que aprendeu/descobriu com essa pesquisa que não soubesse ainda antes de a realizar?”. Logo que li esse questionamento, ainda no momento da qualificação, ainda com o pensamento enturvado por um cronograma apertado e tanto a ser feito, observei dois pontos do trabalho que saltavam os olhos: 1- desconhecia as histórias de vida das professoras narradoras; 2- não tinha a verdadeira proporção da força que um coletivo possui quando está engajado em uma proposta.

A história de vida das professoras apontou para a perspectiva que ser professora é estar em constante formação e transformação. Cada uma de nós, ao longo de suas carreiras, reinventou o seu fazer diário, seja usando criatividade, seja por meios formais. A intenção de agregar e qualificar conhecimentos está presente no cotidiano de todas elas, embora na maior parte da vezes nos encontremos sozinhas em nossas buscas, a necessidade de fazê-la é de muitas de nós. Talvez seja esse o maior ganho do trabalho o reconhecimento de objetivos comuns.

Outra percepção muito importante diz respeito a construção de um grupo disposto a trabalhar coletivamente. Mesmo que não haja percepção clara do caminho trilhado por cada uma das pessoas individualmente envolvidas, há um vislumbre que algo diferente e potente está sendo realizado pelo grupo.

Como já disse anteriormente, muito há para ser feito nos próximos anos. Muitas questões precisam ser resolvidas institucionalmente - garantia da manutenção do horário integral, obras de infraestrutura, número adequado de funcionários; e internamente – montagem de uma equipe permanente e concursada, engajamento de todos os professores de forma comprometida, por escolha, na manutenção do horário integral, busca constante de metodologias inovadoras... são muitos os pontos a considerar. Muitos pontos ainda encontram-se distantes, outros em processo de viabilização.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. *Fontes orais, escritas e (áudio) visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. Studium e o punctum possíveis.* PUCRS.

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes.* Petrópolis: DP & A, 2008, p.39-48.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação.* Brasília: Plano Editora, 2002.

BRAGANÇA, I. F. S; ARAÚJO, M. S. *Experiências na formação de professores: Memórias, trajetórias e práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci.* Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014.

_____. A formação como “tessitura da intriga”: diálogos entre Brasil e Portugal. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.93, n. 235, p. 579-593, set/dez. 2012.

_____. *História de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

_____. *Pesquisa formação (auto)biográfica: reflexões sobre narrativa oral como fonte e a compreensão cênica como caminho de análise.* UERJ/FFP.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 9.394/96, de 23 de dezembro. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LF9394_96.pdf, consultado em 26/10/2015.

_____. Lei n° 13.005, de 25 de junho. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências, 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/Lei/L13.005.htm >, acesso em 15/01/2016.

_____. *Educação Integral/ Educação Integrada e(m) Tempo Integral; concepções e práticas na educação brasileira.* Brasília: MEC/SECAD, 2010.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: arte de fazer.* Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAVES, M. W. A Educação Integral: Uma proposta de Inovação Pedagógica na Administração Escolar de Anísio Teixeira no Rio de Janeiro dos anos 30. In: COELHO, L.M.C.C.; CAVALIERE, A.M.V. (Organizadoras). *Educação brasileira e(m) tempo integral.* Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.

CONTRERAS, J. *A autonomia dos professores.* São Paulo: Cortez, 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada.* Natal, RN: EDUFRRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

_____. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v.32, n.2, p.359- 371, maio/ago. 2006.

DOMINICÈ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FERRAÇO, C.E., GOMES, M. R. L. Sobre as redes que tecem práticas políticas cotidianas de currículo e de formação de professores/as. *Currículo sem Fronteiras*, v.13, n.3, p. 464-477, set/dez. 2013.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

_____. (organizador). *Currículos em redes*. Curitiba: CRV, 2016.

FONTOURA, Helena Amaral da. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: Helena Amaral da Fontoura (org.). *Formação de Professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa*. 1ed. Niterói: Intertexto, 2001b, v.1,p.61-82.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livro editora, 2008.

GALLO, S.. A Educação Integral numa Perspectiva Anarquista. In: COELHO, L.M.C.C.; CAVALIERE, A.M.V. (Organizadoras). *Educação brasileira e(m) tempo integral*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.

GARCIA, A.; OLIVEIRA I. B.(organizadoras). *Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação*. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

GATTI, B. A. A formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.31, n.113, p.1355-1379, 2010.

_____; SÁ, E. S.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Políticas docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília: UNESCO, 2011.

GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GURGEL, E.. Modernidade, infância e linguagem em Walter Benjamin. *Conjectura: Filosofia e educação*, Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 245-274, maio/ago. 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JOSSO, M. C. *Experiência de vida e formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia, GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.31, n.01, p.17-44, Janeiro- Março 2015.

MARINAS, José Miguel. *Lo inconsciente em las histórias*. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva. Pesquisa (Auto)Biográfica, fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014.

MAURÍCIO, L. V. Escrito, representações e pressupostos da escola pública de horário integral. *Em Aberto*. Brasília: INEP, v. 22, n.80, p. 15- 31, 2009.

_____. Permanência do Horário Integral nas escolas Públicas do rio de Janeiro: no campo da produção escrita. In: COELHO, L.M.C.C.; CAVALIERE, A.M.V. (Organizadoras). *Educação brasileira e(m) tempo integral*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.

MONTEIRO, A. M. CIEP – A escola de formação de professores. *Aberto*. Brasília: INEP, v. 22, n.80, p. 35-49, 2009.

NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

NUNES, C., *Docência e Pesquisa em Educação na visão de Haydée Figueiredo*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2010.

OLIVEIRA, D. A.. A regulação das políticas educacionais na América Latina e suas consequências para os trabalhadores docentes. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-775, Especial – Outubro 2005.

OLIVEIRA, I. B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Petrópolis: D&PA, 2005.

_____. *Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: D&PA; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PAIS, J. M.. Cotidiano e reflexividade. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.28, p.23-46, jan./abr.. 2007.

_____. Nas rotas do cotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, n.37, Junho, 1993.

PERRELI, M. A. S., REBOLO, F., TEIXEIRA, L. R. M., NOGUEIRA, E. G. D., Percursos de um grupo de pesquisa- formação: tensões e (re)construções. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.94, n.236, p. 275-298, jan/abr. 2013.

PINEAU, G. Autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M.. *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PIRES, E. G. Modernidade, infância e linguagem em Walter Benjamin. *Conjectura*. Caxias do Sul, v.21, n.2, p.245-274, maio/ago.2016.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.129-280, out, 1992.

RIBETTO, A.; CALLAI, C. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*, Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, R. *Identidades pessoais: interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*. Lisboa: Colibri, 2009.

_____. *Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade*. Portugal: Profedições. 2000.

_____. *Histórias de vida e identidades: professores e a interculturalidade*. Edições Afrontamento. Porto. 1999.

ANEXO A – Roteiro de entrevista-conversa

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA
AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA;
MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE

ROTEIRO DE ENTREVISTA-CONVERSA

1ª ETAPA

- ✓ Apresentação dos objetivos da investigação, das entrevistas-conversas e das etapas do trabalho;
- ✓ Discussão do contrato de pesquisa-formação;

2ª ETAPA

Narrativas de formação

- ✓ Narrativa a partir da apresentação de um documento pessoal e objeto significativo em sua trajetória de vida-formação.
- ✓ Apresentação de fotos dos alunos para provocar a sensibilização para a realização da entrevista conversa;
- ✓ Em um olhar para o passado, peça que narre experiências de vida que foram significativas e formadoras em sua infância, juventude e vida adulta. Experiências que tenham, ainda hoje, uma marca em sua forma de ser e de estar no mundo, como pessoa e profissional.
- ✓ Quais são as lembranças mais significativas que traz de sua escolarização? Identifica professores/as marcantes? Percebe influência do período escolar em sua prática como docente?
- ✓ Como se deu o processo de sua escolha profissional? Quais as influências que sofreu?

Experiências na E.M.A.S.M.

- ✓ Quais os caminhos te trouxeram a E.M.A.S.M.?
- ✓ Relate uma experiência significativa que tenha vivido em sua prática como diretora da E.M.A.S.M..
- ✓ Como foi o início de seu trabalho na E.M.A.S.M.? Recebeu apoio da SME/FME, de colegas mais experientes, dos professores/as da escola? Quais as principais potencialidades e desafios encontrados?

Implantação da escola e a jornada ampliada

- ✓ Como ocorreram as negociações entre a comunidade e os responsáveis pela municipalização da SME/FME para que a escola implantasse a jornada ampliada?
- ✓ Como entrou em cena o Projeto CLIN Social?
- ✓ O que mais marcou você no início do funcionamento da escola?

Relações pedagógicas e sociais

- ✓ Como você avalia:
 - sua relação com os alunos;
 - a relação do trabalho que exerce como diretor/a e o trabalho dos professores/as regentes;
 - potenciais mudanças nas atitudes, no comportamento diante dos estudos, no comportamento diante dos outros , por parte dos alunos/as e dos professores/as.
- ✓ Relate sua experiência de trabalho em uma área com alto índice de violência.
- ✓ No cotidiano do seu trabalho, você se sente ameaçado/a por algum tipo de violência?

Processos formativos

- ✓ Como avalia:
 - potenciais contribuições e desdobramentos de sua formação inicial para sua prática no cotidiano na escola;
 - seu processo de formação continuada como profissional da educação;
 - as reuniões de planejamento que ocorrem às quartas-feiras para o processo de formação dos professores/as e da direção.
 - quando você identifica que está em formação?

Algumas reflexões

- ✓ Você percebe mudanças nas atitudes, no comportamento diante dos estudos, no comportamento com os outros, por parte dos alunos e dos professores?
- ✓ O que vem à sua mente quando eu digo direção da E.M.A.S.M.?
- ✓ Você gostaria de acrescentar algo ao que nós conversamos?

ANEXO B – Objetivos do projeto

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA
AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA:
MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE

OBJETIVOS DO PROJETO

O objetivo da dissertação é compreender, através da análise das narrativas dos professores e diretores lotados desde o início do processo de municipalização da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda, de que maneira foi construído o projeto de jornada ampliada da primeira escola de 3º e 4º ciclos da rede Municipal de Educação de Niterói, bem como, as ações propostas pela unidade escolar visando a formação integral dos professores e dos alunos de modo a dar novo significado às práticas sociais e pedagógicas constituintes do universo escolar.

A pesquisa irá analisar as mediações políticas que possibilitaram a implantação da jornada ampliada na escola pesquisada; visibilizar os sujeitos do processo de formação da escola por meio das narrativas (auto)biográficas de formação e entender se de alguma maneira a escola, em seu dinamismo, contribuiu para a sua (trans)formação.

ANEXO C – Contrato de trabalho pedagógico - acadêmico

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA
AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA:
MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE

CONTRATO DE TRABALHO PEDAGÓGICO- ACADÊMICO

Princípios para a realização das entrevistas biográficas
--

- ✓ A realização das entrevistas-conversa apresenta natureza essencialmente pedagógica, de formação e pesquisa;
- ✓ A adesão é voluntária;
- ✓ Há garantia quanto a confidencialidade dos nomes dos envolvidos na entrevista-conversa;
- ✓ Serão utilizados, para fins acadêmicos, apenas dos aspectos relacionados a biografia educativa dos entrevistados;
- ✓ Durante a entrevista-conversa ocorrerá a gravação e a posterior transcrição das entrevistas-conversa;
- ✓ A investigadora fará a leitura e a revisão das transcrições das entrevistas-conversa, levando em conta o conteúdo e as características da oralidade;
- ✓ A investigadora realizará a análise do conteúdo das entrevistas-conversa. O conteúdo da realização de tal análise constituirá material para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado em Educação;
- ✓ Os entrevistados autorizam a inclusão e transcrição das entrevistas-conversa no corpo da dissertação ou em anexo, em artigos, livros e trabalhos acadêmicos em geral;
- ✓ Após a transcrição de cada entrevista-conversa ocorrerá a análise da narrativa realizada pelo próprio entrevistado em parceria com a investigadora;
- ✓ Os entrevistados deverão receber uma cópia digitalizada do trabalho final, ou seja, da dissertação de mestrado.

ANEXO D – Termo de consentimento e livre e esclarecido

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA
AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA:
MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PROFESSORES E DIRETORES

Eu _____,
identidade nº _____, declaro para os devidos fins que cedo os
direitos das entrevistas biográficas realizadas no contexto da investigação intitulada,
*Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na escola Municipal Antinéia Silveira
Miranda: movimentos de transformação*, para a professora Dayse Gonçalves Fontenelle,
aluna do mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professora da Escola
Municipal Antinéia Silveira Miranda, matrícula 11232857-3, com o objetivo de sua
utilização, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos, para a sua dissertação de
mestrado, bem como em trabalhos acadêmicos de natureza essencialmente pedagógica, de
formação e pesquisa, incluindo comunicações orais e/ou publicações.

Assinatura

Niterói, _____ de _____ de 2017.

ANEXO E – Ata da reunião entre a Superintendência de Planejamento e Integração das Redes e a Secretaria Municipal de Educação de Niterói

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA: MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE GESTÃO DA REDE
SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO E INTEGRAÇÃO DAS REDES

ATA DE REUNIÃO ENTRE A SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO E INTEGRAÇÃO DAS REDES E A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI.

Aos sete dias do mês de novembro de dois mil e treze, às 11h, em sua sede, na Rua Professor Pereira Reis, cento e dezenove, Santo Cristo - Rio de Janeiro, realizou-se a reunião do ano vigente, entre a Superintendência de Planejamento e Integração das Redes com a Secretaria Municipal de Educação de Niterói, estando presentes, a Diretora de Municipalização, Cláudia Fernanda Vanalli Marques; a Coordenadora de Integração Municipal, professora Rita de Cássia Manhães da Silva; a Subsecretária Municipal de Educação de Niterói, professora Flávia Monteiro de Barros Araújo; o Presidente da F.M.E. do Município de Niterói, o professor José Henrique Antunes, o Diretor Administrativo da Diretoria Regional Baixadas Litorâneas professor Marcus Vinícius P. de Barros; o Diretor Pedagógico da Diretoria Regional Baixadas Litorâneas, professor Luciano de Sant'anna dos Santos, a Coordenadora de Gestão de Pessoas, a professora Elaine Paz da Costa; a Diretora Geral do CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda, professora Luzia de Jesus Costa Goiano. A Coordenadora de Integração Municipal inicia a reunião, fazendo um breve histórico sobre o processo de municipalização e leitura do Ofício SEEDUC/SUGEN nº 167 /2013. A Coordenadora de Integração Municipal informa que o CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda e o Ciep 445 Jacy Pacheco estarão oficialmente municipalizados, passando para a administração do município de Niterói a partir de 02/01/2014. No que tange ao CIEP 445 Jacy Pacheco este encontra-se com suas funções paralisadas. A Prof. Rita Manhães registra que o Município de Niterói se comprometeu através do Ofício N° 447/13 e Ofício N° 445/13 a continuar o atendimento do Ensino Fundamental na própria unidade escolar conforme instruído nos processos E-03/001/9407/2013 e E-03/001/9406/2013, e que durante toda a vigência do Termo de Cessão de Uso de imóvel o Município se compromete a atender a Educação Básica na referida escola, bem como, a manutenção dos alunos que encontram-se matriculados no CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda, e não poderão ser transferidos esses alunos para outra unidade escolar municipal, preservando o atendimento das turmas já existentes. A prof. Rita Manhães informa ainda que até que o convênio PNAE seja celebrado, toda a verba a ser repassada será administrada pela Diretoria Regional Baixadas Litorâneas. As contas de água, luz e telefone do CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda serão pagas pelo Estado até 31 de Dezembro de 2014, devendo manter os valores no mesmo patamar atual. Os servidores da escola municipalizada, poderão optar entre continuar na escola sob gestão do Município, ou não, entretanto, não farão jus ao recebimento do auxílio qualificação, auxílio transporte, difícil acesso e remuneração variável. Caso apresentem o desejo de serem remanejados, os mesmos deverão ser alocados em outras unidades escolares estaduais. O Estado se compromete a continuar pagando a gratificação de Direção da unidade escolar municipalizada até 31 de dezembro de 2014, desde que o Município declare oficialmente o desejo de permanecer com a mesma. A Professora Rita Manhães esclarece que o pagamento das contas, o repasse financeiro e a possível manutenção de professores, funcionários e Direção, se dará apenas no CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda, não ocorrendo o mesmo com o CIEP 445 Jacy Pacheco, por encontrar-se paralisada, sem alunos matriculados e sem funcionários lotados nesta U. E.. A Diretoria Regional Baixadas Litorâneas fará reunião em conjunto com o município, a

[Assinaturas manuscritas]



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE GESTÃO DA REDE
SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO E INTEGRAÇÃO DAS REDES

Direção atual da unidade escolar e a comunidade escolar para repassar todas as informações que foram dadas nesta reunião de municipalização. Os Funcionários terceirizados permanecerão até 31 de dezembro de 2014. A prof. Rita Manhães esclarece que deverá ser realizada a dissolução da AAE e-Baixa do CNPJ na Receita Federal. Caso a prefeitura queira ficar com o mesmo CNPJ deverá ser alterado o CPF vinculado. Todos os bens móveis, materiais e utensílios continuarão na escola. Os equipamentos alugados serão retirados. As Unidades Escolares deverão ser incluídas como Administração Municipal no Censo Escolar de 2014, devendo manter o mesmo nome da Unidade Escolar Estadual. Todos os bens patrimoniais serão arrolados e inventariados, por representantes do CIEP 447 Antinéia Silveira Miranda, da Diretoria Regional e do município. Deverá ser verificado se ainda há algum material ou mobiliário no CIEP 445 Jacy Pacheco, para que também seja realizado o arrolamento pela S.M.E. de Niterói e pela Diretoria Regional Administrativa Baixadas Litorâneas. Recomendamos que os bens inservíveis sejam retirados do arrolamento que será transferido para o município. Deverão ser assinados o Inventário Patrimonial e encaminhado a SEEDUC em 30 dias, a partir do dia 02 de janeiro de 2014.

Claudia F. Marques

CLAUDIA FERNANDA MARQUES VANALLI
Diretora de Municipalização e Integração das Redes

Flávia Monteiro de Barros Araújo

FLÁVIA MONTEIRO DE BARROS ARAÚJO
Subsecretária Municipal de Educação de Niterói

José Henrique Antunes

JOSÉ HENRIQUE ANTUNES
Presidente da Fundação Municipal de Educação de Niterói

Rita de Cassia Manhães da Silva

RITA DE CASSIA MANHÃES DA SILVA
Coordenadora de Integração Municipal

Marcus Vinicius Pires de Barros

MARCUS VINICIUS PIRES DE BARROS
Diretor Administrativo da Diretoria Regional
Baixadas Litorâneas

Luciano de Sant'Anna dos Santos

LUCIANO DE SANT'ANNA DOS SANTOS
Diretor Pedagógico da Diretoria Regional
Baixadas Litorâneas

Eliane Paz da Costa

ELIANE PAZ DA COSTA
Coordenadora de Gestão de Pessoas das
Baixadas Litorâneas

Luízia de Jesus Costa Goiano

LUÍZIA DE JESUS COSTA GOIANO
Diretora Geral do CIEP 447- Antinéia Silveira
Miranda

ANEXO I – Tabela horizontal das entrevistas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO
 TÍTULO DA PESQUISA: NARRATIVAS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA JORNADA AMPLIADA NA ESCOLA MUNICIPAL ANTINÉIA SILVEIRA MIRANDA:
 MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.
 MESTRANDA: DAYSE GONÇALVES FONTENELLE
 Tabela horizontal das entrevistas

Lucia	Thais	Denise	Eu
<p>É aí teve a possibilidade de Tatiana assumir a direção dessa escola e ela sempre falava, "Não, só vou se você for, só vou se você for". E eu dizia, "Que não, que eu não iria de jeito pra ser diretora", que é uma coisa que eu não curto muito fazer não. Aprendi a gostar porque eu achei os meus atalhos, então eu sou mais uma professora do que uma diretora dentro da escola. Mas, de alguma forma, a gente aprende em outros caminhos</p>	<p>Aí quando foi em dezembro, o Walleck bateu o martelo de que eu assumiria a direção geral da escola. Eu vim para cá em janeiro. Eu só assumi mesmo a escola em janeiro e a gente deu uma boa faxina, porque a escola estava muito suja, muito ruim. Eu vim com o seguinte propósito com o professor Henrique, foi o que ele falou, ele garantiria tudo isso por um ano, 2014 inteiro.</p>	<p>Foram muitas experiências significativas. Então, quando eu fiz essa mudança, eu tive um estranhamento porque eu peguei públicos bem diferentes. Então, a realidade que eu tinha lá era outra. Aqui, assim que eu cheguei, assim que eu comecei, eu tinha esse estranhamento muito grande. Tive um choque. Eu nunca tinha trabalhado com o 6º ano. Foi a primeira vez que eu peguei duas turmas de 6º ano. Sempre trabalhei com 8º e 9º. Nos últimos anos eu estava trabalhando com o 9º e Ensino Médio no Estado. E eu peguei alunos um pouco complicados. Nós tivemos aquelas primeiras turmas aqui em 2014 que já tinham um histórico de reprovação</p>	<p>Foram caminhos engraçados. Eu trabalhei com a Tatiana e com a Luciana na Fundação Municipal de Educação. Não éramos da mesma equipe, mas convivíamos. Eu admirava muito o profissionalismo das duas, apesar de não trabalhar diretamente com elas. Gostava muito das colocações, das indagações, mas não trabalhávamos, como eu disse, diretamente. Com as mudanças políticas, nos afastamos porque a Luciana saiu da fundação, a Tatiana ficou em outro setor e eu me afastei durante um tempo grande por questões de saúde. Quando retornei, não me identifiquei com o tipo de direcionamento que a fundação estava seguindo e quis sair. E, a princípio, tirei uma licença especial e, quando eu retornei, a Tatiana e a Luciana estavam na direção já da escola e aí não tive a menor dúvida. A escola que eu quero ir é a escola onde essas pessoas estão porque eu sei que o trabalho vai ser sério. É um trabalho que está começando. Todo trabalho que começa com pessoas sérias é um trabalho de grandes possibilidades. E aí eu quis vir para cá. Não foi a primeira, mas foi a segunda professora a chegar à escola e, assim, fiquei aqui no primeiro semestre. Acabei sendo convidada para a Secretaria de São Gonçalo.</p>
<p>Aqui foram muitas, mas uma, assim, foi impressionante. No primeiro ano aconteceram muitos episódios ruins ainda. Ruim, não no sentido de escola pública. A gente já está acostumada com um monte de coisa. Que é uma vivência que a gente já tem, que a gente sabe de violência, que a gente sabe de furtos. Coisas que acontecem na escola. Só que aí, uma aluna... quer dizer, houve um furto de um celular e aí, quando a gente... a própria comunidade se mobilizou, e aí a gente ficou sabendo quem tinha pegado o aparelho. E aí foi muito duro aquilo porque, querendo ou não a gente acaba colocando as pessoas na caixa. Quem fez isso, quem faz aquilo, você vai estigmatizando. E eu poderia dizer que tinha sido qualquer pessoa, menos a pessoa que realmente furtou. Porque é uma pessoa que eu gosto muito, uma menina super tranqüila, gente boa pra caramba! Eu nunca imaginei que ela fosse fazer aquilo. Aquilo acabou comigo. Só que a comunidade tem suas regras. E aí ela precisou ficar afastada da escola um tempo. Porque teve a represália e tal, porque ela tinha feito isso. Ela não podia ter feito aquilo aqui. E aí ela tinha muita dificuldade. Aquela menina estava no sexto ano e ela praticamente não lia. É uma dificuldade mesmo, a dificuldade de aprendizagem é uma coisa absurda. E aí ela ficou em casa mais de dois meses. Dois meses e pouco, à toa. E com uma história de vida terrível. Aí eu comecei a trazer livros da minha filha e mandava para ela, meio que um empréstimo. A cada três dias eu mandava um livro por uma coleguinha, pra ela ir lendo. Comecei por uma literatura mais palatável, uma coisa mais amena, que não fosse muito erudita, para ela não ter muita dificuldade, sabendo da dificuldade que ela tinha de leitura. E aí fui em um crescente. Ela ia aumentando, colocando uns textos um pouquinho mais difíceis. E aí eu comecei a pedir para que ela mandasse um resuminho pra mim sobre o quê que era. E ela ficou aquele tempo lá lendo. Ela leu mais de 15 livros, naquele tempo que ela ficou lá na clausura. Quando essa menina voltou para a escola, essa menina lia o tempo todo, lia o tempo todo. Ela ficava na fila do refeitório lendo, ela acabava o horário de almoço, que as crianças ficam no pátio, porque tem um pátio grande.</p>	<p>Ah, tem muita coisa! Vamos ver desde o início. O que me marca muito é, assim, a mudança de comportamento dos alunos. A gente ficou com os alunos que eram do Estado e, no início de 2014, principalmente com relação à alimentação, sala aos olhos a diferença. Essas crianças não sabiam comer usando talher. Eles só comiam de colher. Hoje, as crianças comem em prato de vidro, garfo e faca, sentam para comer... eles não sentavam para comer. Foi um início, 2014, muito difícil. Tivemos que ensinar a eles como alimentar, que esse momento era importante. Era importante sentar, comer, comer uma fruta, conversar, deixar o espaço limpo. Isso é uma coisa que me marca muito. Quando hoje eu os vejo pegando garfo e faca para comer e vejo que, apesar de a gente estar numa comunidade, aquelas facas nunca saíram daqui para ir lá para fora, para fazer nenhuma besteira... porque o maior medo, até do pessoal da fundação, quando eu pedi faca, era esse, "Tatiana, você vai dar faca para os alunos usarem? Com plano de terceiro e quarto ciclo? Essas facas vão sumir...". E não, as facas se perdiam porque algumas iam para o lixo, outras se quebravam, mas a gente nunca teve aluno que saísse daqui com uma faca. Isso é, assim, uma alegria muito grande de um esforço de toda a escola, porque não era só a coordenação que ficava. E isso me marca muito, porque eu vejo os professores sentando com os</p>	<p>Muitas experiências que deram certo. Uma experiência que me marcou bastante foi uma atividade que eu fiz no ano passado que foi um debate com os alunos do 8º ano. E quando estava, então, fazendo algumas atividades ali, colocando em prática um plano de ação na minha dissertação, foi tudo muito diferente. Então, os alunos escolheram sobre o que eles queriam falar. Eu dei mais voz aos alunos. Então, isso ali dá uma certa instabilidade porque a gente pensa sempre: "Não, o professor tem que ter controle. A gente tem que ter controle de tudo". E aí eu fiquei um pouco incerta sobre como seria isso. Dar mais voz, mais atitudes aos alunos dentro da sala de aula. E o que deu muito certo. Deu muito trabalho. Eu tenho uma turma bem agitada. Uma turma que fala bastante. Mas os resultados foram muito bons. Então, quando eu penso hoje nas atividades finais, assim, principalmente no dia do debate, o quanto eles... Eu tinha, então, no início do ano uma turma que não participava muito das aulas, que dizia que não gostava das aulas de Língua Portuguesa e depois uma turma que estava ali fazendo atividades sensoriais, assim, que se tornaram ali autores. Não apenas reproduzindo</p>	<p>Ah, são tantas. Eu preciso falar do 9º ano que saiu em 2017 para falar da minha experiência com essa turma. Era uma turma extremamente agressiva, conturbada, difícil de trabalhar, você não conseguia se colocar diante da turma e propor nenhum tipo de trabalho porque eles se agrediam. Era o tempo todo a gente mediando conflito. Muito pouco trabalhando com educação e muito mais mediando conflito. E em especial, eu chamo a atenção de dois alunos: Da Milene e do Cláiver. A Milene, no primeiro dia de aula, ela e o Cláiver se agrediram na rampa da entrada da escola. A gente teve que separar no braço. Uma menina que se vestia assim, se exibindo, exibindo o corpo o tempo todo, tinha uma postura extremamente agressiva. Você ia falar com ela, botava a mão no braço, encostava nela, ela mandava tirar a mão de cima. Era, assim, muito difícil. Aquele aluno ouzuro, que está sempre espantando, espantado. Coisa impressionante. E o Cláiver, um aluno especial, com dificuldades e também muito agressivo. Isso lá no 6º ano em 2014. Os anos foram passando. A proximidade com esses alunos foi acontecendo. A gente foi ganhando respeito desses alunos. E o carinho para chegar no 9º ano e ter uma</p>
	<p>De que a gente não está sozinha. Eu não me vejo como diretora da Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda. Não me sinto nesse cargo. Eu me vejo como uma funcionária da Escola Municipal Antinéia, que faço parte de uma equipe, que resolvo com todo mundo. Só que só eu que tenho que assinar, mas é só uma assinatura. Não decido nada sozinha, quem vai pegar qual tal turma, passo mensagem para o professor perguntando que turma quer pegar, qual o horário disponível, discuto com Luciana o que que achou melhor. Não me vejo com esse título... isso não... para mim não faz muita diferença, não enche os olhos, não uso essa nomenclatura direção para chegar a algum lugar, para demonstrar poder. Nem um pouco. Me vejo como uma funcionária, só que com um poder de decisão e de ação muito maior do que qualquer outro funcionário daqui da escola, mas sempre tentando decidir e agir conforme os meus professores precisam e o que eu vejo que é melhor para aqui para escola, o que vai atender melhor a escola, a escola, a todos os funcionários, a todos os alunos.</p>	<p>Eu acho que foi um recomeço na minha vida profissional, na minha carreira. Porque até então, eu trabalhava, tinha uma realidade lá que não mudava muito. Então eu estava um pouco acomodada. Então, me apoiando muito na questão do ensino tradicional. E nunca pensei no meu papel social. E quando eu entrei aqui, que eu tentei aplicar a mesma metodologia que não funcionou, isso me deu, assim... Eu me senti um pouco desestabilizada. Sentí que me chão meio que tremeu, sabe? E eu me desequilibrei totalmente. E precisei me reequilibrar. É o que eu estou tentando fazer. Então, acho que isso foi muito importante para mim, até importante isso ter acontecido, porque eu precisei buscar esse reequilíbrio</p>	<p>O que mais me marcou foi uma proximidade, uma disposição, uma empatia mesmo entre professores, direção da escola, coordenação para fazer esse projeto dar certo. Eu achava, assim, muito... Eu nunca tinha vivido isso em outra escola. Eu tinha já 18 anos de sala de aula porque mesmo quando eu trabalhava na fundação, eu continuava em sala de aula e eu nunca vi isso, essa empatia de fazer funcionar, fazer dar certo, um ouvir o outro, trocar, pensar junto, essa abertura, essa alegria, eu nunca tinha visto isso.</p>

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO			
Lucia	Thais	Denise	Eu
<p>Tem três experiências que foram marcantes na minha vida. A principal delas foi quando eu estava saindo do curso normal, houve um concurso para que nós fôssemos professoras bolsistas, isso foi em 95 e no CEP. Então, em 95, eu fui professora bolsista no CEP-236, em Pindamonhangaba, no bairro Malheiros, onde hoje funciona a Metro. E no ano seguinte, em 94, eu já ingressei no concurso. Então, aquela experiência ali foi muito significativa, porque era um projeto totalmente diferente de ver a escola. Primeiro que éramos todas muito novas, a gente tinha um... estava tendo a oportunidade de ter um professor orientador, mas era não era necessariamente um pedagogo, uma pessoa que estava ali para ditar regras. Mas era um professor que tinha mais experiência do que a gente, para ser esse professor orientador. Então duas... eram duas professoras, a Dona e a Mariana. Elas ficavam sempre orientando a gente no trabalho. E outra coisa que era importante era que a gente era dupla. Eram duas professoras para trabalhar como a mesma turma. E mais, numa época em que a rede estadual estava muito sacrificada, mas que os CEIPs tinham tudo. Gente tinha tudo, tinha tudo dentro da escola. Tudo de bom, tudo do melhor, todas as oportunidades, todos os professores, todos os materiais, a melhor biblioteca do mundo. Tudo tinha ali. Então, para quem estava saindo do pedagógico, aquilo era muito...</p>	<p>Ah, a gente sempre tem, Daise? Eu acho que, assim, quando você traz o seu anel, eu lembrei logo do meu, mas o meu foi quando eu me formei na faculdade. Pedagogia. O meu anel tem muito significado para mim, porque só eu sei o quanto eu lutei, o quanto eu gostei de fazer a faculdade de Pedagogia. Quando eu me encontrei ali. Eu não tenho a minha lista de concursos, mas quando eu passei para cá, para a rede, como pedagoga eu trabalhava em Macaé. Então eu morava longe, não morava aqui. Então, era um jeito de eu voltar pra cá. Então, isso eu dei muito valor, muito realizado e... realmente, a questão das crianças, elas trazem uma energia muito boa pra gente, até quando a gente não está bem elas, com toda... quando eu vou reclamar, quando eu vou brigar alguma coisa, eu sinto mais uma energia muito boa, um respeito muito bom. Então isso é muito marcante. Quando a escola está sem eles, a escola é muito vazia, não tem graça. Quando eu fico aqui, assim...</p>	<p>Sim. Tem. Inclusive, as minhas lembranças quando criança comegam a escola. Então, eu me lembro da infância, assim de uns quatro ou cinco anos, a partir dessa idade, eu lembro que eu queria muito entrar na escola. Os meus irmãos estudavam na época que meu pai tinha uma condição financeira um pouquinho melhor e eles estudavam numa escolinha particular. Era uma pré-escola. Aqui no Caramujo mesmo. E minha mãe sempre me prometia que no ano seguinte eu ia estudar também e eu ficava todo animada com aquela ideia de entrar na escola. Eu queria muito estudar. Pegava os cadernos. Eu inventava ali uma escrita possível. Eu queria muito escrever meu nome. Então, aprendi as vogais. Ficava escrevendo só com as vogais. Eu me lembro que a minha primeira tinha uma coleção de livros de contos de fadas. E eram livros muito bonitos. Muito bem ilustrados. Com umas figuras em 3D e a gente ficava passando aqueles livros e olhando as figuras e eu olhava para aquela escrita e eu tentava ler aquilo, assim, comparando com a ilustração, sabe? Inventando ali umas possibilidades de leitura.</p>	<p>São várias! Eu lembro muito bem do meu fundamental I, numa escola pequena. Eu estudei num colégio chamado IV Centenário. Era uma escola muito pequenininha. E eu tinha pagado pela escola. Ah, vou um pouquinho mais atrás. Eu me lembro da minha educação infantil. Eu estudei no Alberto de Oliveira, uma escola da rede municipal. Lembro que a minha mãe me dava muito chodada, porque minha mãe chorava muito para ficar na escola, e eu não. Ela chegava na porta da escola para me deixar e eu não dava nem tchau para ela. Eu ia embora e ia brincar. E adorava a escola. Adorava a professora, a tia Zeni. Eu me lembro dela até hoje. Eu gostava muito da escola. Curta muito a escola. Curta na educação infantil e no fundamental I, eu gostava muito da escola. Tenho memórias muito vivas de convivência, de troca com outras crianças, da escola ser uma coisa maravilhosa, de ser uma coisa feliz. Eu tenho essa memória legal da escola. É uma memória muito boa. Depois eu fui para o Gay Lussac, onde eu tive professores maravilhosos. Foi aquele momento de mais seriedade, mais profundidade no conteúdo... eu amei estudar lá. Eu estudei do 6º ao ensino médio, ao 3º ano nessa escola, não? Tinha muito espaço de discussão, de questionamento e era um momento político também muito efetivo. Então foi muito bacana isso na minha escolarização. Essa participação. Poder falar. Poder questionar. Poder... Acha esse momento fantástico.</p>
<p>Uma coisa de diário, uma coisa de segunda. E aí, a gente foi trabalhar no CEP. Isso ali foi uma experiência muito marcante. A segunda experiência foi quando... já passando o tempo, quando eu... eu trabalhava na Fundação Municipal de Educação e, como coordenadora de primeiro e segundo ciclo, a gente implementou a residência pedagógica. Aquilo foi uma coisa... por bem ou por mal, foi uma mudança radical na minha postura... de ver o quanto que as pessoas trazem de... de significativo. Não importa o curso que você faça, não importa o formador que você traz para falar, o polivalente, a riqueza que os professores trazem da sala de aula e da vivência de cada escola completamente diferente, aquilo era absurdo, aquilo era muito, muito, muito fantástico. Tinha muitos problemas, tinha muitos embates, um monte de coisa, mas vendo as professoras ali... no cotidiano, fazendo coisas muito boas, com o mínimo às vezes de recursos, aquilo era muito legal. E a última, que eu acho assim, que foi impressionante para mim, foi quando eu saí da fundação, depois de 14 anos, eu sendo a equipe de referência, eu sendo a coordenadora, um pouco diando para as pessoas. "Faca isso, não faça aquilo", voltar para a sala de aula, pegar um grupo de terceiro ano pra alfabetizar, que eram aqueles alunos que tinham dado errado. Só os que tinham dado errado. E como eu era a coordenadora de primeiro e segundo ciclo, é óbvio que a diretora falou assim: "Ah, você sabe que você dá conta agora". Né? E você pegou aqueles alunos e conseguiu fazer um trabalho super bacana em dois ou três meses. Aquilo para mim foi... absurdo, porque vê que é o afeto, que é... a relação, que é... a intimidade que você cria com aquelas crianças que faz com que eles mudem a rotina deles. Então aquilo para mim foi... primeiro foi libertador, não é, depois que você fica muito tempo em um cargo de gestão, você fica meio viciado. É uma coisa meio estranha. Mas foi muito importante para mim voltar para escola e ter aquele desafio, não é, a pedagogia dos outros. Vamos lá, vamos pegar aquele que não deu certo, vamos tentar acertar. E aquilo foi muito bom para mim e vir para esse espaço depois disso foi importante para mim.</p>	<p>Naquele momento, eu não queria aceitar porque eu achava que para estar dentro da fundação tinha que ter mestrado, tinha que ter alguma coisa e eu estava fazendo o pós-graduação em Psicopedagogia. Junto com as professoras que faziam parte do meu grupo.</p>	<p>A leitura sempre me fascinou muito. E aí quando eu entrei com seis anos de idade. Eu entrei no jardim. Aí não pude entrar na pré-escola. Lá na escolinha, porque a condição financeira do meu pai já não dava mais e eu tive que esperar. Eu fiquei muito chateada com isso. Tive que esperar mais um ano para começar a estudar. E eu fiquei todo animada quando eu entrei no jardim, ainda na pré-escola do Estado. Tinha o jardim de infância. Foi aqui mesmo no Caramujo. Lá no Luciano Prestes, escola que eu trabalho hoje. E aí eu entrei com muita expectativa de aprender a ler, mas, antigamente, as crianças entravam na alfabetização com sete anos. Eu tinha seis. E aí eu entrei nessa turma que seria um terceiro período hoje. E fiquei muito, mas muito chateada mesmo porque eu não entrei no Alfa. Porque eu queria mesmo era aprender a ler. Então, a gente brincava muito, aquela febre da pré-escola, pintava, mas o que eu queria era ler e escrever. Então, assim, fiquei muito decepcionada com relação a isso. Mas gostei muito. Foi uma época muito legal. As minhas lembranças da infância começavam assim. E se tornaram mais vividas quando entrei na escola. A partir do momento da escola. A escola fez diferença na vida da criança. Eu me lembro que me marcou muito quando meu pai pegou o uniforme que não usávamos, que era uma camisinha verde e uma caniseta tinha que ter o nome da criança. Ele pegou uma tinta de tecido e escreveu meu nome. E foi a primeira vez que eu vi meu nome escrito. Então, aquela cena me marcou tanto, eu fiquei tão feliz de ter visto meu nome escrito pela primeira vez, com todas as consoantes, porque eu escrevia só com vogais. E isso me marcou bastante. E depois no ano seguinte, quando eu entrei na alfabetização, eu lembro que eu tinha uma professora que dormia o tempo inteiro na sala de aula. Eu naquela expectativa de começar a escrever. Todo aquele material. Eu amava material escolar novo. Cheinho de caderno novo, lápis de cor, tudo bonitinho, tudo novinho e a professora dormia. E eu chegava em casa e reclamava: "Mãe, a professora dorme o tempo inteiro. Como é que eu vou aprender a ler assim?". "Não...". Minha mãe era assim. Ela era muito boa pessoa, mas era meio barbaqueira, sabe? "Não. Isso não pode. Isso não está certo", lá na escola todo dia reclamar. E a professora passava uma preparação para os alunos desenvolverem coordenação motora: "Então, vamos fazer ondinha, bolinha". E eu queria mesmo era escrever. "Não, mãe. Não quero ficar na sala dessa professora". Minha mãe foi lá, fez um baraco na escola e me mudaram. Me colocaram com uma outra professora que até era irmã dela, que aí eu acho que eu passei mais ou menos uns trinta dias com essa primeira professora, quando eu cheguei, a outra já estava lá cuidando, alfabetizando os alunos. E eu fiquei muito feliz. Aprendi a ler e escrever muito rápido e me lembro um dia, eu estava numa viagem de ônibus com a minha mãe e nós passamos... Eu sempre morei aqui no Caramujo. Mesmo terreno. Porque eu amo aquilo. Não saio daqui ali, daquele lugar, por nada. E chegando aqui na parada de ônibus tinha uma placa e eu li aquela placa. E depois que passou um segundo, eu tive um estalo: "Meu Deus, eu sei ler!!!!". Aquilo me deu uma emoção tão grande. Assim, foi um marco tão grande na minha vida. Aprender a ler. Eu fiquei muito feliz. Então, assim, tudo que eu passei na escola, os primeiros anos, acho que a maioria das minhas lembranças infantis são da época da escola. A escola marcou muito minha vida.</p>	
<p>Eu sempre fui professora, eu sempre dei aula para as minhas bonecas, eu sempre fui. Eu nunca pensei em ser outra coisa. Para não dizer que eu nunca pensei em ser outra coisa, durante um tempo eu pensei em ser médica, mas por uma questão pessoal. Porque eu tenho uma doença e eu queria cuidar daquela doença, eu queria ser médica. Mas aquilo passou rápido, eu não podia ser outra coisa. Eu sempre quis ser professora. Eu venho de uma família de professoras, eu nunca me vi em outro lugar. Já trabalhei em outros lugares, já trabalhei em banco, mas eu nunca deixei de ser professora. O resto era para entrar dentro. Eu gosto de ser professora.</p>	<p>Tudo, tudo. Decifrar a escola. E aí, com essas mudanças de governo, eu achei que eu ia voltar para a escola. Quando Krishna saiu da coordenação não esperava ser convidada para ser coordenadora. Eu tinha muito medo de falar em público, tinha muito medo... eu tinha pavor de falar em público. Foi quando eu assumi a coordenação que eu comecei a fazer terapia para aprender a falar em público, porque cada reunião que eu tinha que falar... aquilo... eu não dormia no dia anterior de novo. Eu ficava me perguntando "o que você vai perguntar?". E aí, mais uma vez, eu me surpreendi, porque eu dominei a fundação como... diz a Luciana, eu entrava em cada cantinho, eu sabia cada coisa. Eu me deduzi muito naquilo ali, eu me deduzi muito naquele período e me afastei por causa de uma fratura no braço. Aí eu tive que me afastar, fiquei um tempo longe, mas não conseguia ficar parada. Aquilo me deixou muito mal e eu falei assim</p>	<p>Sim. Com certeza. Até porque me tornei professor por causa dela. Eu sempre fui aquela aluna puxa saca de professor. Então, eu sentava ali no pedestal na frente. Eu lembro que nessa época era uma brigada. A gente disputava as primeiras carteiras. Tinha que estar na frente da professora. Tinha que estar do lado da professora, falando com a professora o tempo inteiro. E eu tive professores maravilhosos. Professoras muito carinhosas e depois algumas professoras que não eram tão carinhosas como as outras. Então, ali eu fui percebendo o que eu não gostava nem gostava e o que eu não gostava. Eu sentia que a turma tinha o mesmo sentimento em relação às atitudes do professor como eu. Então hoje, eu trago muito isso para a sala de aula. Eu penso, assim, quais foram os meus melhores professores, quais foram os professores que eu não gostei muito. Então, no meu dia a dia ali com a turma, essas atitudes me influenciaram muito sobre o que eu devo fazer e o que eu não devo fazer. Então, os professores mais distantes, mais rápidos foram aqueles que marcaram pelo lado negativo. Então, penso muito nisso no meu dia a dia com meus alunos.</p>	<p>Com certeza. Essa coisa da afetividade, da proximidade com os alunos. Os alunos me caracterizam como uma professora dura, que eu sou durona, que eu cobro, que eu gosto de fazer o meu trabalho com tranquilidade, mas eu também chego a eles com facilidade. Conversando, brincando, me colocando, reparando neles. Se eles estão tristes, se eles estão doentes, se eles estão calados, se eles estão muito agitados. De conversar, de interferir, de perguntar. Eu vejo que eles gostam disso e eu gostava disso quando eu era criança, quando eu era adolescente. Esses professores todos que eu citei tinham essa característica de serem duros, mas também afetuosos quando necessário e nas oportunidades adequadas. Essa proximidade com a turma, como os alunos.</p>
<p>É... eu sempre estudei em escola privada porque a minha mãe era professora de uma escola privada de classe média alta. Então eu estudava ali por causa disso. Eu só fui me dar conta de que aquele espaço era o pior espaço do mundo para mim quando eu fui para a rede pública, quando eu fui para o Instituto de Educação e o pedagógico. E o Instituto de Educação a minha vida mudou completamente. Eu mudei. Eu passei a ser outra pessoa. Eu era muito tímida, eu era muito quieto. Eu mudei tudo, tudo na minha vida por causa daquilo. É... e no pedagógico eu e peguei uma fase... eu peguei de 88 até 90, que foram... foi um período com muita greve, greves mensais de três, quatro meses. E aquilo tinha uma mobilização dentro daquele espaço, aquelas professoras é... muito sérias. Eu tive um professor de português, o Luiz Antônio. Que ele era uma coisa, assim... Foi quando eu quis fazer Letras, por causa do Luiz Antônio. Tive professores muito bons. E eram pessoas que nem precisavam estar ali, porque eles davam aulas em escolas privadas. Pessoas que trabalhavam na Petrobras, trabalhavam não sei onde, mas eram pessoas muito comprometidas com aquilo ali que eles estavam fazendo. E aqueles três anos ali mudaram a minha vida definitivamente. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Primeiro, eu estava em uma escola onde era uma loucura. Só de primeiro ano eram 15 turmas. As turmas lotadas com quarenta, quarenta e dois alunos. Primeiro que você fica um pouco incôgnito, porque é uma loucura, que é tanta gente. Mas ao mesmo tempo, você ser alguém naquele mundo, é impressionante.</p>	<p>Não, a minha formação teórica me ajudou muito. Eu sou o que sou graças ao que eu aprendi na academia, na academia. Desde a minha faculdade. Eu tive duas excelentes professoras. A professora de Legislação e um professor também de Legislação, eu tive duas matérias de Legislação Educacional que me ensinaram muito da LDB que me deu base pra eu ser uma boa coordenadora de EAP. Usando o que aprendi construtivistas, de interpretá e interpreto três. Foi na minha faculdade. Isso eu não posso negar. E a minha base teórica na faculdade me ajudou muito a ser a profissional que eu sou. No pós-graduação, em Psicopedagogia, eu consegui ser um pouco mais a orientadora educacional que eu não conseguia aprender na faculdade. Entender um pouco mais dessa relação humana, desse ser humano, dessa diferença, da parte cognitiva desses alunos. Lá na faculdade, como eu fiz o trabalho de conclusão de curso na educação especial com alunos com deficiência, eu também aprendi muito a respeito dessa necessidade, desse profissional de apoio, desse retirar da sala, de atender as especificidades desse aluno, que é uma coisa que a gente coloca muito em prática aqui na escola. E no meu mestrado então, com relação à educação integral que é a minha especialidade, eu tento trazer para dentro da escola o meu referencial teórico. Apesar de ser difícil por ser teórico e quanto cito, por trabalharmos com aqueles horários de gavatinha de cada professor. Isso é um desafio muito grande. Mas eu sou a profissional que eu sou graças a tudo o estudo, a base teórica que eu tive, desde da minha formação na faculdade até o meu mestrado. Sem isso eu não conseguiria fazer metade do que eu faço.</p>	<p>Teve tudo a ver com esses professores maravilhosos que eu tive. Eu gostava muito dessa disciplina. Gostava muito de História. Tive professores, como eu disse, o Lúcio, o Gilberto que eram incríveis. Professores maravilhosos e que fizeram com que eu me fascinasse pela História. Que eu achasse que não tinha outra escola. Erbon, o Gilberto, em especial, me chamou muito e veio para mim. "Você sabe que eu quero fazer você vai ser professora. É isso mesmo que você quer? Você pode passar para Direito, para Jornalismo, assim, o que você quiser, você pode passar. Você é excelente aluno. Não pode precisar ser professora". Ele falou isso, assim, totalmente para mim. E aí me lembrei de dizer para ele: "Ué? Você dizendo isso para mim? Esse professor maravilhoso que você é me dizendo isso? Como assim?". Para mim foi determinante o fato desses professores, tão brilhantes, tão maravilhosos terem passado por mim.</p>	
			<p>As minhas primeiras eram professoras. Em especial eu tinha uma prima, a Lucinda, que ela era professora e depois ela começou a trabalhar na Secretaria de Educação e ela tinha uma postura, uma vida independente, um jeito de falar que me encantava. A independência e a inteligência dela no pensamento, na vida, na postura diante da vida. Então, isso também me influenciou bastante.</p>

IMPLEMENTAÇÃO DA JORNADA AMPLIADA			
Lucia	Thais	Denise	Eu
<p>É uma longa história. Quando a gente começou em 2011 a pensar na residência pedagógica, ao mesmo tempo estava acontecendo um outro movimento que era capitaneado pela outra diretora, a Tatiana, de aprofundar estudos para implementar a educação integral no município de Niterói. Vimos que não era muito óbvio fazer isso. Que as escolas não têm a estrutura necessária. As escolas que poderiam fazer, tinham e têm um quantitativo muito grande de alunos. Então, pensar em possibilidades para fazer o horário integral era um desafio. E aí, a Tatiana começou a estudar bastante isso, foi para o mestrado e pensando nisso, e aí a gente já começou a pensar em outras possibilidades. Não exatamente no horário integral, mas pensar em ampliação de jornada. Como é que se faz isso? Já que era tão difícil você implementar a educação integral de verdade. Pensar em outras parcerias, existem outras possibilidades. E aí a Tatiana foi para o mestrado estudar isso.</p>	<p>E aí, depois disso teve uma reunião com a comunidade, com os pais, nessa que eu já vim. E nesse momento, nessa reunião com os pais, que foi em dezembro... final de novembro de 2013, os pais, o professor Henrique era o presidente da FME, não... o professor Waldeck não tinha batido o martelo que eu seria diretora, mas eu vim como coordenadora de polo. E aí o professor Henrique foi posto na parede pela comunidade de se manter tudo que já acontecia aqui.</p>	<p>Sim, eu sempre achei muito positivo até porque eu acho que os nossos alunos, nossas crianças precisam disso. Ter contato com outras pessoas, ter oportunidade aí de estar participando de atividades fora da escola. Eles tinham atividade dentro da escola diferenciada também. E chegou uma época que eles saíram da escola. Então, acho que essa questão de ver outra realidade, conviver com outras pessoas, ter oportunidade de praticar atividades diferenciadas. Teve uma época que até natação eles faziam. Eu acho que isso muito positivo. Até porque nós aqui somos uma escola integral. Isso de o aluno ficar o dia inteiro na escola, acho que ele precisa sim de um momento de sair, de interagir com pessoas diferentes, de ter oportunidade de participar de atividades diferentes fora do currículo regular. Eu acho isso muito positivo sim. Eu acho que os nossos alunos ganharam muito. Eles comentavam bastante a respeito disso. Eles gostavam de participar dessas atividades. Então, eu acho que isso foi positivo sim. Se a escola tiver oportunidade de ter mais parcerias desse tipo, eu acho que seria muito bem-vinda.</p>	<p>O que eu sei a respeito disso é com base em conversas com a Tatiana, diretora-geral da escola, e com algumas pessoas, mesmo pais que já tinham seus filhos aqui, que eles se colocavam algumas vezes em reuniões falando a respeito disso. O que eu sei é que aconteceu uma reunião na escola com a direção que estava aqui, que era do Estado e a FME/SME, quando a escola foi municipalizada. E a comunidade solicitou que a escola continuasse com jornada ampliada. Que era entendida por eles, essa jornada ampliada, até às duas da tarde. E existiam aqui na escola alguns projetos, funcionavam alguns projetos como o Projeto de Ginástica do Gugu e parece que tinha alguma outra interferência. Acho que era ensaio de uma escola de samba, alguma coisa assim na escola. Eles queriam que isso permanecesse, esse horário maior, a ginástica que acontece pela manhã e os ensaios. Acho que eram nos finais de semana. Houve uma pressão por parte desses líderes comunitários que estavam aqui para que isso permanecesse e acabou que o presidente da fundação à época, chamado Henrique, cedeu o horário ampliado e a continuidade do projeto de ginástica do Gugu. E continuou</p>
<p>E aí, quando a gente teve a oportunidade de assumir aqui a escola, essa escola aqui foi muito avalizada, ela era do Estado, mas aqui já tinha sido horário integral. E por conta do perfil da comunidade, houve um compromisso por parte da Fundação, do presidente da Fundação, de manter esse horário aqui. Que aí foi a fica e o queijo de tal maneira. Meio que sem saber, a Fundação deu a chance da gente fazer o que a gente acreditava. Claro que isso não foi intencional, de jeito nenhum.</p>	<p>De se manter tudo o que já tinha aqui. E para os pais, as crianças saindo duas horas da tarde já era horário integral, porque garantia a alimentação, entendeu? E aí eles pediram para manter o projeto do Gugu que funcionava aqui, manter o horário estendido para garantir a refeição das crianças e manter a diretora que estava na escola. Na época, a comunidade usava esse espaço, então eles queriam continuar usando. Henrique, ficou balanceado, mas era uma situação muito delicada. Não negou nada para a comunidade. Não negou nada, nada, nada, nada. E nessa reunião que estava o pessoal da SEEDUC, quem fez essa ata foi a diretora que estava na época, a Luzia, ela usava muito essa ata para se manter aqui.</p>		<p>O Projeto CLIN Social começou aqui na escola a funcionar junto com a grade regular da escola de matérias, disciplinas em 2014. 2015 ele teve uma nova configuração. As crianças iam para o clube, para a AABB em São Francisco. 2016 o Projeto CLIN Social queria que apenas um grupo de alunos continuasse a ser atendidos. Aí a direção da escola optou por, já que não pode atender todo mundo, a gente não vai ter mais esse projeto. Aí começou a funcionar o 2º Tempo substituindo essas atividades do Projeto CLIN Social. O mais Esporte com outras opções de esporte. E o ano de 2016 e 2017 funcionou dessa forma. O 2º Tempo com mais tempos disponíveis dos professores de Educação Física, dos professores de Arte para poder suprir a necessidade de um tempo de respiro para os alunos, para não ficar só disciplinas correntes, regulares na grade curricular deles.</p>

<p>Não, pelo contrário. Foi dado meio que como um castigo, "Ah tá, então vocês vão ficar aí sem muitos recursos e tal". Mas ok. Foi importante também. Eu acho que constituir isso dentro da adversidade, eu acho que foi mais produtivo. De verdade eu penso isso, porque às vezes as pessoas já saem da escola toda montadinha, toda organizada, toda bonitinha e você tem tão pouca liberdade pra agir. E pra agir dentro da realidade daquelas crianças. A gente chegou aqui e encontrou uma realidade muito dura, muito difícil, mas que ao mesmo tempo, a gente tinha um retorno muito grande da comunidade. Porque a comunidade queria isso. A comunidade queria que as crianças ficassem mais tempo aqui. A comunidade comprou o projeto com a gente, comprou a ideia. E os professores que vieram também eram pessoas que estavam a fim de fazer alguma coisa diferente. Isso é bom, vamos embarcar nessa. Então foi... foi importante.</p>	<p>Mas aí eu falei para ele, "Em 2014 a gente mantém o horário ampliado e depois avalia, em 2015, como é que vai ficar. Como é que funcionou e como é que vai ficar." Mas eu não queria aquele horário das crianças saindo duas horas da tarde. Nada daquilo. Eu via um CIEP mal aproveitado. E aí a gente... quando eu entrei aqui pela primeira vez, quando eu vi aquela escola pela primeira vez, aquele monte mais alto do que eu, não tinha uma luz no pátio, um breu, tudo pintado de qualquer forma, um monte de smilngido nas paredes. Cada sala tinha uma mensagem religiosa... era um smilngido e uma mensagem religiosa da Bíblia. Aquilo acabou comigo. Falei assim, "Não, a gente tem que arrumar tinta e pintar e fazer alguma coisa, porque assim não pode ficar, não. A gente não vai receber um aluno numa escola pública, uma escola laica, com um... um monte de passagens da Bíblia pelas paredes". Uma escola pública! Não tinha com. E a gente conseguiu doação de tinta. A fundação mandou gente e os próprios professores, junto com a gente, pintaram. Então ali eu já senti que era possível fazer uma escola diferente. Eu trouxe Luciana, porque eu queria que fosse minha adjunta, porque eu sempre confiei no trabalho pedagógico da Luciana.</p>		
<p>O refreço foi a mesma coisa, foi um aprendizado. A gente sempre acreditou que esse negócio de contraruto não funcionava muito bem. Os alunos não voltam. Aqui é uma comunidade difícil. A criança vai para casa, provavelmente ela não vai ter como voltar. Mas a gente conseguiu isso. É...outra questão que você perguntou de outras parcerias, de outros recursos. A gente teve, por parte da gestão um apoio que eu acho que foi importante. Ter mais um professor de Educação Física, você ter um professor com uma carga horária... Assim, não fazer questão de mesquinhar, "Ah, tem dois tempinho sobrando aqui, tem que ir lá não sei aonde cumprir". Esse professor conseguiu ficar na escola. Então ajudar... Então assim, um colega tinha falado, a pessoa estava ali e tinha um tempo para ficar com a turma. Então parece que não é muito, mas que no todo faz muita diferença. Porque às vezes as pessoas ficam tão atreladas... é assim, porque tem tempo um sobrando, tem dois tempinho sobrando. E a pessoa está aí, mas a pessoa não está à toa. Está ajudando, está sentado com aluno na sala de leitura, está jogando com outro, está auxiliando no computador. Então o aluno está sempre amparado. Essa criança nunca está sozinha. E é alguém que o conhece. Não é um estranho.</p>	<p>Negativamente, o que me deixa muito entristecida é o descaso. Eu acho que do poder público municipal peca em não finalizar a obra da unidade. Eu acho que eles colocaram muita expectativa no período de campanha, dizendo que aqui era uma escola de horário integral. Eu vejo que a gente tem que se espremer para fazer aquilo que a gente acredita num andar só, de uma escola enorme, de um CIEP que tem muitas possibilidades. E aí isso me marca muito negativamente, ver que no discurso é uma coisa, na prática é outra. São...</p>		
<p>O Projeto CLIN é oriundo da época que a gente estava na Fundação. A Tatiana era coordenadora de EAP e pensava em articular algumas parcerias. Uma das parcerias foi com o Projeto CLIN Social, que atendia algumas escolas da rede. Por questões políticas eles ficaram sem espaço para trabalhar. Eles atendiam sempre em clubes, porque era uma atividade que acontecia no contraruto. Tinham atividades pedagógicas e esportivas. E aí em 2014, quando viemos para cá, eles estavam sem espaço físico. E nós, por outro lado, recebemos esse prédio, o segundo andar estava ocioso, porque ia começar uma obra, mas não tinha começado ainda. Na época eles atendiam só os só os alunos da Escola Municipal José de Anchieta, no Morro do Céu. Porque esse projeto, a Tatiana pode falar com mais propriedade, ele é uma contrapartida da CLIN, porque funcionava o fião naquela comunidade. Então era uma contrapartida. E eles não tinham um lugar. A Tatiana ofereceu o segundo andar para eles, porque ela mantinha o comato. Ofereceu esse espaço. A gente não usava mesmo. E eles ficaram aqui atendendo os alunos da José de Anchieta. Só que de manhã eles atendiam pouquíssimas crianças, porque eram as crianças menores que tinham no turno da manhã. Já com o passar do tempo e tal, eles falaram, "Poxa, a gente já está aqui. A gente podia atender os seis alunos também". E aí a gente montou um horário, que foram, sei lá, dez mil horários diferentes. Era uma bacura. Impressão de diário era a rodo. Nós desmatamos os com umas 100 mil árvores naquele ano. Uma bacura! Imprimir aqui toda semana. Fazia horário diferente e eles começaram a atender as crianças aqui. Isso em 2014. Eu acho que do segundo semestre para frente. E aquilo foi muito bacura, porque eles tinham judô, eles tinham aula de teatro, eles tinham aula de dança, eles tinham aula de artes, eles tinham aulas de instrumentos. E aquilo foi muito bacura. Deu uma acalmada absurda. E ao mesmo tempo, outras coisas estavam acontecendo na escola e que foram muito bacuras. A gente tinha um projeto com SESC, que era de tênis de mesa. A colocar outras práticas esportivas e algumas foram bastante pertinentes, mas eu vou me ater aqui ao Projeto CLIN. Já no ano seguinte, eles conseguiram voltar para o clube, para a AABB de São Francisco. E aí a gente... E aí foi um ano mais tranquilo, que já conseguiu montar um horário que foi mudado só umas 25 vezes. Cada dia da semana, uma turma ia pra AABB de São Francisco. Na segunda-feira ia, sei lá, um exemplo, ia 5A, terça 6A e tal... E aquilo era super bacura porque, além de eles irem para um lugar de elite, um outro espaço... Porque muitos dos nossos alunos vão pouco ao Centro de Niterói.</p>	<p>Vou dizer para você que eu tive apoio da FME? Eu não tive, não. Da FME, não. Eu tive apoio de alguns amigos que atuavam dentro da FME. Não da FME, porque o pedagógico da FME nunca considerou isso aqui uma escola de horário integral. Eu vim para cá para fazer o que o professor Henrique tinha prometido por um ano e mantive até hoje por causa... porque eu quis. Eu e Luciana. A gente bancou com ajuda de amigos de dentro da FME. Por quê? Em 2014, eu tive muita ajuda de duas pessoas na FME. A Vanderléia, que era chefe da gestão escolar, ela lotava profissionais. Era raro ela deixar faltar algum profissional. Eu tive ajuda do Felipe, Coordenador de Educação Física, junto com Vanderléia ele permitiu ter duas professoras de Educação Física. Assim, eu conseguia ter mais aulas de esportes para os alunos. Ele sempre trouxe projetos para cá. E eu tive ajuda, só em 2014, do Alan, que trabalhava no administrativo. Consegui assim, trazer muito material para cá. Consegui resolver vários problemas porque ele estava diretamente ligado ao administrativo. Mas pedagogicamente, nenhum tipo de ajuda. Nem acompanhamento e nem visita. Eu tive, administrativamente, a ajuda dessas pessoas. E aí o que que eu fiz?</p>		
<p>Infelizmente para o ano de 2016, a gente já não conseguiu manter o projeto. Porque, claro, o projeto tem as suas características. Então, quando a gente, cada dia manda um grupo de alunos, isso é muito ruim também porque se eu não gosto de judô, a minha turma vai na terça e na terça tem judô, tem que fazer judô. Isso para eles também não era legal. Mas eger turmas para ir também não valia a pena para a gente. Ou vai todo mundo ou não vai ninguém. E aí nós fizemos outras parcerias. Agora a gente tem o Projeto Segundo Tempo, que é de esporte, que é a mesma coisa? Não, não é. Mas é mais um momento que eles brincam...</p>	<p>É, é subindo as turmas... Subia uma turma para ter aula de dança, aí descia e tinha aula de Matemática, mas eu só conseguia fazer isso de manhã. E de tarde eram a maioria das aulas. Isso foi em 2014. Mas... aí em 2015, como eu já tinha aqueles profissionais lotados, a Vanderléia permaneceu na gestão de pessoas e as pessoas já sabiam o que eu fazia, tentaram jogar a escola para meio turno para eu atender mais, mas a escola não tinha demanda, porque não tinham entregue ainda os prédios aí populares, então não tinha demanda. E aí eu provei que eu não teria demanda para atender em dois turnos e que não tinha custo nenhum a mais para a fundação permanecer com o horário ampliado, porque eu fazia o horário ampliado com o CLIN, que em 2015 foi pra o clube. Então eu continuei com a mesma modulação de profissionais que eu já tinha em 2014. A Vanderléia bancou... e aí eles iam de manhã, cada turma ia em um dia da semana, de manhã para a AABB em São Francisco, em 2015, e os outros ficavam aqui.</p>		
<p>É. Em 2016, a coordenadora do projeto da CLIN, tinha algumas desavenças com isso. Ela queria que fosse sempre o mesmo grupo de alunos e além disso, queria um grupo de alunos escolhidos. Não queriam atender a todos... porque eu sempre briguei muito que fossem todos os alunos, sem ser os escolhidos, que a gente não pode tratar eles com diferença, não pode ser só os melhores. Eu acho que todos têm que ir, os que têm problema, os que não têm, os alunos NEEs com seus apoios tinham que ir, mesmo com dificuldade de locomoção. Eu sempre falava para elas, ou a CLIN atende a escola toda ou não atenderia mais ninguém. Porque eu não tinha grupo de alunos para ser escolhido a dedo para mandar, para alunos que não dessem problema para eles. A verdade era essa, "Não queremos alunos-problemas". Mesmo sabendo que eles atuavam com uma assistente social, uma psicóloga, no projeto. Foi com muito pesar, mas com o apoio dos professores, a direção em dizer que não teríamos mais a parceria. Mas, eu acredito que Deus fecha uma porta, mas abre outra... como já havia dito, desde 2014, o Felipe, o coordenador de Educação Física, trouxe, em 2016, o projeto Segundo Tempo, que ele já</p>	<p>É. Em 2016, a coordenadora do projeto da CLIN, tinha algumas desavenças com isso. Ela queria que fosse sempre o mesmo grupo de alunos e além disso, queria um grupo de alunos escolhidos. Não queriam atender a todos... porque eu sempre briguei muito que fossem todos os alunos, sem ser os escolhidos, que a gente não pode tratar eles com diferença, não pode ser só os melhores. Eu acho que todos têm que ir, os que têm problema, os que não têm, os alunos NEEs com seus apoios tinham que ir, mesmo com dificuldade de locomoção. Eu sempre falava para elas, ou a CLIN atende a escola toda ou não atenderia mais ninguém. Porque eu não tinha grupo de alunos para ser escolhido a dedo para mandar, para alunos que não dessem problema para eles. A verdade era essa, "Não queremos alunos-problemas". Mesmo sabendo que eles atuavam com uma assistente social, uma psicóloga, no projeto. Foi com muito pesar, mas com o apoio dos professores, a direção em dizer que não teríamos mais a parceria. Mas, eu acredito que Deus fecha uma porta, mas abre outra... como já havia dito, desde 2014, o Felipe, o coordenador de Educação Física, trouxe, em 2016, o projeto Segundo Tempo, que ele já</p>		

RELAÇÕES PEGAGÓGICAS E SOCIAIS			
Lucia	Thais	Denise	Eu
<p>Os apoios que recebemos foram em função das relações pessoais, das relações de afeto que a gente construiu ao longo do tempo que ficou na FME. Então as equipes que mais nos ajudaram, conseguindo o material, fazendo as coisas, tentando implementar um projeto de reforço, alguma coisa, era sempre nesse sentido. Eram pessoas conheciam a gente, sabiam que a gente estava a fim de trabalhar. Então não era uma coisa institucional. Nunca foi. Um projeto da FME para assumir as escolas municipais. Não, não foi. E nem sei se dava para ser também. E... Também começou porque quando as pessoas tinham assumido em 2013, 2014 era o segundo ano de gestão. A gente sabe que o primeiro ano é sempre muito confuso. Montando a equipe, até questão de política. A Organização das equipes. Eu já passei dessa fase. Eu já nem julgo mais isso. Mas as ajudas foram nesse sentido, que foram muito importante, mas eram ajudas pontuais. Precisa de mapa, logo vai na escola pegar. Está precisando de mais uns livros. "Oha, eu tenho sobrando não sei o quê". A gente teve muita ajuda da coordenação de língua portuguesa, na época, que nos ajudou na implementação. E também de matemática, na implementação dos projetos de reforço que era uma necessidade. Mas ao mesmo tempo não engessou. Então assim: "Oha, tem que ser assim". Não, a gente fez dentro das nossas possibilidades, com os professores que estavam muito a fim de fazer. Então a gente conseguiu dar uma cara diferente para o reforço. Ter a oportunidade de ter as crianças aqui o dia inteiro, fez a gente pensar em outras alternativas. Nada aqui é no contraturno, especificamente. Tudo é dentro do horário. Então você faz uma dependência, faz uma progressão, dentro do horário. Então por isso que a progressão...</p>	<p>...para mim, não tem graça. Não tem graça, você não escuta aquela grátria, entendeu? Aquelas reclamações, porque... e outra coisa, assim, eu nunca gostei muito de trabalhar com educação infantil, nunca foi minha cara. Sempre achei que ia trabalhar com ensino fundamental. Trabalhei com fundamental I assim que eu entrei na rede. Mas trabalhar com adolescente, terceiro e quarto ciclo é um desafio muito grande, porque eles já têm personalidades, eu achava que ia ser muito mais difícil. Mas eu vejo que não, muito mais fácil de você lidar. Eles têm personalidade, eles têm a voz alta, alguns sabem o que querem. Pelo menos, eles sabem o que eles não querem, então eles já colocam. Então, assim, terceiro e quarto ciclo pra mim, que eu achava que ia ser muito difícil, é realmente um marco, acho que você aprende. Não só com os alunos, principalmente com os professores. O pessoal da rede é o que mais reclama e eu falo que não, eu acho que é onde tem mais troca, que você não tem aquela pressão de primeiro e segundo que está ali todo dia, sacudindo a cabeça. Não. Você tem aquele professor que está aqui uma ou duas vezes por semana e na hora do planejamento, é aquela troca constante de a visão de um não é a visão do outro com relação ao aluno, para você ver como que a postura do professor, a personalidade do professor, o jeito do professor influencia diretamente no ensino. Não só no aluno, mas na turma, porque você vê falas de professores e isso é uma coisa que me marca muito com relação à turma e alunos, totalmente diferente. Totalmente diferente. Então, isso são coisas que me marcam bastante.</p>	<p>é de violência na escola, uns casos de famílias muito desestruturadas. Então, a gente teve ali aquelas turmas bastante difíceis e eu senti muita dificuldade em relação à metodologia. Eu quis aqui trabalhar com a mesma forma de ensinar da outra escola, com uma comunidade totalmente diferente. Uma clientela diferente. Eu vi que aqui não deu certo. E aí eu tive que reaprender a dar aula. Então foram várias tentativas. Acertando, errando até descobrir que eu tinha que me reinventar, enquanto profissional. Daí, então, várias situações aqui que nós vivemos em sala de aula, boas e ruins, alguns casos que... Alguns problemas sérios que nós tivemos em sala quando... Eu passava muito tempo tentando controlar aquelas crianças que aconteciam em sala de aula do que dando aula. Você lembra bem disso, o que nós vivemos aqui. Tudo isso me marcou bastante. E hoje quando eu vejo esses alunos que continuaram, a maioria continua com a gente, e como eles mudaram. Então, assim, vendo o antes e o depois, isso me marca bastante.</p>	<p>Da Secretaria de Educação, nenhuma ajuda. Ajuda que nos foi dada pela FMES/ME sempre foi pelos conhecimentos que Eu recebi muito apoio da direção, da equipe como um todo. Em todos os momentos. Tudo que a gente solicitava de materiais sempre me foi proporcionado. Eu nunca tive dificuldades, como já tive em outras escolas. Tudo que a gente... Onde elas puderam por a mão, elas colocavam, como professora que trabalhou lá tive a e a gente conseguiu coisas e eu acho que também por parte da Tatiana e da Laciânia. Muito menos institucional e muito mais porque a gente conhece pessoas e conhece caminhos. E aí a gente conseguiu coisas para a escola. Coisas que eu estou falando materiais, projetos para trazer para a escola, tudo isso para sempre do conhecimento meu. No meu caso, de alguns materiais que eu consegui para a escola porque ligava, pedía para determinada pessoa que estava em determinado local porque eu sabia e a pessoa me conhecia. Então a gente não conseguiu nada. Entendeu? E a Tatiana e a Laciânia acho que a mesma coisa. Acho que grande parte do primeiro ano de trabalho de todos nós aqui foi isso. Ligar, pedir, implorar, e com o carro buscar, voltar, vir, porque foi uma</p>
<p>...tem uma eficácia, você vê lá 100% do grupo que foi aprovado com nota, direitinho</p>	<p>Bem, assim, na minha infância... minha mãe é professora aposentada do Estado, então eu me lembro muito... sempre, desde criança, eu sempre ajudando muito minha mãe a rodar a matriz no mimeógrafo. Então aquilo me... todo dia, todo dia minha mãe tinha matriz para rodar. E quem sempre rodava as matrizes no mimeógrafo era eu, à noite. Minha mãe fazia a janta, eu ficava na área, que era do lado da cozinha, rodando as matrizes pra mamãe, espalhando tudo para secar, para depois recolher tudo. Eu acho que... e eu adorava, como ela trabalhava numa escola perto de casa, eu adorava, quando ela me levava com ela para a escola. Eu ficava no fundo da sala de aula, vendo ela dar aula, vendo as crianças, vendo o movimento. Era uma escola pequenininha, do Estado, então eu gostava de estar ali. Então aquilo me marcou muito. E aí eu fui fazer o pedagógico no IEPIC. Entrei no oitavo ano, para dar continuidade e fazer o curso normal. Só que quando cheguei no terceiro ano do ensino médio, teve uma greve que o governo do Estado parou por oito meses. Meus pais ficaram muito preocupados com essa greve, e eu queria fazer vestibular. Eu queria fazer vestibular para a UFF e aí eles me tiraram do IEPIC para eu poder não perder o ano e concluir o ensino médio. Eu fui para uma escola particular, só pra terminar o terceiro ano. Isso me atrapalhou muito a fazer o vestibular e eu não passei no primeiro ano. No ano seguinte, eu consegui uma boka no curso Riachuelo, e estudei para fazer o vestibular da UFF. Eu entrei para a UFF em Pedagogia, eu queria só Pedagogia. E eu sempre muito teimosa, eu não tentei vestibular para várias universidades boas naquela época... União, UFRJ, não. Como eu quase não saía de Niterói, morava em São Domingos, eu queria estudar na UFF. Então eu fiz para a UFF, e aí foi que eu passei para a UFF. Mas eu me arrependo muito de não ter cursado o curso normal, não ter concluído o curso normal no IEPIC. Foi uma coisa que eu não consegui voltar atrás e refazer. Eu fizquet com o ensino médio e fiz Pedagogia na UFF. E aí, no meio do caminho eu me casei e meu marido foi transferido, na época, para o Espírito Santo e eu fui terminar lá na FAESA, numa faculdade de lá. E... e lá, por eu ser de fora, carioca, eu tive muita ajuda de uma professora, que é a professora Mircia que me orientou no TCC. Eu adorava trabalhar com educação especial, eu fiz o TCC sobre educação especial. Apresentei sozinha, lá você não só entrega. Monografia você também qualifica. Depois defende. Na época, lá, elas me indicaram, meu trabalho, porque eu sempre gostei muito de escrever, sempre gostei... gosto muito de ler, de escrever e tal. Qualificaram meu trabalho no mestrado, mas só que na ocasião que eu estava terminando a faculdade, eu já estava voltando para o RJ. Aí... mas quando... sempre</p>	<p>Conversamos sempre com todos. Interagimos com todos os profissionais. Então, isso também, assim, algo que eu acho muito positivo. Esse momento de discussão, assim, como a gente lida com as dificuldades que nós tivemos. Como a gente planejou muitas coisas legais. Eu tive oportunidade de fazer trabalhos com outros profissionais, assim, parcerias com outros profissionais que eu nunca tinha feito antes em outra escola. Sempre fiz trabalhos, atividades com a Jouma, com a Fabiana. Então, essa questão da gente aqui estar trabalhando mais junto, assim, interagido mais e os profissionais mais unidos, não foi tanto aquela separação. Cada um vai para a sua sala, faz o seu trabalho, também algo que me marcou bastante. Assim que eu acho muito positivo.</p>	<p>Eu acho que minha relação com os alunos é boa. E lógico que depende da turma, depende do grupo. É sempre assim. No início é sempre um processo de conquista, de mobilização, de sedução mesmo da turma para a disciplina e depois eu acho que as coisas vão fluindo com mais facilidade. Quando falo no início, eu falo 6º ano, 7º ano. É mais uma conquista. Uma sedução para a disciplina e para a maneira de atuação do professor. De Dayse como professora. Depois as coisas fluem com mais facilidade. 8º e 9º ano eu acho mais, assim... É mais fluida a relação. Como eu já disse, eu sou muito dura. Então acho que eles amadurecem também. Eu acho que eles já entendem mais o ritmo do trabalho. É bem verdade também que a matéria fica mais atrante no 8º e no 9º ano. Os temas que a gente circula e trabalha com eles. Então é mais legal. Então eu acho que é uma construção mesmo ao longo dos anos. Eu acho que eu tenho uma boa relação com eles. Eu acho que eles me entendem. Eu consigo me fazer entender. Consigo ter um domínio nas relações ali da turma. Como eu já disse, eu sou muito dura. Corro muito. Gosto de ser ouvida. Gosto de dar aula. Digo para eles que quando eu não dou aula, eu me sinto roubada no meu direito de fazer o que eu quero. E aí</p>
<p>Mas o que eu acho importante é que todos os movimentos que nós fizemos em relação aos pais, eles sempre responderam com muita confiança ao nosso trabalho. Primeiro que eles ficaram felizes da escola ser municipalizada. Havia toda uma música de que sendo do município, a escola funcionaria melhor, teria mais material, a escola estaria mais bem equipada. E eu fico feliz porque, na realidade da rede municipal, o terceiro e o quarto ciclos são mais esvaziados, nas outras escolas. Algumas escolas são muito cheias, outras são bem esvaziadas. Então, eles acreditaram que o município está vindo, e que teria um trabalho diferenciado, foi bacana. Outra coisa que eu acho importante dizer é que a gente implementou um ritmo aqui de muita co-participação. Eu acho que esse é o nome. A gente deixou claro para os pais que a gente estava chegando com uma proposta diferente. Não somos muito liberais, não é mesmo? Tem regra, tem regra para tudo, a gente tem regra para tudo. Tem que ter horário para chegar, tem que ter uniforme, essas coisas que as pessoas acham que não precisa, a gente acha que precisa ter data de avaliação, precisa ter a lista dos conteúdos que eles vão estudar para a prova. Caso tenha falhado a prova, precisa trazer uma justificativa. Não pode ser de qualquer jeito. Não pode. E aí algumas pessoas podem até criticar isso, mas eu acho que essas crianças já tem uma vida tão solta... muitos fazem o que eles querem, porque eles são muito soltos. Muitas vezes, a escola é um lugar que dá parâmetro, que cria uma base para eles a apoiarem</p>	<p>De forma alguma, então aquilo mexia muito comigo. Eu fizquei lá só um ano, aí fui chamada para o concurso de Niterói, entrei como orientadora educacional, fui trabalhar em Várzea das Moças. E aí outra coisa que me marcou é que eu nunca consegui ser orientadora educacional de uma escola. Nunca. Eu nunca consegui exercer o papel de orientadora educacional da escola, porque eu achava que tudo, desde a postura do professor na sala de aula, do conteúdo que ele estava aplicando, e... a forma como esse aluno é tratado, a forma como o planejamento é conduzido para o professor, a postura da direção da escola, tudo, influenciava diretamente na aprendizagem daquele aluno e a postura daquela família com relação à escola. Então, eu nunca consegui ser só orientadora de Várzea, porque... e aí eu tive muitos problemas com as outras duas supervisoras, porque eu era a única orientadora, porque elas dizem que eu estava me metendo com a parte do trabalho que era delas. Porque o meu trabalho era fazer a anamnese, descobrir o problema do aluno e encaminhá-lo. Não só as vezes o aluno não precisava ser encaminhado, precisava ser acolhido. Eu precisava entrar na sala de aula, para ver o que acontecia.</p>	<p>Sempre me senti apoiada desde o momento que eu entrei. Sentí o apoio lá da coordenação pedagógica, da Marizeth. Qualquer momento que eu entro em contato com ela, peço ajuda, alguma coisa, ela sempre está disposta para ajudar. E também aqui na escola. A direção. Sempre que preciso, sempre tive total apoio da coordenação. Assim, de todo mundo. Nessa parte acho que fui muito feliz. Sempre tive apoio de todo mundo que eu precisiei.</p>	<p>Eu acho bem próximo. E isso é muito bom. Nós temos uma direção aqui que entra em sala de aula, que tem abertura para entrar em sala de aula, que conquistou esse espaço de entrar em sala de aula, esse respeito por parte dos professores. Não é entrar em sala de aula para fiscalizar. É entrar em sala de aula para contribuir, para assistir ao trabalho dos alunos, para conversar com a turma quando algo dá errado, para estar junto da turma, para verificar um aluno ou outro que tem algum problema com determinado professor. A direção é sempre convidada pelos professores. Como eu disse, isso é raro. Isso não acontece muito. Eu acho isso muito bacana. Essa proximidade. Eu acho que isso também é construído de ambas as partes. É uma direção que está na escola desde que a escola abre até o momento quando a escola fecha. Quando eles não estão na escola isso faz falta. A gente sente falta porque gosta da presença. Eu estou falando da minha pessoa, mas eu vejo os colegas também. Não oham para a direção como alguém que está ali para cobrar, para brigar, para avaliar, para criticar o tempo todo. Não. Está ali para contribuir, para colaborar. Então</p>

Lucia	Thais	Denise	Eu
<p>Isso de teoria, de prática é complicado, porque como eu trabalho desde muito cedo, tudo o que eu aprendi na universidade eu sempre tentava fazer o contraponto. Então, a minha formação acadêmica foi muito importante pra mim, mas porque eu já trabalhava. Eu sai do normal e fui logo ser bolsista e entrei no concurso, como professora do primeiro segmento. Então, na universidade, aquilo nunca foi algo estanque, mesmo quando era uma aula nada a ver de filosofia sei lá das quantas. Isso aqui deve ter alguma coisa, deve ter alguma relação. É diferente talvez daquela pessoa que faça aquilo tudo bonzinho. Eu sou filha de classe trabalhadora. Então eu nunca tive essa oportunidade de pegar, estudar, fazer faculdade, fazer isso e fazer aquilo e depois ir para a sala de aula. Não foi assim. Então, eu não sei se sou muito parâmetro, mas eu acho que foi importante sim. Eu fiz um curso normal muito bom, como eu já te falei, era uma experiência muito diferente. Eu vinha de uma escola em que eu era a diferente, de classe média-alta, todo mundo muito igual, todo mundo com as mesmas experiências, todo mundo viajando para o mesmo lugar, todo mundo fazendo a mesma coisa.</p>	<p>Especifica, é. Então, eu conseguia ver tudo. Aí o que que aconteceu? As...isso eu soube quando ela começou a dividir... as professoras que abriram as portas para mim, pediram que eu ficasse responsável por elas. Isso, pra mim, foi...</p>	<p>Então, eu fui influenciada por esses bons professores que eu tive. E desde pequenininha já brincava de dar aula para as bonecas. E todos os papéizinhos que eu tinha, eu grampeava, fazia os livrinhos. Pegava meus primos e obrigava a ficar todo mundo sentadinho estudando. Brincava de escolinha e todo mundo tinha que ir lá fazer um dever, fazer uma atividade naqueles caderninhos e livrinhos que eu inventava. Então, eu sempre gostei, assim, inspirada nesses bons professores que eu tive. Tenho um carinho muito grande por eles. Então, isso vem desde criança. E aí quando decidi fazer Vestibular, como sempre gostei muito dos livros, então decidi fazer Letras. E muito tempo depois, hoje me pergunto: "Mas por que eu não fiz outra coisa?"</p>	<p>A minha formação inicial foi esquisita, porque eu fui fazer História na UFF. Comecei a cursar a faculdade de História e aí quando eu comecei a tomar contato com os conteúdos, com as disciplinas da faculdade, eu comecei a perceber que a faculdade era voltada para o bacharelado, para a pesquisa e não para a prática de sala de aula. Como uma louca, eu resolvi fazer um curso normal. Eu achava que iria... Eu tinha certeza que ia me fazer falta. E assim fiz. Eu cursava a faculdade à noite e fazia normal de manhã no Instituto de Educação e à tarde fazia estágio em escola pública. Ou dentro do Instituto de Educação ou outras escolas públicas. E, assim, eu tenho certeza absoluta que se eu não tivesse feito isso, eu teria muita dificuldade em ter o controle das turmas, de disciplina, a organização de conteúdos... Porque tudo isso a gente aprende muito bem no curso normal. E foi fundamental eu ter feito isso para minha formação inicial. Quando eu comecei a dar aulas, toda aquela memória do curso normal, da montagem de aula, do ritmo da aula de como fazer isso acontecer, tudo isso veio muito claramente.</p>
<p>Então tinha essa diferença. Porque a gente sempre tenta categorizar os mais importantes. Não... E a formação acadêmica, a pós-graduação foi muito importante para mim, o mestrado... Eu fiz dois mestrados. Eu comecei fazendo na UFF que era de Antropologia, que foi muito importante para a minha cabeça, para pensar em outras coisas, para pensar em uma coisa mais macro. Mas foi muito importante eu ter feito parte do mestrado da FFP. Aquilo foi uma redenção na minha vida, pelo momento que eu estava vivendo da minha vida e a forma como eu fui acolhida por aquelas pessoas. Impressionante, impressionante. Pela turma, até pelos professores em si. Por cada um deles que faziam tudo para você se sentir bem. E mais importante, é que não tem aquele discurso de senideus, porque na pós-graduação, vamos combinar... É difícil. E são pessoas que tão muito atentas as suas dificuldades, as suas limitações, as suas impossibilidades, ao seu trabalho, a sua família... Mas tão ali para fazer da escola pública um lugar melhor. Eu acho que hoje eu sou melhor também em função do que eu vivi ali. Isso é fato. Foi bastante importante na minha vida.</p>	<p>É. Na Cândido Mendes. Todo sábado a gente ia pra lá. A gente fazia pós. Conversei com Krishna. "Não, não, não". Eu levei uma semana para decidir. Ela pediu para eu não me apresentar, que ia me botar em trânsito para eu poder pensar e entrar para a equipe dela. Eu aceitei o desafio e fui. E com muito medo, muito medo. Até porque me colocaram onde a fundação chamava... que era o "Triângulo das Bermudas", que eu ia ser equipe de referência nas escolas do Barreto, Alivo César, Mestre Fininha e Rosalina. Rosalina eles queriam acabar com o rodízio das turmas, Alivo César a Márcia Neto já tinha botado Decelev de lá para fora, pelo braço, porque ele queria levantar informações da escola. Eu falei assim, "Gente, como é que eu vou conseguir levantar informações da escola, como é que eu vou conseguir entrar nessas escolas numa situação assim?" E Mestre Fininha era até tranquilo. E pelo meu jeito de ser, não sei o que eu consegui, que eu cativei a diretora da Alivo César, Márcia Neto, que é minha amiga até hoje, ela diz para todo mundo que me adora... e eu consegui levar para a fundação todas as informações que precisavam do Alivo César. Tudo. Como eu consegui isso, eu não sei, mas eu sei que eu e passava os meus dias inteiros enfiada dentro daquela escola, que era escola de terceiro e quarto ciclos mais difícil de lidar. E isso me marcou muito, tanto que teve uma formatura do nono ano que eu fiz parte da mesa e tal, do quanto... e eu levei tudo o que a fundação precisava, de horários, professor sobrando, o que que não batia, por que tantos alunos no pátio ao mesmo tempo... tudo. Eu.</p>	<p>Com certeza. Uma profissão bem remunerada. Eu lembro quando eu estava na faculdade. Tinha alguns alunos: "Não. A gente vai fazer concurso do TRT, do TJ". Aí eu tinha uma colega que me mostrou o contracheque dela, trabalhava no TRT e eu falei assim: "Meu Deus, mas tudo isso?". E hoje eu me pergunto: "Gente, por que eu estou aqui?". Sempre quando a gente tem, não é? Muitos problemas nós temos no nosso dia a dia, mas por que eu estou em sala de aula? Por que estou passando por isso? Mas aí voltando, assim, fiquei pensando. Se fosse voltar no tempo, fazia tudo de novo. Teria feito a mesma coisa. Eu não me vejo trabalhando em outra área. Eu gosto dessa coisa do contato humano, do contato com os jovens. Gosto muito de trabalhar com os adolescentes. E, por mais que nós tenhamos algumas dificuldades no meio do caminho, eu não me vejo fazendo outra coisa.</p>	<p>É. De como fazer, de como refazer, de como fazer, de como caminhar com a turma. Isso para mim, assim, foi fundamental. Então, assim, a minha trajetória inicial ajudou muito. Me ajudou muito. Mas foi uma busca pessoal. Não foi a universidade que me deu. Se eu não tivesse ido buscar, isso não aconteceria. E isso é uma coisa muito marcante para mim. Eu sempre busco alternativas para as dificuldades que eu encontro na minha vida profissional. Eu sempre vou buscar uma coisa, um curso, uma coisa. "Não, isso está ruim". Então, eu sempre vou pesquisar coisas que possam me ajudar. Isso sempre foi uma tônica no meu trabalho. Eu sempre fiz isso com muita voracidade. Eu fico muito indignada, muito incomodada de ver tudo muito parado. Para mim tem sempre que estar mudando. Eu acho que a gente nunca pode ser igual. Eu sou aquela professora que não tem arquivo de prova. Eu não tenho arquivo de aula. Eu moutei uma aula e é aquela aula até o final dos tempos. Não. Cada turma é uma turma. Cada aula é uma aula diferente. E é isso. As coisas vão mudando. Não dá para ser igualzinho.</p>
<p>Vi que o edital de mestrado da UERJ estava aberto. E eu nunca tinha... "Ah, vamos tentar para ver o que que acontece". E comecei a estudar, porque com o braço quebrado em casa, eu não estava trabalhando... "Vou estudar". E passei. Passei no mestrado. Na época, eu estava coordenando um projeto-piloto de educação integral na fundação, em parceria com a CLIN. Mas não era o ideal, porque eu não contratava. Mas já fazia alguma diferença. Eu via que fazia diferença. Então, aquilo me interessou, aí eu escrevi sobre esse projetos... passei e aí como ia mudar governo de novo, tirei uma licença para sossegar meu facho, fazer minhas matérias e fazer o mestrado direito. Fiz o mestrado lá na FFP/UERJ e antes de terminar o primeiro ano, assumi um cargo no outro governo. Como as pessoas gostavam do meu trabalho, me tiraram da licença para eu voltar. Só que muitas coisas não estavam me agradando. Então eu me dei um prazo e para a pessoa que me convidou, eu disse, "Olha só, eu sei que você precisa da minha ajuda", ela me ajudou muito no processo que eu queria sair de Várzea. Então, eu vou ficar com você por um ano, você tira de mim tudo o que você precisar tirar por um ano. Depois de um ano eu não fico mais aqui, eu volto para a escola.</p>	<p>Então, quando me formei em 2000, eu comecei a trabalhar aqui no município numa creche comunitária. Eu comecei a trabalhar com educação infantil. E aí eu sempre quis trabalhar perto de casa. Lembro que depois eu passei num concurso para Rio Bonito, bem distante. Eu levava umas três horas para chegar até a escola. Fiquei lá por muito tempo. Mas sempre quis trabalhar aqui próximo à minha casa. E os profissionais aqui que eu conhecia, até então que trabalhavam na rede, sempre falaram muito bem aqui da rede, não é? Não só da educação, assim, mas até dos salários um pouquinho melhores e tal. E aí desde quando eu me formei, eu fiz o concurso acho que três vezes. Na primeira vez foi dois mil e alguma coisa. Não sei se foi 2002. Mais ou menos isso. Foi um pouquinho depois que eu me formei. Teve o primeiro concurso. Eu passei, mas fiquei bem distante. No segundo eu fiquei um pouco mais próximo, mas não fui chamada. E aí no concurso de 2010, eu fiquei mais próxima das vagas e fui chamada em 2014. Então, como eu sempre trabalhei muito distante e essa questão de você pegar muito trânsito para chegar à escola é algo que é bem cansativo. Então, às</p>	<p>Assim, os nossos momentos de discussão no planejamento, a forma como o problema de um vira problema de todos. Como nós conhecemos todos os alunos, todos os profissionais. Assim, foi a primeira vez também, foi a primeira escola que eu vi que isso aconteceu. Eu sempre trabalhei em escolas grandes, onde eu só conhecia profissionais que trabalhavam no meu dia. Se eu fosse num dia diferente, eu encontrava pessoas que eu nunca tinha visto na vida e que eu nunca interagi também. E aqui numa escola pequena, nós conhecemos todos os alunos, nós falamos sobre todos eles, sobre cada um em particular. Nós nos encontramos sempre.</p>	<p>Sempre foi uma busca pessoal. É muito triste perceber que tanto a Fundação Municipal de Educação quanto a SEEDUC vestem muito pouco nos professores de área humana. São poucas oportunidades. Cursos que são oferecidos. É sempre uma busca pessoal. Nesse sentido, eu sempre quis fazer coisas diferentes, sempre busquei coisas diferentes e uma das coisas diferentes que eu fui buscar foi um mestrado em educação na área que não é a minha para poder entender melhor, para poder registrar o que eu estava vivendo na escola onde eu dou aulas que é o Antinópolis. Eu sempre quis pesquisar, teorizar, fazer... fazer acontecer. Antigamente, aliás, eu não achava muito que teorizava não. Eu achava que eu só fazia e aí fui começando a sentir a necessidade de registrar essas coisas. E isso para mim foi muito importante no mestrado. Me encontrar na literatura acadêmica. Ver que isso é uma prática de outras pessoas. Fazer esse registro. Fazer essa... Dar visibilidade ao que a gente faz em sala de aula. Eu acho que isso é fundamental. E veio dessa necessidade de buscar formação, de buscar uma justificativa e um embasamento melhor para o que a gente faz em sala de aula.</p>
<p>É. Isso me deixa muito frustrada, muito frustrada. Agora com relação aos professores, eu vejo positivamente, acho que é uma boa relação. Uma coisa que me marcou muito no mestrado foi a minha orientadora falar para quando a gente entrasse na escola, para fazer uma pesquisa, que a gente percebesse o clima também, foi a minha curiosidade em saber. A Lúcia tinha muita curiosidade em saber em que o clima escolar influenciava. Na época, a gente leu muito artigo sobre clima e situação escolar. E aí eu entro aqui na escola e eu percebo, com a minha equipe de professores, que tem um clima de confiança, de respeito e isso me marca muito. Quando eu me ausento por causa de férias, ou por causa de algum problema de saúde eu escuto dos professores "você fez falta, eu preciso que você esteja aqui para resolver isso com o aluno...". e você chega aqui, e por mais que tenha havido um problema enorme, o clima da escola está sempre numa boa, está sempre todo mundo rindo, está sempre todo mundo falando um com o outro... por mais que tenha algum desentendimento, na semana seguinte já está esclarecido. Se tem uma operação feia na comunidade, não fica só a cargo da direção resolver o que vai fazer. Eu sinto essa distribuição entre os meus professores, esse apoio. "Não, vamos ligar, vamos ligar", se o telefone da escola não está funcionando, todo mundo pegando e ligando dos seus telefones para que os pais saibam que está tudo bem e venham buscar as crianças. Isso me marca positivamente por quê?</p>	<p>Então, voltei a estudar. Aí fui fazer uma pós-graduação. Depois de muito tempo que eu fiquei sem estudar. Foram 16 anos sem estudar. Sem estudar na minha área. Eu estudei várias coisas em outras áreas. E aí voltei, então, a estudar na minha área. Fiz uma pós-graduação e aí o que me levou também a entrar no mestrado. Então, eu fui aprendendo e dar aula. Foi pensar no que é ser um professor. Então, sobre tudo. Reaprendi sobre o currículo – estou reaprendendo – sobre metodologia, sobre relações pessoais, interpessoais, sobre interações. Então, eu voltei a estudar sobre isso e estou reaprendendo sobre o meu trabalho como um todo. E já aprendi bastante coisa. Então, isso me fez, eu acho, que me tornar uma nova profissional. Uma nova professora. Isso me fez, eu acho, que aprendi foi muito bom. Foi muito construtivo, porque eu estou aprendendo ainda, e eu acho que isso foi fundamental ter esse desequilíbrio porque aí, então, eu pude me reinventar. Então, foi importante para mim.</p>	<p>Então, voltei a estudar. Aí fui fazer uma pós-graduação. Depois de muito tempo que eu fiquei sem estudar. Foram 16 anos sem estudar. Sem estudar na minha área. Eu estudei várias coisas em outras áreas. E aí voltei, então, a estudar na minha área. Fiz uma pós-graduação e aí o que me levou também a entrar no mestrado. Então, eu fui aprendendo e dar aula. Foi pensar no que é ser um professor. Então, sobre tudo. Reaprendi sobre o currículo – estou reaprendendo – sobre metodologia, sobre relações pessoais, interpessoais, sobre interações. Então, eu voltei a estudar sobre isso e estou reaprendendo sobre o meu trabalho como um todo. E já aprendi bastante coisa. Então, isso me fez, eu acho, que me tornar uma nova profissional. Uma nova professora. Isso me fez, eu acho, que aprendi foi muito bom. Foi muito construtivo, porque eu estou aprendendo ainda, e eu acho que isso foi fundamental ter esse desequilíbrio porque aí, então, eu pude me reinventar. Então, foi importante para mim.</p>	<p>Eu acredito nisso de forma muito firme. Aqui no Antinópolis. Em outras escolas onde eu estive, tanto como professora tanto quanto coordenadora de disciplina, que eu ia visitar as escolas, principalmente nesses dias de reuniões de planejamento, eu percebia, assim, que em várias outras escolas que acontecia que a reunião de planejamento se limitava a ser um momento de discussão de ofícios, de confraternizações, de discussão de nada. Então era um momento bate-papo. Aqui eu vejo que a gente tem uma necessidade de falar do nosso dia a dia e quando a gente fala do nosso dia a dia, da nossa prática, do que aconteceu com uma turma, com outro, com tal aluno, que a gente fez isso e deu certo, a gente se forma, se informa e a gente troca porque o que um professor faz, às vezes não é o que você costuma fazer. Mas quando você ouve que aquilo deu certo, aquilo te influencia. Aquilo te impulsiona a fazer diferente. Pelo menos comigo acontece isso e isso contribui muito para a minha formação. Isso é muito bom. Às vezes, a gente acha que a reunião de quarta-feira, "Ah, a gente já falou da turma tal. A gente só falou do que aconteceu com tal aluno", mas isso é fundamental para a gente se formar e se informar sobre o que acontece na</p>
<p>Eu não sei especificamente para formação, porque a gente aqui não consegue fazer reunião de estudo. De estudo teórico. Mas a gente faz reunião de estudo de caso, porque a partir do momento que o professor traz para o planejamento a realidade, seja da turma, seja do aluno, ou seja de fora da escola, que muitos também trazem como exemplos bons, exemplos positivos e negativos para gente pôr em prática, a gente não faz reunião de estudo teórico, a gente faz reunião de estudo de caso. Eu aprendo muito, mas eu aprendo nas reuniões de planejamento de uma forma mais prática, não teórica. Eu vejo assim, é pouco tempo, são duas horas só, então são muitos professores, são 11 disciplinas, eu tenho muitos professores, então eles se colocam muito nas questões que aconteciam na semana ou no mês que precisam ser resolvidas, que precisam ser sanadas, que precisam ser pensadas, que precisam ser modificadas para que aquela realidade melhore na escola, para que aquela realidade mude para aquele aluno. Então eu vejo a reunião como uma reunião muito mais prática, porque ali a gente coloca a situação, pensa em possibilidades e diz o que que a gente vai executar, coloca em prática para na outra a gente... duas reuniões depois ver se já deu resultado. Infelizmente, a gente ainda não conseguiu fazer reunião de estudo que foram poucas, quando veio é porque era a formação da fundação de fora, que alguns eu acho que nem rendeu muito, mas as cotidianas de planejamento é mais estudo de caso, com</p>	<p>Então, voltei a estudar. Aí fui fazer uma pós-graduação. Depois de muito tempo que eu fiquei sem estudar. Foram 16 anos sem estudar. Sem estudar na minha área. Eu estudei várias coisas em outras áreas. E aí voltei, então, a estudar na minha área. Fiz uma pós-graduação e aí o que me levou também a entrar no mestrado. Então, eu fui aprendendo e dar aula. Foi pensar no que é ser um professor. Então, sobre tudo. Reaprendi sobre o currículo – estou reaprendendo – sobre metodologia, sobre relações pessoais, interpessoais, sobre interações. Então, eu voltei a estudar sobre isso e estou reaprendendo sobre o meu trabalho como um todo. E já aprendi bastante coisa. Então, isso me fez, eu acho, que me tornar uma nova profissional. Uma nova professora. Isso me fez, eu acho, que aprendi foi muito bom. Foi muito construtivo, porque eu estou aprendendo ainda, e eu acho que isso foi fundamental ter esse desequilíbrio porque aí, então, eu pude me reinventar. Então, foi importante para mim.</p>	<p>Então, voltei a estudar. Aí fui fazer uma pós-graduação. Depois de muito tempo que eu fiquei sem estudar. Foram 16 anos sem estudar. Sem estudar na minha área. Eu estudei várias coisas em outras áreas. E aí voltei, então, a estudar na minha área. Fiz uma pós-graduação e aí o que me levou também a entrar no mestrado. Então, eu fui aprendendo e dar aula. Foi pensar no que é ser um professor. Então, sobre tudo. Reaprendi sobre o currículo – estou reaprendendo – sobre metodologia, sobre relações pessoais, interpessoais, sobre interações. Então, eu voltei a estudar sobre isso e estou reaprendendo sobre o meu trabalho como um todo. E já aprendi bastante coisa. Então, isso me fez, eu acho, que me tornar uma nova profissional. Uma nova professora. Isso me fez, eu acho, que aprendi foi muito bom. Foi muito construtivo, porque eu estou aprendendo ainda, e eu acho que isso foi fundamental ter esse desequilíbrio porque aí, então, eu pude me reinventar. Então, foi importante para mim.</p>	<p>Ah, eu acho que o tempo todo. Eu aprendo o tempo todo. Com meus alunos, com meus colegas. Às vezes, a gente aprende por assimilação ou por negação. Você olhar e vê, "Não, isso eu não quero fazer nunca na minha vida igual", mas eu acho que a gente se forma o tempo todo. Quando você prepara uma aula e você dá aula e você vê que não deu certo. Aí você tem que pensar outra forma. Isso é se formar. Isso é se construir como profissional. E aí professor deve, e eu tento fazer isso o tempo todo. Voltar atrás, reconhecer, reconstruir. E como eu disse. Não tem fórmulas prontas. Fórmulas prontas não dão certo. Elas dão certo num momento para um grupo específico. Mas para outro não funciona. Então essa construção constante na sala de aula é formativa. Ela faz a gente se reconstruir, a gente aperfeiçoar o que está fazendo. Acho isso.</p>

		<p>Acho que por isso que eu procuro repensar esse trabalho todos os dias. Para pensar na melhor maneira que eu posso trabalhar com eles essa questão e ajudá-los a superar essas dificuldades que eles têm. Então, eu me vejo numa responsabilidade muito grande em relação a isso. Então, acho que por isso que eu me avalio sempre todos os dias. Eu repenso. Eu tenho que reinventar porque se um trabalho não está dando certo de um jeito, eu tenho que procurar mudar, mexer para ver se dá certo de uma outra forma porque eu acho que é um trabalho de base mesmo. Então, saber ler e compreender o que eles leem. Saber escrever e desenvolver o pensamento, o pensamento crítico, acho que é fundamental, assim, um conhecimento de base para tudo que eles vão aprender em outras disciplinas. Então, acho que um trabalho muito sério. Um trabalho fundamental e que tem que ser bem feito. Então, eu me preocupo muito com isso. Repenso isso todos os dias. Tudo que eu faço em sala de aula eu avalio muito isso.</p>	
		<p>: Eu acho que um pouquinho dos dois. Como eu te falei, eu sempre tive contato com os livros e sempre fui apaixonada. A leitura me conquistou. Os livros me conquistaram desde criança. No meu cotidiano, a convivência com alguns professores que me marcaram, contribuíram também, mas também a minha busca pessoal. Dentro da minha família, fui a primeira pessoa a entrar na universidade. Sempre a maioria dos membros da minha família mal completou o Ensino Médio. Então foi também uma busca minha individual. Quando eu busquei fazer concursos, nunca tive ninguém da minha família que me orientasse a respeito disso, porque não sabiam mesmo. Então foi tudo uma busca muito pessoal. Então, lembro que concurso para outras áreas também que já fiz fora da Educação. Fui buscar, fui pesquisar sobre coisa que nunca tinha ouvido falar. Então sempre me aventurei por aí sozinha. Meu pai, muitas vezes não podia ir comigo. Então as pessoas, "Mas você vai para tão longe? Mas sozinha?" Eu sempre me aventurei muito sozinha porque na maioria das vezes eu não tinha quem me orientasse mesmo. Não tinha companhia. Então acho que foi um</p>	
		<p>Ah, sim. Com certeza. Elas são fundamentais. Até porque nós precisamos conversar sobre essas questões, sobre os problemas que acontecem e dos acertos. Planejar as ações pedagógicas. Fizemos muitos trabalhos legais que deram muito certo, deram resultados impressionantes mesmo. Precisamos ter esse contato. Acho que é fundamental. Então é muito positivo.</p>	
		<p>Eu acho que a nossa experiência, o nosso cotidiano. A partir dos problemas que nós temos. Os acertos e aí nós vamos nos dar conta da nossa necessidade e eu acho também que a troca. Essa conversa, essa formação que a gente tem ali. Uma experiência legal que aconteceu aqui, como um conseguiu resolver lá um problema tal. Então eu acho que é isso. Eu acho que é o cotidiano. São as nossas experiências do dia a dia. A partir delas, a gente pensa quais são as nossas dificuldades. O que precisamos superar? O que buscar para superar isso e nessas trocas, a gente consegue ver, assim, o que a gente pode buscar. Então eu acho que é mais isso. Eu não vejo nossa formação acadêmica, assim, pelo menos a que eu tive, há bastante tempo atrás, em 2000. Não tem nem tanto tempo assim, mas eu não vejo a formação que eu tive me preparando para o dia a dia que eu tenho não. Então eu acho que foi mesmo da experiência, do que eu busquei estudar depois e aí a experiência acadêmica que eu estou tendo agora mais recentemente tem ajudado bastante. Na pós-graduação e no mestrado. Mas que eu busquei também por causa das dificuldades que eu tive no dia a dia.</p>	

REFLEXÕES			
Lucia	Thais	Denise	Eu
Você vê o cuidado que eles têm com a escola. Não importa, de segunda a segunda, a escola está sempre limpa, sempre arrumada. Se alguém picha uma parede, no mesmo momento todo mundo se mobiliza, os alunos que não picharam vão lá e limpam, porque eles não querem aquele espaço deteriorado e sujo. Eles gostam de tá aqui. Então, isso é tão fantástico, isso é tão irpar!	Então, foram poucos professores daquela escola, isso foi uma coisa que me marcou, que abriram... esses professores hoje são meus amigos, que abriram a porta da sala para eu poder observar como é que era aquela aula, como que aquele aluno se comportava, se procedia a queixa do professor que o encaminhava para a O.E., para chamar a família, para fazer a anamnese, para encaminhá-lo para a psicóloga, para encaminhá-lo para a fono. Encaminhar por encaminhá-lo é muito comum, é muito fácil, é só você pegar um papel e mandar. A mãe que se vire, entendeu? Então foram poucos que abriram a sala para mim, entendeu? Que abriram as portas da sala e "Entre e veja!". E esses que abriram, muitas vezes a gente resolvia as questões aí. A questão era muito mais pedagógica do que o encaminhamento, porque os pais dos alunos da classe popular, eles não dão muita importância para isso. Se a O.E. chamar uma, duas, três, quatro, cinco, você vai continuar chamando, se ele tem que trabalhar, ele não vai. Ele não vai pegar nem o resultado.	Olha, eu acho que toda a luta, toda a batalha dos meus pais para criar os filhos. Assim, né lembro muito da minha infância, minha adolescência. O quanto eles foram super-heróis, sabe? E nós sempre fomos muito pobres. Tivemos muitas dificuldades financeiras, mas meus pais, dentro das possibilidades deles, eles sempre batalharam muito pelos filhos. Então, aí toda aquela força, toda aquela garra deles e a luta para manter os filhos na escola. Então, minha mãe sempre foi uma mãe muito presente na escola. Meu pai também sempre que podia. Então, minha mãe sempre cuidava do nosso material escolar. Os cadernos. Ela encapava os cadernos. Ela desenhava na primeira capa. Sempre fazia uns desenhos que ela coloria com lápis de cor. Ela fazia uma espécie de pozinho com os lápis e fazia uma pintura com o algodão. Sempre na primeira capa dos nossos cadernos. E a gente tinha muito zelo por aqueles desenhos, ela encapava. Naquela época, a gente usava muito papel pardo para encapar e plástico transparente. E ela cuidava sempre dos cadernos. Ela passava os cadernos com ferro quando tinha orelha. Ela cuidava de todo livro, do material! Nós chegávamos em casa, sempre mostrávamos as atividades. Ela queria ver sempre. Os desenhos. As pinturas. Então, eles sempre valorizavam muito isso.	O grande desafio aqui, eu digo em relação aos alunos, era conquistar a confiança deles. Que a gente não estava aqui de passagem, não estava aqui para brincar. A gente estava aqui para fazer um trabalho. Eu acho que esse foi um grande desafio com relação aos alunos e com relação à comunidade. Que a gente queria realmente fazer um bom projeto de trabalho aqui. Eu acho que esse foi um grande desafio. E os alunos eu acho que eles são a síntese da potencialidade. Eles podem tudo. E eles não percebem isso. E eu acho que esse é o nosso papel. É mostrá-los que eles podem sim, que eles têm condição de fazer o que eles quiserem. Basta se dedicar. Basta investir um tempo, vontade, dedicação. Quando eles fazem isso, acho que a gente sente vontade. Quando não fazem, quando a gente não consegue mobilizá-los para isso, aí é bastante frustrante. Eu, particularmente, como professora me sinto muito frustrada quando eu não consigo mobilizar a turma para aprender, para prestar atenção na aula, para fazer um trabalho, isso me derruba. Eu fico mal com isso. Quando eu proponho e nada acontece. Eu saio mal, eu fico mal, eu fico pensando aonde é que eu errei. Vamos
É o que a gente tenta fazer com os outros alunos, que eles sonhem. Que é o nosso projeto para 2017. Qual é o seu sonho? Eles têm que ter um sonho. Eles têm que ter alguma coisa, uma meta, uma coisa... que seja até intransponível, não importa, mas eles têm que almejar alguma coisa de grande...	Onde você tem a maior presença dos pais é da educação infantil, porque a criança ainda é muito pequenininha, não fala, então o pai é mais presente na escola. Fora isso, do fundamental I e fundamental II, eles não vão, só vão mesmo como a gente age aqui que são convocados. E como eu não tinha esse apoio da direção de convocar pais, porque não queria ficar mal com a comunidade, tinha que ser sempre uma... um bilhete meu. Então eu tinha muito pouco retorno da família. Então, eu conseguia resolver mais por essas vias... e aí como eu entrei... essas vias dos professores abrindo a sala de aula, eu conquistando o espaço no planejamento. Aí quando Gisele assumiu... logo eu engravei, eu voltei em dois mil... a trabalhar... eu engravei em 2005, voltei a trabalhar no final de 2006. E aí, no meio do ano de 2006, teve uma mudança na nomenclatura na... na fundação, que agora não era mais coordenação de orientação e supervisão educacional, como era antes. Era coordenação de articulação pedagógica. Então o orientador e o supervisor teriam que trabalhar de forma integrada, porque foi aí que o Wakleek já fez o concurso para pedagogo e mudou a nomenclatura. Quando eu voltei de licença maternidade, aquilo para mim foi uma realização, porque o quê que a diretoria havia feito? Um outro marco. Ela dividiu os grupos por profissional. O grupo de primeiro ano da manhã e da tarde, é de responsabilidade da Tatiana, o grupo de segundo ano é de responsabilidade da Mônica, o grupo do terceiro... o grupo de primeiro... de segundo ano é a Mônica, ela dividiu por pedagogo e aí eu pude ser a pedagoga, porque eu tomava conta, eu fazia tudo.	A minha mãe teve oportunidade de completar o fundamental. Mas ela sempre se queixava muito porque ela teve que trabalhar muito cedo. Também teve uma vida na infância, na adolescência e ela não conseguiu continuar. Não conseguiu fazer o Ensino Médio. Meu pai começou a trabalhar ainda quando criança. O meu avô era um homem muito ignorante. Então, ele achava que os filhos tinham que trabalhar junto com ele e que a escola atrapalhava. Então, ele impediu os filhos de estudar. Meu pai tinha uma espécie de revolta com essa situação dele não poder continuar. Eu acho que estudei até a antiga 6ª série, hoje 7º ano do Ensino Fundamental. E ele também se lamentava muito por não poder continuar, mas por isso, então, os dois insistiam tanto na educação dos filhos. E quando eu entrei na universidade, isso para ele significou muito. Eu fui a primeira. Então, os meus irmãos mais velhos, um não completou o Ensino Médio. O outro completou, mas não deu continuidade. Tentou vestibular algumas vezes e desistiu depois. E eu fui a primeira a entrar na universidade. Eu vi quanto isso significou para eles. Desde quando fui fazer as provas, que ele me levou.	Percebo. Eu percebo por parte dos alunos que vêm à escola de outra forma. Eu acho que eles têm um olhar de carinho com a escola. Aquele grupo inicial que a gente teve grande resistência, eles tinham resistência quanto à mudança. A escola mudou do Estado para a prefeitura. Então, a princípio, eles eram, assim, beligerantes, entram, eles entram prontos para amar o espaço. Prontos para amar o convívio aqui dentro. Isso é muito bom. Isso é, assim, uma construção desse grupo que está aqui desde o começo e os que vêm se agregando a esse grupo que estava lá, estava aqui desde o começo. A gente tem essa necessidade de criar um laço de afeto aqui dentro da escola. Eu acho que as crianças criam isso. Elas se sentem afetadas mesmo pelo ambiente. Eu acho isso muito legal. E os professores também porque, assim, é muito sintomático, professores que entraram aqui foram buscar formação. Eu, a professora de Língua Portuguesa, a professora de Ciências, a professora articuladora. Todos foram buscar se aperfeiçoar, fazer melhor, registrar o que fazem dentro desse ambiente escolar. O objeto é o mesmo. Todos falam dessa escola. Isso é sintomático. É sinal de que existe uma empatia muito grande nessa
O que foi mais marcante. Porque a gente estava lá pouco tempo aqui. Então, se fosse outro aluno, nem importaria tanto. "Ah, peguei mesmo e pronto. E daí". Como outros falam. E como a gente ficou muito tocado com aquilo, muito sensibilizado, chorava igual criança. Ela falou assim, "Mas por que vocês estão chorando assim?" Eu disse assim, "Porque a gente está decepcionada". "Mas por quê?" Eles perguntaram: "Mas por quê, tia? É isso". Mas não pode ser isso. Isso não pode ser comum, isso não pode ser banal.	Muito bom, que até hoje elas são minhas amigas, que é a Eliane, hoje diretora do Demerciano, que é a Débora, que é secretária lá da Lídia Maria, que foi da equipe de Luciana, que é a Isabel, que foi da equipe de Mara uma vez, que é diretora agora lá em Maricá. Então, elas pediram à Valéria que quem ficasse responsável por elas, pelo desenvolvimento da turma delas, fosse eu. Então, essa foi uma coisa que me marcou muito, Marcou muito. E aí já foi já na minha vida adulta e aí eu me desentendi lá na escola porque a direção se sentia muito ameaçada comigo, achando que eu ia... que eu queria botar chapa, que eu queria pegar o cargo da direção daquela escola. Isso foi em 2007, foi... que eu queria pegar a direção daquela escola, e aí ela criou... como eu atava, eu criei um certo clima com uma outra supervisora da escola e ela fez uma tripita, uma fofoca muito grande, eu não soube lidar com aquilo, eu passei muito mal. E aí eu fui para a Fundação para pedir remoção, porque estava tendo desentendimento na escola. E aí Tia me acolheu. Ela era coordenadora da gestão do meu polo, e na ocasião eu ia para o Levi Carneiro. Ivone se dava bem com Valéria, para me dar uma [coisa] no Levi Carneiro. Sei que falei assim pra ela,	O meu trabalho é muito importante. Acho que o trabalho com Língua Portuguesa e o trabalho com a linguagem é fundamental. Muitas dificuldades que os alunos têm, às vezes, com outras disciplinas diz respeito a isso. O trabalho com a linguagem. Então, a dificuldade em ler, interpretar. Em escrever, desenvolver um pensamento coerente. Vem da dificuldade com Língua Portuguesa. Então acho que é uma matéria, uma disciplina fundamental, assim, que os alunos precisam para desenvolver as habilidades em outras disciplinas. Então, é um trabalho muito sério. Um trabalho muito importante.	O que vem na minha mente? Comprometimento. Comprometimento. Generosidade. Afeto. Responsabilidade. Eu vejo tudo isso.
E aquilo também chocou eles, porque eu acho que, até então, o erro e o fracasso era a única expectativa que eles depositavam neles. E a reação ao erro e ao fracasso é a briga. Não é...	E aí, eu fiquei com ela por um ano, e nesse um ano, um monte de escolas foram surgindo. Ela perguntou se eu não queria assumir a direção de escola. Nunca passou pela minha cabeça, nem quando a diretora achava que eu ia montar uma chapa, que eu ia assumir uma direção. Nunca, nunca quis, nunca almejei... eu gostava do meu trabalho na escola e eu sentia muita falta da escola quando eu estava na secretária. Muita. Eu ficava bem quando estava na escola, quando estava na secretária, não estava legal. E aí ela falou que ia municipalizar o CIEP. E eu comecei a vir para cá, porque eu era coordenadora do Polo 3, então eu tinha que tomar pé da escola que ia ser municipalizada, até para ver quem ia ser diretora. E aí, uma vez que eu vim aqui, a escola muito destruída, muito depreciada. Voltou à tona tudo aquilo que eu vivi no CIEP lá em Nova Holanda, em Macaé. Eu lembrei das crianças, como eu fiz diferença em um ano que trabalhei lá. Eu via nos olhinhos daquelas crianças como era bom ter aquelas aulas, as aulas mais dinâmicas e tudo. Eu tive aqui três vezes antes de municipalizar. O prédio muito ruim, uma diretora muito ausente. Ela dizia que a escola funcionava em horário integral, você chegava aqui duas horas da tarde e já não tinha mais aluno, era um pingo de aluno, porque não podia fazer matrícula e tal... e aí, a escola municipalizou, na época teve uma reunião na SEEDUC que eu não fui. Nessa reunião tinha ficado acordado que a direção geral seria a cargo da fundação e a adjunta ficaria a mesma diretora que era do Estado.	: Sim. O tempo inteiro. Acho que eles me veem um pouco chata, repetindo o mesmo discurso. Porque hoje, se a gente pensar na nossa comunidade, e eu pensei muito esse ano devido às atividades que eu desenvolvi com eles, o quanto nossos alunos desconhecem do mundo que eles vivem e das oportunidades que eles têm. Então, eu me lembro que eu comecei a fazer uma discussão com eles sobre cotas raciais que eles não sabiam o que era isso, "Mas como assim? O que é isso? Que universidade? Que faculdade?". Então, dentro da comunidade, a gente vê que não existe uma valorização dessas oportunidades de educação e não é nem a questão da valorização ou desvalorização. É questão do não conhecimento mesmo. Eles desconhecem.	A mesma coisa. Comprometimento. Afeto. Responsabilidade. Eu olho para o grupo aqui e faço parte desse grupo e vejo pessoas assim. Comprometidas. Querendo fazer melhor. Afetadas pelos alunos. Generositas com os alunos. Eu vejo isso. É uma característica do grupo. Às vezes, é engraçado que inicialmente a pessoa está destoa. Alguém chega e não partilha muito desse princípio do grupo. Pouco a pouco essa pessoa vai sendo contaminada e vem fazendo parte. Vai se... Não sei. Vai perdendo aquela coisa do aluno lá, a gente aqui é tal. Não. Pouco a pouco essas pessoas vão mudando essa postura, essa visão do aluno. Acho que é de tanto a gente repetir, de a gente falar, e quando o caso é grave de não conseguir mudar mesmo, a pessoa não aguenta e pede para ir embora. É engraçado. O professor pede para ir embora. Não aguenta.

<p>...você se sentir... Você se sente mal em ver aquilo. O aluno levar uma esculhambação porque ele fez algo errado. A gente aqui não tem muito isso, não. A gente mostra as nossas fraquezas, a nossa sensibilidade. A gente briga com eles como briga com um filho. Briga, mas abraça e conversa. Chama no canto. Caso no dia um esteja mais estressado o outro assume. E vai lá e conversa. E é assim que eles falam com a gente. Você fez qualquer... você briga. Eles, "Não, tá, desculpa, desculpa, foi mal, foi mal, foi mal". Então é muito louco isso. Quando eu estou almoçando, estou vendo alguém fazer uma bobeira no rito. Eu reclamo, eles ao invés de, sei lá, de me fazerem um sinal feio, me mandar ir para o inferno, eles fazem o sinal de oração. Pelo amor de Deus. Tem alguma coisa aí... nem é muito errado, é muito certo. Isso é bacana</p>	<p>Foi essa professora do Jardim II, ela sempre me... eu lembro que ela sempre me incentivava muito, eu sempre era ajudante na sala, eu sempre botava os telhadinhos... Mais qual? E uma professora que eu tive no terceiro ano do ensino médio. Professora de Literatura. Ela era professora de Português e na época era Português e tinha Literatura e Redação para o vestibular. No final da aula, ela sempre contava história... histórias medievais, histórias de deuses... Então, eu ficava na aula dela sempre esperando o final para ouvir alguma história. Era impressionante. E ela contava em detalhes questões da mitologia e isso me atraía muito. Então, ela conseguia prender a minha atenção porque eu sempre ficava esperando o final da aula para ouvir alguma história de algum Deus, ela contava história de Atenas, ela sabia muito. Ou ela declamava um poema, ela sempre terminava a aula com uma coisa diferente. Então foi isso, foi na minha educação infantil, no ensino médio e na faculdade, foram os três professores que me marcaram</p>	<p>Isso. Então quando alguns alunos do 9º ano vieram dizer que estavam interessados em prestar prova para o Colégio Pedro II, eu até pensei, "Puxa, mas são tão poucos. Podia ser mais". Mas aí conversando com os alunos, eles desconhecem. Eles não sabem que escola é essa. Então, eu acho que é importantíssimo, assim, o nosso papel aqui de mostrar para eles que o mundo é grande e que eles têm algumas oportunidades e que as únicas pessoas que vão falar sobre isso com eles somos nós. Dentro da família não tem. Eles não têm contato com pessoas formadas. O único contato que eles têm com pessoas de educação superior são professores e médicos da comunidade. Então, falta para eles esse conhecimento mesmo de que tipo de oportunidade esperar por eles lá fora. O que eles têm além daqui do Caramujo. Então, eu acho que nós devemos fazer isso sempre. Estar falando com eles sempre sobre isso. Estar informando mesmo. Acho que entra até como novidade. Muitas coisas eles não sabem. E essa turma, quando eu trabalhei com eles a respeito das cotas incluíam, eles pediam, escolheram falar sobre racismo. Então, ao final das atividades, eles estavam perguntando, "Professora, mas e aquela escola que você falou de Ensino Médio? Como é que funciona? Aquele curso tá?" Então tudo para eles é novidade. E aí eles passaram a ter o interesse. Eles querem saber mais a respeito disso. Eu lembro até de um aluno que falou assim para mim, "Professora, antes eu não me importava com isso não. Nunca pensei em prosseguir os estudos. Mas agora estou interessado. Então eu queria saber sobre a escola tal que você falou". Então, muitos aqui não sabem das oportunidades que eles têm de que o mundo é grande e que eles podem prosseguir nos estudos e ir para áreas diversas. Eu acho que nós</p>	<p>O que eu percebo, assim, quando eu falo dos alunos aqui da escola, eu falo com o olho brilhando. Porque eu acho que eles são alunos especialíssimos. Eles vão pouco a pouco se apertando por esse ambiente, gostando de estar aqui. Eles reclamam, às vezes, porque ficam aqui o dia inteiro, "Ah, que saco estudar até às 16h!", mas eles adoram. Quando eles saem daqui, eles voltam aqui. Eles vêm aqui nas férias. Às vezes, saem mais cedo, mas ficam na escola. Eles gostam da escola. Eles têm um carinho grande pela escola que foi construído pela equipe que aqui está. Com certeza. Essa abertura, esse acolhimento se reflete nessa maneira dos alunos se comportarem com relação à escola. É uma escola que não é destruída, não é pichada. É uma escola que é preservada e a gente está num cenário de obras. A gente só tem um andar que foi mal e poracamente reformado para a gente poder ocupar para que eles fizessem a obra no andar de baixo, que não aconteceu e, no entanto, eles têm carinho pela escola. A escola não é toda rabiscada, não é toda suja. Quando isso acontece, eles mesmos, "Ah, foi fulano que rabiscou!" Eles não gostam. Acho que eles criaram uma</p>
<p>O que dirá na Zona Sul, aquelas casas lindas... então assim já começa a ampliar um pouquinho o horizonte deles. E estar em um espaço de elite, que é a AABB que algumas vezes, eles participavam aquele lugar com os alunos do fórum cultural, com alunos do Gay Lussac. Tudo muito louco aquilo. Quanta subversão! E foi muito bacana, porque foi um ano que a gente teve a oportunidade de fazer muitos passeios. Todo mês a gente tinha um passeio diferente. Então eles foram ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, museu do Light, Maracanã, na sede do Projeto Fernanda Keller. Então todo mês, todo mês tinha aquele passeio. E uma coisa que a gente nunca permitiu é que os nossos professores também bancavam. O projeto nunca foi barganha. A gente nunca barganhou com um aluno. "Oha, se você não se comportar, você não vai. Se você fizer bagança você não vai naquilo. Se você não for bom aluno..." Isso nunca aconteceu. Porque era um direito deles. E eu acho que aquilo também foi importante, essa postura de não barganhar. Nunca deixou mexer no projeto. "Não, se vai punir, vai punir de outro jeito. No projeto ninguém mexe". E eles tiveram muitas oportunidades. Eu acho que foi</p>	<p>O que me marcou muito foi um aluno em 2014, na verdade eram dois irmãos. Foi no primeiro ano de funcionamento da escola. Eles vieram de outra escola da rede, do João Brasil. Eles eram envolvidos no tráfico, eles me enfrentaram. Além disso, eles debochavam dos alunos NEES. Aquilo me afetava muito. E logo no início... eram três irmãos, uma irmã e dois meninos, eu vi que aquele perfil não condizia com a realidade da escola que a gente estava oferecendo. Então, eu bati de frente com esse aluno e convidei a mãe a levar esse aluno para uma outra escola, uma escola de horário ampliado para ele não dava, não dava. Ele enfrentava os professores, ele não queria entrar em sala de aula, ele só entrava quando ele queria, tanto ele quanto o irmão, ele zinzava pelo corredor, ele passava pelo carro dos professores e arrastava... Isso não dava. Rabiscava parede, pichava tudo. E aí quando, numa conversa que eu tive com a mãe dele, argumentando que não dava mesmo para ele permanecer nessas condições, ele sentado no corredor olhando para dentro da minha sala, me ameaçou. Ele saiu da escola e ficou um bom tempo andando pelo portão da escola me ameaçando. Isso mexeu comigo, mas ao mesmo tempo me fortaleceu com outros alunos, "Não, ele faz, a escola faz, faz e banca", entendeu? Porque, infelizmente, ele servia de exemplo negativo, mas para mostrar para os outros que "Não, não é esse perfil, se você quer ficar aqui, você não pode ter esse tipo de comportamento". Várias chances foram dadas para eles, mas eles não mudaram e continuavam enfrentando. Com a saída dele eu tive uma melhora muito grande no comportamento dos alunos. Foi visível a melhora no respeito ao professor, acabaram as pichações na parede e nas carteiras. Então, foi um exemplo para os outros, mas isso mexeu muito comigo, mexeu muito comigo. Tanto que até em 2015 teve uma vez que ele estava de bicicleta no portão, eu estava saindo de carro e ele falou, "O quê que foi? O quê que você está olhando?" E eu abaixei o vidro e falei assim, "Eu não quero você na porta da escola", e ele fez um sinal com um dedo de uma arma como se tivesse atirando em mim. Ele estava de bicicleta. Eu esperei, fiquei dentro do carro, o porteiro pediu para ele sair e aí ele subiu a rua de bicicleta. Isso foi uma coisa assim, que me marcou muito. Agora, a questão das operações policiais... já tivemos umas três vezes tivemos que colocar os alunos no corredor, porque o tráfego estava violento fora da escola. Minha sala no andar de baixo, em 2014, foi abejada de bala no vidro. Infelizmente, isso a gente já age de uma forma mais natural. Digo, infelizmente, porque não era pra acontecer. Mas são coisas que acontecem, que no momento deixa a gente muito preocupado de que como a</p>	<p>Eu acho que é isso mesmo. Eu acho que é um desafio da educação da nossa época. Principalmente dentro de escolas que estão localizadas em comunidades como a nossa com muitos problemas em relação à violência. Eu acho que é um desafio para a gente conseguir atingir esse potencial dos nossos alunos. Então, se a gente segue aquele modelo de educação muito tradicional, a gente não consegue fazer isso. Acho que a gente ficar muito preso ao currículo, à matéria que a gente tem que abrange, sem pensar se o aluno aprendeu ou não. Mas, às vezes, a gente fica muito preso a isso. A questão do planejamento, em abrange, dar conta de conteúdo. Eu acho que a gente precisa pensar mesmo nos alunos que eles precisam e como a gente pode ajudar. Lógico, sem jogar o currículo de lado. O currículo é importante, também. Mas eu acho que a gente precisa olhar mesmo para esses alunos pensando nesse potencial que eles têm e como a gente pode explorar isso. Quais são as necessidades? o que eles precisam? o que mais precisa ser trabalhado? Muitas vezes, assim, são questões que vão muito além do currículo, entendeu? Então, mostrar que eles têm muitas oportunidades de estudo. Muitas vezes nós conversamos com os nossos alunos e achamos que eles já têm aqueles determinados conhecimentos. E eles não os têm. Então fiquei meio espantada esse ano quando eu vi algumas discussões com eles, assim, eles não sabem diferença entre Ensino Fundamental, Ensino Médio. Quando nós falamos, "Oha, vocês já estão prestes a entrar no Ensino Médio? O que é Ensino Médio? Nós achamos que eles já sabem. Então, muitas vezes nós julgamos nossos alunos sem entender o que eles sabem, o que eles não sabem, o que eles precisam aprender. Nós partimos de um caminho julgando muito. Achando que eles são desinteressados, que eles não têm perspectiva. Muitas vezes falamos isso, "O aluno não tem</p>	<p>Eu me sinto muito feliz de trabalhar aqui e de ter a possibilidade de estar sempre fazendo diferente. De eu não ser o mesmo profissional de um ano para o outro e acho que, mais legal ainda, não ser cobrada por isso. De fazer tudo ao igual. Eu acho isso muito bom. Ter uma sala ambiente que foi possível construir. A direção criar um horário para que essa sala ambiente acontecesse. Esse ano, a sala ambiente está proporcionando uma metodologia diferente de trabalho. Eu estou trabalhando de forma diferente com os alunos. Tentando fazer um entrosamento maior com outros professores para poder fazer um trabalho mais completo, mais integrado. Eu acho que só é possível aqui. Eu não vejo possibilidade... Eu trabalho no Estado, numa escola que também é pequena e não vejo isso acontecer. Não vejo essa possibilidade. É uma escola mais engessada. Aqui, por ser uma escola onde a fundação não influencia muito, porque não entende o que é feito aqui, as pessoas não entendem, não sabem o que acontece aqui e não estão interessadas porque são convidadas a vir e a entender e não entendem, não vem para entender. Então a gente tem liberdade para fazer, para pensar, para ouvir, para criar. E isso é fantástico em</p>
<p>Se eu fizesse um horário flexível para alguns alunos, tipo crédito, "Tá bom, você vem aqui e assiste aula de futsal e ciclismo", eu acho que eles fariam. E porque isso também é uma coisa que a gente tem que começar a pensar, no contexto. Como que essas crianças mais erradas que estejam a escola ainda é...</p>	<p>...desesperados. Essa questão da violência de operação na comunidade, de tiroteio é uma coisa que afeta eles porque eles não são crianças pequenas, eles têm noção do que é um tiro, da onde está vindo, de que boca, quem são os amigos que estão lá. É uma coisa que a gente tem que ter sangue frio, aguardar, ir liberando quando possível, mandando eles terem calma. Mas isso não me assusta. Infelizmente, numa escola dentro de comunidade, isso é uma coisa que acontece. É a realidade que está posta. Mas é assim, nos revolta porque não respeitamos o horário escolar, não respeitamos esse horário que as crianças estão transitando na rua. E a gente fica muito chateada da forma que eles são abordados pelos policiais e pelos próprios bandidos, às vezes eles contam para gente. Isso deixa... mas isso não me assusta. O que me assustou mais foi essa situação com esse aluno em 2014 porque foi uma ameaça mais direta.</p>		
<p>...um lugar que eles querem estar, que é a referência. Então a gente tem que repensar isso aí também. Que é um passo também. A gente tá tentando amadurecer, precisa evoluir com o ser humano.</p>	<p>Vejo. Ao estudo são poucos. Porque por mais que a gente tenha o discurso, que a gente converse, que a gente diga que é importante, que a gente mostre o quanto isso é importante, que a gente dê exemplos de vida, que eu dou o meu, que eu vim de escola pública, universidade pública. São poucos os que apresentam mudança assim, um avanço, de uma progressão que vai subindo, que veio ruim e vai subindo. Mas assim, de comportamento social, de apresentação, de fala, de chegada, de saída, de como ficar na escola, eu sinto muita diferença, eles melhoraram muito. Esses dias eu estava vendo uma publicação, não sei se foi no jornal que saiu uma foto de uma sala de aula e eu reconheci a professora, era uma professora da Paulo Freire, terceiro e quarto ciclo. A primeira coisa que eu bati o olho foi ver que a turma inteira estava de boné na sala. Aí falei assim, "Gente, lá na escola a gente não permite as crianças assistirem aula de boné". A gente não permite por quê? Aí se escondem, eles não enxergam direito no quadro, aquilo faz uma sombra, não tem sol dentro da sala de aula para estar com boné protegendo a cabeça. Não é um lugar de uso de boné. Qual a justificativa para estar com boné dentro de uma sala de aula</p>		

<p>Eu acho que não é um fardo. Que já é uma grande coisa. Não é uma coisa pesada, não é uma coisa ruim. Que a gestão é sempre muito chata. Temos que lidar com burocracia, com política, com mesquinhas. Porque não é só a escola. A questão é direção também, e o resto do mundo. Mas você ser copartícipe daquilo ali, ser corresponsável, você está junto. E eu me sinto muito junto das coisas que acontecem na escola com alguns alunos. Quando eu falo dos alunos da Antônia, são os meus alunos, mas meus porque não... "Ah, é dona". Não, porque são meus mesmo, porque eu sei de cada um. Eu sei a letra de cada um, eu sei o que cada um escreve, eu sei se um está doente, eu sei se brigou com o namorado, isso eu sei. Então é isso.</p>	<p>Não. Já falei tanto... Falei desde o início. Eu acho que não. Eu acho que assim, eu... foi o que eu falei para Luciana, eu tenho um propósito aqui à frente da escola que eu espero que conclua esse ano, é terminar essa obra e fazer daqui uma escola de horário integral de primeiro ao nono ano. Não que a gente não quer ficar só de sexto ao nono, a gente quer transformar a escola com pelo menos uma turma de cada ano de escolaridade em horário integral, para receber as crianças das escolas de 1º e 2º ciclos da região. E aí quando isso tiver pronto, funcionando, com aval ou sem aval da Secretária, porque a gente vê que a escola funciona, com ou sem o aval da Secretária a escola funciona, ela tem que funcionar. Então, muitas coisas que eu acreditava enquanto era coordenadora, e estava lá, quando a gente senta aqui dentro da escola a gente vê que é, às vezes é, buehê, que na prática as coisas mudam. Então quando isso acontecer, eu acho que eu vou ter assim, uma meta, um sonho realizado e vou dar esse propósito como cumprido e vou partir para outro desafio, porque é isso que me motiva, são os desafios. Agora, enquanto isso não acontecer a gente continua lutando para terminar a obra, tenta fazer as coisas da melhor forma possível, tentando ouvir, às vezes muito desacreditada das questões governamentais, totalmente. Vendo que a escola por si só tem que dar o seu jeito. Eu acho que é isso. Não sei quando que eles vão terminar não, mas a gente vai... e eu acho que é até bom, porque só assim a gente vai crescendo gradativamente. Em 2014 a gente tinha quatro turmas, em 2015 a gente tinha cinco turmas, em 2016 a gente tinha seis turmas, agora em 2017, ... no momento eu tô com cinco turmas, mas porque a gente quer abrir, outros espaços pra essas crianças não ficarem só em sala de aula, então eu bancando cinco turmas.</p>		
<p>Eu acho que foi porque é um pouco um casamento. Quando as pessoas são muito amigas, os defeitos, os problemas, por maiores... você sempre vai ficar em segundo plano, porque sempre vai ter um contraponto. E foram pessoas muito queridas que estavam juntas, pessoas que se conhecem também de outros espaços, o que é diferente. Você convive com uma pessoa a vida toda, mas é em uma outra relação. Não é em uma relação de embate. Então vai ser amigo a vida toda. Mas eu acho que algumas relações foram importantes para manter a escola como ela caminha, exatamente por conta da amizade e da confiança que um tem no outro. A pessoa pode estar toda errada, mas eu confio que naquela hora ela não vai falhar, ela não vai fazer bobagem. Então, isso aí é bacana, isso é importante, você ter confiança no outro. Porque na hora que o bicho pega, vai estar lá, e vai fazer, e vai falar, e vai se apresentar, e vai ter produto. Isso aí é importante. Você não se sentir sozinho, você não está desamparado, sabe que você tem rede, você sabe que tem para onde cair. Se você cair, o outro vai fazer. E se você achar que só você que está segurando o mudo, é difícil. Você ter um apoio é importante.</p>			
<p>Não... eu fico feliz da Universidade abrir espaço para falar de uma vivência, de uma escola que não é tão grande, que não tem tanta visibilidade, para a gente mostrar um pouco o que pode ser a escola. É perfêia? Não é. Fala muita coisa? Fala. Mas ainda nas ausências, pode-se fazer um bom trabalho. E aí volta o discurso dos professores. Não é na carência, não é na ausência, não é na falta, não é no fracasso que a gente tem que se pautar o tempo todo. Está bom, isso tudo acontece, a gente erra um monte de vezes. Alguns alunos fracassam, alguns professores fracassam também, mas não é o mais importante. Quantos conseguiram? Quantos avançaram? Quantos... Ainda que não estejam no seu melhor, avançaram absurdamente, melhoraram, tão lendo em voz alta? Quantos no sexto ano não sabiam ler e agora participam de saraus literários, produzem textos e vão à frente e kem para a plateia, não tem nenhuma vergonha de falar para os seus colegas. Então, a gente tem que pensar mais no que a gente já conseguiu, o que deu certo. Eu acho que fica menos doído. Porque lidar com a frustração é muito ruim. Então vamos pegar essas pequenas grandes vitórias e...</p>			
<p>Vamos valorizar, vamos valorizar porque os outros veem o que as crianças veem. E eles se apoiam, eles são muito menos preconceituosos do que a gente. Eles têm menos receio, eles são mais fraternos também. Então, eles vão conseguir. Tem uma batalha aí longa ainda pela frente, mas eu tenho certeza que eles vão conseguir ter sucesso obterão êxito. Eu acho que sim. Muitos aqui vão conseguir, eu tenho certeza. É isso.</p>			